

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

**CONCURSO LITERÁRIO VIAJANDO NA LEITURA.
COLETÂNEA DE PREMIADOS E MELHORES TEXTOS**

2023

CONCURSO LITERÁRIO

VIAJANDO NA LEITURA

COLETÂNEA DE PREMIADOS E MELHORES TEXTOS.

2023

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Sumário

Apresentação.....	10
Sobre o Viajando na Leitura.....	11
PREMIADOS	
Poesia – Entre 18 e 30 anos.....	14
Victor Alves Pereira (1º lugar)	
Dédalo.....	15
Fernando Dumard da Gama (2º lugar)	
Saudade.....	16
Lais Victoria dos Santos Silva (3º lugar)	
Amor a um fantasma	17
Poesia – Acima de 30 anos	18
Valdemir Henrique Policer (1º lugar)	
Doce de Mamão com leite	19
Paulo Cezar Tórtora (2º lugar)	
Saudade e esperança.....	21
Elvira Glória Drummond Miranda (3º lugar)	
Contemplando a travessia.....	22
Crônica – Entre 18 e 30 anos	23
Fernando Trevisolli de Britto (1º lugar)	
O Menino dos Meus Olhos.....	24
Cristiane Machado (2º lugar)	
Saudade.....	27
Roseana Souza das Neves (3º lugar)	
Saudades Simultâneas.....	29
Crônica – Acima de 30 anos.....	31
Richardson Jorge Dias da Silva (1º lugar)	
A casa.....	32
Christina Aparecida Negro Silva (2º lugar)	
Emma	34

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Emily Vieira Antonetti Brocco (3º lugar)	
Universo particular	36
MELHORES TEXTOS	
Poesia – Entre 18 e 30 anos.....	39
Taíza Vitória Cequinel	
Menininha	40
Pâmela Beatriz Guimarães da Silva	
O Que é? O que é?	41
Poesia – Acima de 30 anos	42
Cristina da Silva	
Saudades de Joaquina.....	43
Geraldo Trombin	
Infindável rio	44
Wiliam Ricardo de Freitas	
Saudade sem fim.....	45
Claudio Antonio Chirelli	
Saudade	46
Edileuza Bezerra de Lima Longo	
Saudade	48
Iteuane Faccinni Casagrande	
O que é saudade?	50
Rodrigo Domit	
Reminiscências	51
Pablo Cermeño Mendonça Kaschner	
Estatuto do pré-homem.....	52
Crônica – Entre 18 e 30 anos	54
Laís Ferreira de Oliveira	
Memórias e Saudade.....	55
Klausney Muniz Sampaio	
O lugar da Saudade	57
David Ehrlich	
Saudade, Substantivo Singular	59

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Deborah de Goes Messias	
Memórias que florescem junto da primavera	61
Marina Barrichello Marone	
O presente da saudade	63
Marlon Souza Faria	
A história da minha vida	65
Angelica Cardoso Ribeiro	
Orion	67
Amanda Kristensen de Camargo	
Uto-pia	69
Ana Huang	
Mudança	71
Crônica – Acima de 30 anos	73
Tiago dos Santos de Souza Hatayama	
Severino	74
Nalu Saad Pires	
Onde a saudade vive	78
Crônica – Acima de 30 anos	83
Richardson Jorge Dias da Silva	
A casa	84
Christina Aparecida Negro Silva	
Emma	86
Emily Vieira Antonetti Brocco	
Universo particular	89
MELHORES TEXTOS	91
Poesia – Entre 18 e 30 anos	92
Taíza Vitória Cequinel	
Menininha	93
Pâmela Beatriz Guimarães da Silva	
O Que é? O que é?	94

Viajando na Leitura

PIRACICABA - SP

Poesia – Acima de 30 anos	95
Cristina da Silva	
Saudades de Joaquina	96
Geraldo Trombin	
Infundável rio	97
Wiliam Ricardo de Freitas	
Saudade sem fim.....	98
Claudio Antonio Chirelli	
Saudade.....	99
Edileuza Bezerra de Lima Longo	
Saudade.....	101
Iteuane Faccinni Casagrande	
O que é saudade?	103
Rodrigo Domit	
Reminiscências	104
Pablo Cermeño Mendonça Kaschner	
Estatuto do pré-homem.....	105
Crônica – Entre 18 e 30 anos	107
Laís Ferreira de Oliveira	
Memórias e Saudade.....	108
Klausney Muniz Sampaio	
O lugar da Saudade	110
David Ehrlich	
Saudade, Substantivo Singular	112
Deborah de Goes Messias	
Memórias que florescem junto da primavera	114
Marina Barrichello Marone	
O presente da saudade.....	116
Marlon Souza Faria	
A história da minha vida	118
Angelica Cardoso Ribeiro	
Orion	120
Amanda Kristensen de Camargo	
Uto-pia.....	122

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Ana Huang	
Mudança.....	124
Crônica – Acima de 30 anos.....	126
Tiago dos Santos de Souza Hatayama	
Severino.....	127
Nalu Saad Pires	
Onde a saudade vive.....	131
Branca Lescher	
Estrada de Santos.....	135
Marcelo Pereira da Silva	
A filha de Nair.....	137
Edweine Loureiro da Silva	
Cine Chaplin.....	140
Maria do Rosário Rodrigues da Cruz Nazareth	
Nas rotas da saudade.....	142
Eduardo Soares Jorge	
Saudade.....	144
Nilza Menezes dos Santos	
Festejos; saudades.....	146
Aldemir de Oliveira Morais	
Saudades de alguém.....	148
Luiz Eduardo de Carvalho	
Saudade da Infância.....	150
Crônica – Acima de 30 anos.....	151
Richardson Jorge Dias da Silva	
A casa.....	152
Christina Aparecida Negro Silva	
Emma.....	154
Emily Vieira Antonetti Brocco	
Universo particular.....	157
MELHORES TEXTOS.....	159
Poesia – Entre 18 e 30 anos.....	160

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Taíza Vitória Cequinel	
Menininha	161
Pâmela Beatriz Guimarães da Silva	
O Que é? O que é?	162
Poesia – Acima de 30 anos	163
Cristina da Silva	
Saudades de Joaquina.....	164
Geraldo Trombin	
Infundável rio	165
William Ricardo de Freitas	
Saudade sem fim.....	166
Claudio Antonio Chirelli	
Saudade.....	167
Edileuza Bezerra de Lima Longo	
Saudade.....	169
Iteuane Faccinni Casagrande	
O que é saudade?	171
Rodrigo Domit	
Reminiscências	172
Pablo Cermeño Mendonça Kaschner	
Estatuto do pré-homem.....	173
Crônica – Entre 18 e 30 anos	175
Laís Ferreira de Oliveira	
Memórias e Saudade.....	176
Klausney Muniz Sampaio	
O lugar da Saudade	178
David Ehrlich	
Saudade, Substantivo Singular	180
Deborah de Goes Messias	
Memórias que florescem junto da primavera	182
Marina Barrichello Marone	
O presente da saudade.....	184

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Marlon Souza Faria	
A história da minha vida	186
Angelica Cardoso Ribeiro	
Orion	188
Amanda Kristensen de Camargo	
Uto-pia.....	190
Ana Huang	
Mudança.....	192
Crônica - Acima de 30 anos.....	194
Tiago dos Santos de Souza Hatayama	
Severino	195
Nalu Saad Pires	
Onde a saudade vive.....	199
Branca Lescher	
Estrada de Santos.....	203
Marcelo Pereira da Silva	
A filha de Nair.....	205
Edweine Loureiro da Silva	
Cine Chaplin	207
Maria do Rosário Rodrigues da Cruz Nazareth	
Nas rotas da saudade	210
Eduardo Soares Jorge	
Saudade	212
Nilza Menezes dos Santos	
Festejos; saudades.....	214
Aldemir de Oliveira Moraes	
Saudades de alguém.....	216
Luiz Eduardo de Carvalho	
Saudade da Infância	218
Karine de Fátima Ferreira	
Quase saudade.....	220
Délío José Cordeiro Galvão	
Gosto de saudade.....	222

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Leda Coletti	
Um preito à Saudade.....	225
Bruna Salgado Baldez	
Doralice	226
Comissão Julgadora.....	227
Organização	227
Apoio	227
Patrocinadores.....	227
Diretoria da Academia Piracicabana de Letras	
Triênio 2022-2025.....	227
Conselho Fiscal	228
Conselho Editorial	228
Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba...	228
Biênio 2022-2024.....	228
Suplentes da Diretoria	228
Conselho Fiscal	228
Suplentes do Conselho Fiscal.....	229
Comissão de Publicação.....	229

Apresentação

É com muita alegria que estamos lançando esta publicação contendo os textos premiados no concurso literário do Viajando na Leitura.

Todos os participantes foram convidados a escrever sobre saudade, um referência ao Saudade, livro mais significativo do escritor piracicabano Thales Castanho de Andrade publicado em 1919.

O concurso foi organizado em duas categorias, crônica e poesia, e em duas faixas de idade, entre 18 e 30 anos e acima de 30 anos. Recebeu 354 textos válidos de 20 estados brasileiros e nove países.

A escolha dos melhores textos foi realizada pela Comissão Julgadora, formada por pessoas da área educacional ou com grande experiência em concursos literários.

A Comissão Organizadora do Viajando na Leitura agradece a participação de todos no concurso.

Sobre o Viajando na Leitura

O Viajando na Leitura foi lançado em 17 de outubro de 2022, por iniciativa do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba (IHGP) e Academia Piracicabana de Letras (APL). Teve apoio do Rotary, Prefeitura do Município de Piracicaba e Transporte Urbano Piracicaba (Tupi) e patrocínio do Pecege e Colégio Objetivo.

O objetivo principal do projeto foi promover e incentivar a leitura junto aos usuários do sistema de transporte coletivo de Piracicaba. Geladeiras literárias, localizadas em quatro terminais de ônibus, distribuíram gratuitamente mais de 4 mil livros aos passageiros. Os terminais foram fundamentais para o sucesso do Viajando na Leitura, pois transitam pelo local quase 100 mil pessoas por dia.



Diversas atividades foram desenvolvidas para promover a leitura. A primeira delas foi homenagear o piracicabano Thales Castanho de Andrade, que é um dos precursores da literatura infantil no país, principalmente quando o assunto é ecologia e natureza. Adesivos colocados em ônibus,

Viajando na Leitura

PIRACICABA - SP

terminais e pontos de ônibus divulgaram o projeto e levaram a mensagem do Thales para todos os cantos da cidade.



Os leitores tiveram acesso a dezenas de livros digitais sobre a história e a literatura de Piracicaba publicados pelo IHGP e APL. Cartazes foram distribuídos com QRCode para a leitura das publicações via celular ou tablete. O projeto contou com um concurso literário, que recebeu 354 textos de 20 estados brasileiros e nove países. O tema do concurso foi saudade, uma referência ao Saudade, livro mais importante escrito por Thales Castanho de Andrade. A entrega dos troféus e certificados aos melhores colocados no concurso foi realizada no evento de encerramento do Viajando na Leitura no dia 11 de fevereiro de 2023.



PREMIADOS

Poesia - Entre 18 e 30 anos

Victor Alves Pereira
(1º lugar)

Dédalo

Não à toa a essa vida cá corrente,
por mais que tanto me valha e seja boa,
faltam asas como as do tempo que voa
pra voltar ao que foi antes meu presente.

Falta o sorriso na cara. E eu, carente,
me lembro de quando rei fui sem coroa.
Me sobra um péssimo espaço na pessoa
– é um braço que esmaga o coração da gente.

Saúdo a saudade como a um velho amigo.
Do que tinha e já não tenho ando faminto;
porém, por instinto, isso apenas digo.

Ariadne! Puxa o fio do labirinto,
esse cordão preso à mãe como o d'umbigo,
e arranca-me das paredes do que sinto.

Fernando Dumard da Gama
(2º lugar)

Saudade

Minhas maiores saudades
Não são descritas só em palavras
Mas nos momentos dos melhores lugares
Em uma das cidades mais amadas.

Bem no Parque da Rua Porto
Me imagino num aeroporto
Pois sobrevoam na imaginação
Memórias de um tempo de gratidão.

Do Museu da Água
Sinto falta de uma bela vista
Que me traz uma sensação mista
De sentimentos longe da mágoa.

Mas minha recordação preferida
É do Alto do Mirante
Que me faz sentir gigante
Nessa cidade tão querida.

Vejam só quantos amores!
A falta que sinto me traz dores
E sentir saudades de Piracicaba
É um gostinho que não acaba.

Lais Victoria dos Santos Silva
(3º lugar)

Amor a um fantasma

De todas as nossas noites de verão
Guardo as memórias em meu coração
De alguém que me esfaçalhava
E logo implorava perdão

Hoje me deito no inverno
Esperando por um fantasma
Que sequer me amava
E me prendeu como a sua escrava

Agora vivo de instantes
Todos eles tão insignificantes
Meu castigo é a cruz que carrego
Saber que todos os dias
Ainda te espero

Essa é a saudade
Do meu amor mais doído
Que apesar de tudo
Por mil vidas
Implorei que não tivesse partido.

Poesia - Acima de 30 anos

Valdemir Henrique Policer
(1º lugar)

Doce de Mamão com leite

Minha avó,
de pé ante o fogão a lenha,
a mexer com sua colher de pau,
o doce;
com seu lenço a cobrir-lhe a sabedoria,
seu avental a atribuir-lhe autoridade.
Para minha visão pueril,
era uma feiticeira disfarçada de avó,
a preparar uma poção mágica
em seu caldeirão encantado.

Ela jogava no seu caldeirão
mamão, açúcar, cravo e leite;
mexia ritmicamente aquela receita infalível,
círculos perfeitos,
ora à esquerda,
ora à direita.
Parecia balbuciar,
enquanto mexia,
algum feitiço secreto;
para mim,
era tudo um rito.

Veza ou outra,
me fitava e sorria,
eu,
claro,
retribuía.

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

O fogo crepitava,
parecia dialogar com ela,
algum idioma perdido,
dos druidas,
dos alquimistas.

E o doce ia ganhando forma,
ia apurando, decantando.
O fogo ia crepitando,
a colher de pau girando ,
minha avó murmurando
um feitiço ou oração.

Ah! aquele doce mágico
morreu com ela;
nunca mais provei igual.
Por isso,
hoje tenho certeza ,
Minha avó não cozia doce,
ela cozia poesia.

Paulo Cezar Tórtora
(2º lugar)

Saudade e esperança

Desfio a dor pungente da saudade
nos vãos e labirintos da memória.
Sou náufrago à deriva de uma história,
afoga-me a lembrança que me invade.

No inverno de uma ausência, então, quem há de
trazer do sol a áurea trajetória
e os dias de esplendor, amor e glória,
distantes desta triste realidade?

No giro da engrenagem do destino
a luz da tua imagem descortino,
risonha a me esperar no fim da trilha.

Um dia esse sofrer que nos vergasta,
no encontro, ele haverá de ter um basta,
porque o amor é joia que rebrilha.

Elvira Glória Drummond Miranda
(3º lugar)

Contemplando a travessia...

Importa o destino? Juro que não!
Num ônibus hei de só divagar...
E cada trajeto traz emoção,
colete saudade em todo lugar.

A esquina desdobra a doce ilusão,
resgata o passado... o faz palpitar.
Os olhos resvalam feito canção
(a soma das notas nunca é vulgar!)

E saltam lembranças... cândidas, ternas...
que, enfim, desembrulham coisas eternas.
E a cada parada, adentra o menino

que aviva rumores, sopra a magia,
relembra paixões, em vã travessia...
Pois vale o caminho mais que o destino.

Crônica - Entre 18 e 30 anos

Fernando Trevisolli de Britto
(1º lugar)

O Menino dos Meus Olhos

*“poço desse mundo inverso
onde o esquerdo é que é o direito,
onde as sombras são os corpos,
e à noite ninguém se deita,
e o céu é raso como o oceano
é profundo, e tu me amas.”*

— Elizabeth Bishop, *Insônia*

Sonolência, cabeça no banco de ferro pichado com letras inteligíveis... Olho para trás, estou perdido entre as dunas do deserto da minha mente, e ali: eu me lembrei que um dia eu fui algo. Mesmo antes da chuva. Antes da Lua. Antes do ventre de minha mãe. Do sabor doce das amoras do sítio dos meus avós. De pegar o costume de falar puxando o “r”. Antes da luz do sol iluminar os olhos do meu primeiro amor. Do meu segundo. Do meu último. E de todos os que ainda estão por vir... Sei que uma vez eu fui dor. Da cabeça aos pés. Outra, eu fui amor. Da cabeça aos pés. Desconfio que eu já fui coisas que nunca imaginei que um dia eu poderia ter sido. Eu nasci na selva. Eu nasci no mar. Eu nasci em um bar. No interior de um país devastado pela falta do pão e pela indiferença dos reis. Em uma jangada a devaneios em meio a uma tempestade de verão. Diante dos livros de escritores esquecidos pelos anos, se é que alguma vez foram lembrados... Revoluções do cotidiano. Silenciosas. Repentinhas, como só as revoluções conseguem ser... No passado, eu sentia os dedos do meu pai nos meus cabelos lisos de criança. Eu sentia a dor da perda todas as

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

vezes que ele os tirava. Com o tempo, ondas começaram a se formar na minha cabeça. As mechas já não eram mais lisas, e nem existiam mais os dedos do meu pai para me manterem protegido. Minhas íris perderam seus tons de azul que possuíam na infância. Agora, restam furacões castanhos que destroem tudo ao redor, tsunamis de uma beleza arrebatadora. Que só pode ser compreendida pelos mais atentos. Por aqueles que estão distraídos... E em meio àquele caos. Em meio àquela solidão. Aquele desconforto que ardia mais a barriga que a bebida barata que meus amigos compravam quando adolescentes. Eu entendi que eu nunca desejei o impossível. Chegar a lugares que sangram ouro. A única coisa que um dia pude desejar é voar para longe desse deserto. Ter calma de uma tarde de domingo. Sentir o gosto das páginas amarelas de uma biblioteca municipal. Recitar uma poesia. Engasgar-me com uma piada ruim. Respirar o ar poluído de uma metrópole. Regar as samambaias da minha varanda. Aprender que ser feliz é estar submerso, pois somente assim, e apenas assim, podemos entender que minutos são palavras inventadas para limitarmos a imensidão do universo azul. E, finalmente, olhar para baixo e ver os carros passando. Assim como a vida que passará... Esquecer tudo e ser esquecido para (talvez) tirar essa saudade do meu peito nu. Porque com ela, mal consigo escrever em versos. Tenho muito a dizer, a prosa se tornou o meu único vocabulário, meias-palavras não bastam! Tenho muito a gritar! A berrar desesperadamente! Mesmo tudo isso não significando nada a ninguém... No fim, só o menino dos meus olhos pode me salvar da saudade. Da minha sina de a sentir. Ele me cura dela. Mesmo eu não querendo ser curado. Ele me obriga a entender que não há volta, nem escapatória e que a única maneira de sermos felizes é seguirmos em frente. Mesmo

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

eu não querendo entender essas coisas. Ele me agarra firmemente no chão, salvando-me da tempestade de areia. Mesmo eu não querendo ser salvo. O menino dos meus olhos brinca comigo nos meus sonhos e faz escorrer uma maré de sal da sua casa, derretendo minhas faces de açúcar... Ele é uma estranha lembrança do que um dia eu fui, do que eu ainda serei e de tudo aquilo que eu poderia ter sido, mas tive medo de ser... Olho para trás mais uma vez, ele está lá misturando-se com a areia, tornando-se cada vez menor, até desaparecer... Silêncio. O nada. Acorde... *Pessoas esperando o ônibus amarelo da cidade passar pela avenida. Realidades cinzas, recheadas pela falta... Desertos particulares, meninos e meninas em cada olhar, em todos os olhos daqueles que esperavam no ponto de transporte público. Uma propaganda de um concurso de poesia sobre a saudade... Estranhos mistérios do meio-dia.*

Cristiane Machado
(2º lugar)

Saudade

No tempo das saias de prega e das árvores que perfumavam o fim de ano, eu sentia os anos deslizarem. Fluidos como um *cashmere* que enfeitava a minha vida e me protegia das friagens repentinas.

A vida era de uma finesse bonita. As pessoas celebravam os finais de ciclo e toda pequena vitória era motivo de comemoração. Tudo se organizava em circuitos que, uma vez fechados, permitiam que nós atendêssemos ao cansaço sem culpa ou sermão.

Os dias eram mais ensolarados. As rendas que as árvores desenhavam no chão tornavam a existência ainda mais encantadora. Qualquer prosaicidade parecia ter como curso natural a transformação em uma memória bonita.

Os amigos eram muitos. As oportunidades para tê-los comigo também. Naquele tempo, não se percebia a gritaria, os pombos famintos, a pressa da despedida, os imbróglis políticos, as poças que inundavam os caminhos nas chuvas repentinas. Éramos o que vivíamos e o que não controlávamos não nos aborrecia.

Sabíamos ao que dar importância. Preenchíamos a existência com gargalhadas acidentais, filmes fortuitos, chocolates de força maior. Prazeres quase clandestinos em um mundo com normas a transbordar. Criávamos os nossos jogos e os jogávamos como quem tem sob controle a contabilidade da existência.

Uma das saudades mais bonitas se chama infância.

E, desprevenida, noto que já é tempo de retomar os rumos da mente até então meditativa. Passar a chave na porta.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Libertar os pés da clausura protetora dos sapatos calçados ainda no amanhecer de um dia especialmente atribulado. É hora de voltar a tratar da vida, mas com o devido cuidado, para saber dos pequenos prazeres e das ternurinhas do dia. Grata pela saudade, mas também pela novidade. Sem ter de volta o que passou, e, ainda assim, seguir, aprendendo com ele. Afinal, gente quer viver, e a vida, generosa que só, só faz seguir.

Roseana Souza das Neves
(3º lugar)

Saudades Simultâneas

Finalmente, o ônibus encosta. Os ponteiros do relógio já não são mais consultados insistentemente. Em meio a uma multidão que transita entre os saguões no terminal rodoviário, destaca-se uma mulher. Nesse exato instante, seus passos se apressam, anda como quem vai ao encontro de alguém. Na ponta dos pés, estica a cabeça o máximo que pode, desviando de obstáculos e de quem não é a quem procura. Apreensão. Talvez fossem semanas, meses ou anos que a separassem de quem tanto buscava na plataforma de desembarque. Vejo a saudade prestes a se esvair – de fato, nas lágrimas que a desaguam. A dupla se encontra: eram irmãs/ primas/ amigas/ mãe e filha... Abraços, sorrisos e muitas conversas alegres e agitadas pelo reencontro. Na singularidade que ali se estabelece, o tempo congela e o coração acelera – é como se uma primavera desabrochasse as flores dantesfechadas pelo laço da saudade. E então, surgem os primeiros planos, lugares para visitar e outras pessoas a quem encontrar. Saem do saguão.

Ainda na mesma cena e na mesma faixa de tempo, vejo destacarem-se um jovem e uma mulher de meia idade – mãe e filho, certamente. Malas e mochila a postos. Caminham, sem pressa, para uma das inúmeras plataformas de embarque. O último aviso antes do ônibus partir é ressoado nos alto-falantes do saguão. E então, chega o momento em que nasce a saudade: o jovem se volta, brevemente, para os detalhes de sua estimada mãe. É verdade que estamos na era das videochamadas e de inúmeros artificios tecnológicos que tentam suplantar tamanho sentimento. No en-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

tanto, o toque e a presença física não são dispensáveis nas relações humanas. Os dois se abraçam naquele abraço em que se torce para o árbitro conceder um generoso acréscimo ao tempo regulamentar. A separação dos corpos, as palavras de despedidas e de carinho e o caminho até o assento são regados com as lágrimas de despedida – e que também regam o broto da saudade. Os primeiros momentos de uma recém-saudade são ambíguos: ainda da janela do ônibus, o contato visual entre quem vai e quem fica é possível; mas de tão distante, já não se pode mais aferir uma expressão facial ou mesmo escutar uma palavra ou qualquer outra coisa senão o motor do veículo somado ao ruído dos demais passageiros. O ônibus parte.

De todas as saudades existentes, a saudade que nasce e termina cotidianamente nos terminais de embarque e desembarque é simultânea, sem que uma espere pela outra. Pois isso é a saudade, não se deixa mais esperar – seja para acabar ou para iniciar.

Crônica - Acima de 30 anos

Richardson Jorge Dias da Silva
(1º lugar)

A casa

A casa foi vendida!

Faltava pouco mais de 2 horas para a virada do natal quando minha mãe mandou essa mensagem pelo whatsapp, a frase era simples, curta, direta e animadora. Fizemos um brinde com um vinho barato e ruim, eu e minha esposa não compartilhamos com os outros convidados o motivo da nossa comemoração. Começar o ano com um dinheiro extra é um dos deleites da vida adulta, mas a minha animação durou exatamente até a meia noite, quando o relógio marcou o primeiro segundo do dia 25 e os fogos começaram a iluminar o céu e romper o silêncio da rua, eu comecei a chorar lembrando da casa.

A casa era simplesmente o lugar onde vivi minha infância, adolescência e boa parte da minha juventude, ela fora testemunha e cúmplice da intimidade da família Campos, uma família pequena e discreta. Não lembro exatamente o primeiro dia em que chegamos na casa, só lembro que no começo ela era muito pequena, e todos da família dormiam juntos no único quarto que havia. Com o passar dos anos, a casa foi aumentando, parecia que ela estava sempre em obras, inclusive foi de um pedreiro que trabalhou um tempo nessas obras que ganhei o primeiro livro da minha vida, ele me deu o Machado de Assis que ele sempre lia no seu intervalo do almoço. Ainda recordo da última vez que ouvi o som da risada do meu pai ecoando pela casa, depois disso virei o “coitado ele é órfão de pai!”. Sempre jantávamos juntos e depois assistíamos todas as telenovelas da noite, os sábados eram os dias de faxinas, sempre movidas ao som

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

de Raul Seixas. Tínhamos permissão para brincar na rua com as outras crianças, porém quando acabava a novela das 22 horas e minha mãe colocava a cabeça na janela, era hora de voltar para casa. Na adolescência nossa casa era a única do bairro que tinha vídeo cassete, conseqüentemente ela virou nosso QG de cinema em casa, fitas alugadas na locadora, pipoca, suco artificial de pacote e vários adolescentes barulhentos. Na juventude a casa virou o antro da nossa galera, era o único lugar onde podíamos fazer nossas festas, marcar os nossos encontros e organizar nossas baunças musicais que chamávamos de ensaios da banda. O tempo, como um rio, continuava seguindo em frente, veio meu primeiro sobrinho, irmã casando, outra irmã saindo de casa e por último eu indo dividir um apartamento com a irmã mais nova. A casa foi ficando cada vez mais vazia, só a nossa mãe ainda morava lá, até que a nossa avó ficou muito doente e a mãe precisou se mudar para cuidar da velhinha. O vazio, a escuridão e o silêncio tomaram conta da casa, eram as últimas linhas da história da família Campos escritas naquele sagrado lar.

Lembranças não cabem dentro de um caminhão, então fizemos uma última foto de família na porta da casa para quando a saudade apertar o coração. Afinal, sabemos que a vida é uma eterna viagem de volta para casa.

Christina Aparecida Negro Silva (2º lugar)

Emma

Debruçada no parapeito da janela da velha casa, ela olhava ao longe... olhos miúdos, pesados pela idade, porém brilhantes, pois voltava seu olhar para outro tempo, outro espaço, para dentro de sua vida de outrora, rica memória.

Via-se menina, de avental xadrez, carregando o ovo quente no bolso do acessório para a mamma grávida do irmãozinho que nasceria brasileiro. Via-se rindo... uma largueza de dentes bonitos a encantar o cozinheiro que, escondido, entregava o alimento durante a travessia do navio da Itália para o Brasil.

Ao piscar de olhos, via-se mocinha, enamoratta de Victório, primo amore, com quem teve 12 filhos e muitos netos. Via a netinha, da filha mais nova, sentada em seu colo na cadeira de balanço, embevecida com suas histórias.

Quantas saudades! Saída ainda menina de sua terra natal, apreensiva em um país de língua e costumes diferentes dos seus, apesar do aconchego dos pais e irmãos, descobriu-se uma mulher forte, decidida a lutar contra as vicissitudes com maestria. E quantos percalços enfrentou no início do século XX, que nós, hoje, nem fazemos ideia! Sem energia elétrica, passava a ferro em brasa a única camisa que seu marido tinha. Lavava-a à noite e de manhãzinha, já limpa e passada, ele a podia vestir para o trabalho. Criou seus filhos, ajudando seu marido na lida com tijolos de barro. Sim, ela também carregava a matéria prima para construir seu sonho, sua vida, seu país.

Enfrentou a Revolução Constitucionalista de 32, abrindo os soldados paulistas na disputa contra os mineiros, pois morava quase na divisa entre os dois estados. Agra-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

decia a Deus por não haver visto nenhum derramamento de sangue por ali, apesar da tensão do conflito. Os bonitos moços de farda, segundo uma das filhas, só se hospedaram na grande casa, desfrutando da mesa farta e gostosa. Nessa época, a situação financeira estava mais estável com a fábrica de cerâmica produzindo para uma crescente população tambauense.

Aos 60 anos, perdeu uma das vistas para o glaucoma, o azul do olhar como o mar mediterrâneo foi substituído por uma prótese de porcelana, tão perfeita que enganava até os filhos que sabiam desse procedimento cirúrgico. A imagem de Santa Luzia, carregando os olhos no pratinho, era sua relíquia.

Tanta vida deixou às gerações que a precederam. Muitas histórias de família, de risos alegres nos almoços festivos, de superação em situações difíceis, também de momentos de dor e perdas de entes queridos, da música de todos de sua família. Marido maestro ensinou a Arte aos filhos, netos e formou uma bela banda na cidade; a todos que queriam aprender música, tinha prazer em ensinar de graça. Tocava violino nos incipientes cinemas de então, enquanto era necessário esfriar a tela de projeção. A eterna saudade do companheiro que, dizia ela, vinha cobri-la todas as noites de frio por longos anos, mesmo depois de morto.

Quando lhe perguntavam se gostaria de voltar para rever seu país, respondia com um categórico – No... o Brasil é mio país.

Recordar da minha nonna me traz muitas saudades e também deixa meu coração cheio de gratidão por ter me permitido dar continuidade ao seu legado de amor por minha pátria, por gostar de música, de contar histórias, de comida italiana e ter muito respeito e reconhecimento pelos imigrantes (de todas as nacionalidades) que fizeram o Brasil.

Emily Vieira Antonetti Brocco
(3º lugar)

Universo particular

A saudade habita meu corpo desde que nasci. Não me entenda mal. Vivo do presente, que corre intenso e fugaz nas minhas veias, e tenho uma vontade enorme de abraçar o futuro, incerto e mágico. A questão é que a saudade é o cobertor da alma que me aquece de lembranças a todo instante. Sinto que ela me acompanha, mesmo que às escondidas, por onde eu vou. É a amiga invisível que todos temos e nem sempre sabemos que ela existe.

Saudade surge de muitos lugares, inclusive do amor. Recordo o aconchego da família, desde os meus primeiros dias, com eterno carinho. Também a tenho gravada em mim em olhares, sorrisos, risadas, lágrimas, abraços e adeus – não necessariamente nesta ordem. Ao colocar meu coração à prova, já na vida adulta, finalmente entendi que a saudade pode residir no improvável, no dito e não dito, nos sonhos e nas fantasias, reais e imaginárias.

Muitos dizem que a saudade está relacionada às primeiras ou últimas vezes na vida. Eu discordo. Saudade não descarta o meio. Ela está naquilo que ocorre quando estamos distraídos. Esconde-se na rotina, no tudo e no nada, bem como na confiança de não saber que o que importa é aquele preciso instante – que passa, às vezes marca para sempre. Saudade exige a coragem de não se prender ao passado e nem torná-la rival ou inimiga.

Sendo bem sincera, demorei a aceitar que a saudade não era apenas uma palavra. Ainda assim, como palavra, o medo de pronunciá-la em voz alta me paralisava. Era como se uma sentença fosse declarada e jamais pudesse ser de-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

tida, o que – por sua vez – acabaria me expondo demais às interpretações alheias. Só que a saudade é presente de saber que não adormecemos e ainda somos capazes de se importar, seja por algo ou alguém.

Saudade é um universo particular. Tem sabor de jabuticaba, cheiro de hidratante, frescor do contato com outra pele, cabelos grisalhos e coloridos, som de carta ditada, rabinho balançando, significado oculto nas entrelinhas de mensagens trocadas, olhares desviados, silêncios profundos e diversas ousadias. É palavra cantada, declamada e registrada há séculos. Hoje a saudade que habita em mim saúda a saudade que habita em você.

MELHORES TEXTOS

Poesia - Entre 18 e 30 anos

Taíza Vitória Cequinell

Menininha

Hoje, ao encarar minha própria imagem no espelho
Sinto saudade da menina que, um dia, eu fui.
Se pudesse voltar, daria a ela algum conselho?
Acho que não. Apenas vivendo a alma evolui.

Eu já não sou mais aquela pequena criança
Que via os problemas como coisas distantes.
Mas, apesar de toda evolução e mudança,
Meus olhos ainda têm o mesmo brilho de antes.

Sorrio ao ver que minha essência permaneceu.
E, ao final dessa carta de amor ao passado,
Dedico essas palavras a minha antiga eu:

Menininha, eu te amo. Eu sempre te amei.
Você me lembra de quem eu realmente sou.
Você faz parte da mulher que me tornei.

Pâmela Beatriz Guimarães da Silva

O Que é? O que é?

O que é Saudade?
É uma grande vontade
Daquilo que um dia teve reciprocidade
Lembrança de momento de cumplicidade.

Saudade tem nome e sobrenome
Ao pensamento em certo momento consome
Traz lágrima ao olhar tirando até a fome
Provando que seu coração ainda o ame.

Fotos, mensagens, memórias
Eternizam para sempre pessoas
Que esteve lado a lado no pior e nas melhoras
Gratidão à saudade que coloca as reminiscências.

Quer no tempo, quer no lugar, ou no espaço
Certas coisas dão sentimentos nostálgicos, embaraço
Necessidade do perfume, sorriso, som da voz e abraço
Vazio na casa, na mente, no coração faz um estardalhaço.

Um viva à vida de todos daqueles que saudade causam
Que o bem sem medida nos trouxeram
Que para a nossa evolução contribuíram
Seu legado e missão sempre nos guiaram.

Poesia - Acima de 30 anos

Cristina da Silva

Saudades de Joaquina

Ah! Joaquina.

E são tantas as lembranças para a gente recordar.
O sentar naquela porta era sagrado te encontrar.
Trazendo consigo sua bacia de arroz para catar.
Ao redor de suas comadres, gargalhadas de alegria.
Entretidas na conversa o sol se punha e nem se via.
Foram tardes agradáveis com a sua companhia.

Mulher de muita fibra com seus medos e receios.
Que sonhara independência e conquistara esse anseio.
Alegria igual a essa nunca vi naquele rosto.
A alegria escancarada que jorrava do seu peito.
Era o tempo de colheita de um futuro esperançoso.

Mas um dia é alegria, o outro é noite traiçoeira.
A vida tem dessas coisas vez por outra dá rasteira.
Não dava para acreditar, parecia brincadeira.
Era o início da tempestade, tenebrosa e sorrateira.
Que afetara a sua vida de tal forma, tal maneira.
Que sua chama se apagara tão precoce e passageira.

Que bom que existe o tempo que nos dá a oportunidade.
De passar por esses momentos com muita maturidade.
Nós perdemos Joaquina, sem perder a capacidade.
De acreditar no Deus da vida que lhe deu a eternidade.
Só quem te amou será capaz de sentir tanta saudade.

Geraldo Trombin

Infindável rio

Saudade tenho de quem já partiu
– tal passarinho que ganhou o céu –
e dos meus olhos de uma vez sumiu,
deixando um rastro de tristeza e fel.

Sei que a saudade meu peito invadiu,
e que ali dentro fez grande escarcéu.
De que valeu já que ninguém ouviu,
se nessa vida vivo sempre ao léu?

Meu sentimento virou macaréu,
virando de ponta-cabeça o mundo,
levando o coração ao desvario.

Vitória dela, tiro o meu chapéu!
E, nessa saudade, mergulho fundo:
nasce em meus olhos infindável rio!

Wiliam Ricardo de Freitas

Saudade sem fim

Saudades...

De jardins perfumados, de pomares lotados, de lugares encantados, de coisas que nunca vi.

Saudades...

De diversos sabores, de todos os amores, da infância que nunca esqueci.

Saudades...

De velhos olhares, de novos ares, de um mundo em que vivi.

Saudades...

Dos enfeites com laços, dos verdadeiros abraços, dos afagos em que adormeci.

Saudades...

Das palavras com crase, das grandes frases, dos textos que escrevi.

Saudades...

Das distorcidas alegrias, das enfeitadas alegorias, das fantasias que vesti.

Saudades...

Das lágrimas derramadas, das tristezas encaradas, de tudo que perdi.

Saudades...

De diversas pessoas, de coisas boas, de vezes em que apenas, agradeci.

Saudades...

Das acertadas parcerias, das loucas correrias, do que me fez sorrir.

Saudades...

Do que encontrei, de tudo que não verei, enfim, do que ainda não conheci.

Claudio Antonio Chirelli

Saudade

Quanta saudade que eu tenho
Das rezas do meu sertão
O Santo era o Batista
Meu avô era João

O terreiro limpo e varrido
Com vassoura e vassourão
Imagens no altar florido
C'as florzinhas de São João

O Vô e a Vó no terreiro
As pessoas com o terço na mão
vinha inté o fogueteiro
Ergue o mastro de São João

Casa alegre e barroteada
Do telhado o desvão
A noite bela e estrelada
Povo esperando a procissão

A meia noite procissão saia
Todos rezando com velas acesas nas mãos
Para lavar a imagem do Santo Batista
Nas águas límpidas do ribeirão

O tempo passou depressa
Mas devoção inda me resta
Tapera véia no relento
Passaredo fazendo Festa

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Quanta saudade que eu tenho
Das rezas do meu sertão
O Santo era o Batista
ABENÇÃO meu vô João.

Edileuza Bezerra de Lima Longo

Saudade

Saudade...
dos meus anos
que a vida vai levando
da minha pele que antes era macia
hoje as rugas me anunciam
que conheço mais que outrora,
mas nisso não vejo glória.

Saudade...
Do vigor nos esportes que praticava
da velocidade nas traquinagens vadias
junto aos amigos da rua
hoje as pernas entorpecidas
mostram-me que a distância é curta,
mas a realidade crua.

Saudade...
dos amigos que deixei
por diferentes recantos
lugares por onde andei
e a saudade me mostra
que se amigos eu conquistei
eu vivi, eu tive planos!

Saudade...
de uma mão que se estende
e aperta a minha com medo
de um estrondo da chuva
hoje ela cai como um torpedo
em minha solidão de viúva.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Ah, que bem-vinda saudade...
Pois, só saudade se sente
quem ainda vive intensamente
e não colecionou enganos
mas, isso não me consola
e cada vez mais me assola
a saudade dos meus anos...

Iteuane Faccinni Casagrande

O que é saudade?

Saudade é uma palavra bonita para colocar na poesia
Mas ela vem carregada de nostalgia
A memória não esquece de ninguém
A verdade é que a saudade dói também.

Saudades daquilo que já fui um dia
Sinto falta do que no passado havia
Às vezes a sensação é de revolta
Saudade é um tempo que não volta.

Seguimos vivendo no presente
Mas a saudade não desgruda da gente
Há momentos que ela corrói a alma
É um choro constante e nada que acalma.

Saudade é como um livro da nossa história
Ela conta em sentimentos a nossa trajetória
A fase da vida que não volta mais
O afeto vivido que o tempo não desfaz.

Saudades é o que carrego no coração
É o que ficou como recordação
Assim como uma foto emoldurada
Saudade é uma lacuna eternizada.

Rodrigo Domit

Reminiscências

Passei a vida
guardando relíquias
coleccionando reminiscências
– em uma caixa de sapato

eram vestígios preciosos
condensados em essência
uma trilha sinuosa
– de migalhas do passado

e eu percorria este caminho
de tempos em tempos
um por um, com todo esmero
– para mantê-los arejados

mas, ao fim, infelizmente
no crepúsculo da memória
os rostos tornaram-se disformes
irreconhecíveis

retratos fadados
de saudades indistintas

Pablo Cermeño Mendonça Kaschner

Estatuto do pré-homem

(para Thiago de Mello e Manuel Bandeira)

Fica decretado
neste estatuto do menino
que a partir deste instante
nenhuma palavra
será nada além de brinquedo
Que toda vogal estará consoante
com o que nasceu para ser:
nada mais que errante
nada menos do que imagino.

Se o sapo não lava o pé porque não qué
Faço eu com meus eus o que quisé
Se me chamam saloio, não ligo
Ligo o f e faço rimas com consoantes de apoio.

Decreta-se que nada será obrigado
nem falar “gratidão” em vez de “obrigado”
Que nada é proibido – inclusive repetir palavras
e rimas
e dividir sintaxes como se lhe aprouver
comme il faut
Tudo é permitido, sô!
Brincar com geringonças e rinocerontes
Manés-gostosos e mamulengos malucos

Fica proibida a palavra seriedade,
a qual será suprimida dos mandatários
e do pântano enganoso de suas bocas.

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

A partir deste instante,
a brincadeira será a ordem e o progresso
– e o amor que tiraram da bandeira

Instituída fica a obrigação
de jogar com as palavras
inadvertidamente
E na divertida mente
de língua moleque
malemolente
fazer siricuticos
e salamaleques.

A morada da liberdade será sempre o coração da criança
Ninguém mais sentirá saudades
Todos serão felizes para sempre.

Crônica - Entre 18 e 30 anos

Laís Ferreira de Oliveira

Memórias e Saudade

Eu imaginava minha tia como uma fada. Alguém que realmente conhecia magia. Tinha uma casa simples, com xícaras de porcelanas floridas, um rádio vermelho antigo que pegava apenas uma estação e uma cadeira velha. Toda vez que era posta para fora da casa era certo que choveria, dizia ela. E realmente chovia! Tudo era muito mágico para mim.

O quintal tinha as mais lindas flores. Tão encantado quanto “O Jardim Secreto” de Frances Hodgson. Com cores vivas e cheiros surpreendentes. Se precisasse encontrar minha tia, era só adentrar na cozinha. Já de imediato se via uma mulher de um metro e meio, cabelos encaracolados que brilhavam como a luz do Sol e um avental florido que fazia tanto parte dela como o encantado jardim.

Geralmente, ela ficava revirando panelas, fazendo tudo borbulhar e fumar, preparava bolos e receitas secretas que eram só dela. Lembro-me bem de como preparava o leite. Esquentava numa caneca de alumínio. Mesmo que ela não tirasse os olhos dele por nenhum momento, no final o leite, traiçoeiro e veloz, aproveitava um instante de distração e tratava de borbulhar tanto que esparramava no fogão que tinha acabado de ser limpo.

A saudade se define pelas memórias que restam comigo hoje. Dos bolos, receitas secretas, leites derramados e flores do jardim. Lembranças que carregarei para sempre em meu âmago. Saudade boa que acompanhadas de lembranças puras, trazem um misto de sensações. O sabor doce de um bolo quentinho, o perfume das flores e a paz do jardim. Que se esparramam dentro do meu peito rapida-



Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

mente, como o leite derramado, até quando eu me distraio.
É simples, doce e magistral. Como a minha tia!

Klausney Muniz Sampaio

O lugar da Saudade

Nas minhas travessias de cronista por esta cidade, tenho adquirido evidências irrefutáveis de que a Saudade é um imposto alto que todo mundo é obrigado a pagar. Do lado de cá, vejo o espelho das águas da chuva refletindo os prédios, as pessoas, os bichos e automóveis. Todos de cabeça para baixo, circulando no ponteiro implacável do tempo. Assim como eles e você, Caro leitor, sou um colecionador inveterado de Saudades e, se for discorrer sobre todas elas nestas linhas, este texto vai morrer de overdose. Eis uma verdade: a Saudade também já cometeu muitos crimes.

A verdade é que eu, você e os outros (e aqui incluo os que até então desconhecem o tempero agri-doce da existência), já nascemos com a Saudade de ficar no silêncio escuro, com Saudade do que não pudemos ser e de quando a consciência sequer cogitava nos ativar. Quando aprendemos a não ficar só na onomatopeia e a colocar a palavra e a oração na boca para dançar, também é normal sentir falta de quando a letra era só um farelo de fonema que a gente não sabia mastigar; sinto Saudade especialmente de quando achava que a terra batida seria o assoalho do quintal lá de casa para sempre. Não lembro quando derrubaram o ipê-amarelo dos meus avós, nem a despedida da Ópera de passarinhos para Só-Deus-sabe-Onde. Se as raízes das árvores abraçassem o céu ao invés do chão, talvez o castigo divino fosse instantâneo e mais eficaz.

Nestes dias nublados, os suspiros ficam mais abundantes, porque a Saudade também chove na cabeça e no coração da humanidade. Moro perto de um aeroporto, logo depois da floricultura e do cemitério, mas a Saudade não

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

precisa só de viagem, de romance e de morte para acordar. Um sujeito chamado Banksy, artista de rua britânico, já disse que a gente morre duas vezes; mas acredito que não é possível mensurar quantas são as Saudades que deixamos na vida e depois dela. Beethoven deixou uma Saudade equivalente a quantas notas musicais? E Portinari, será que foi engolido pela Mãe Terra só para voltar a Brodowski, à infância que foge do velho-homem-menino enquanto a tinta da vida se esvai da paisagem? Algum matemático corajoso já tentou calculá-la?

A Saudade é digna de um manifesto que enumere todos os seus tipos e categorias, no singular e no plural, assim como os efeitos colaterais. Nesse paradoxo, entre o choro e o riso, vamos abastecendo os nossos frascos de cristal, ora por causa de uma lembrança alegre, ora por causa de um deus ancestral. No fim das contas, o lugar da Saudade é esse Rio transparente e sombrio cuja correnteza deságua em nós, um bando de Destinos endividados e pendurados de cabeça para baixo.

David Ehrlich

Saudade, Substantivo Singular

O que é saudade? É amor? Falta? Perda? Pensando bem, saudade é um conjunto de todos esses sentimentos misturados, a nos atingirem fortes e sem controle algum. Saudade é tudo que nos deixa com aquele gostinho de nostalgia, aquele pesar e mágoa por nos vermos privados de algo: pode ser um lugar distante demais para voltarmos facilmente, um amigo ou parente do qual só restam as boas lembranças, ou até aqueles momentos simples de felicidade que vivemos no passado e gostaríamos de reviver.

A palavra “saudade” possui origens antigas, e percorreu um longo caminho até se tornar o que é hoje: surgiu inicialmente como o termo latino “solitatem”, que significa solidão, e que na Idade Média transformou-se na palavra galego-portuguesa “soidade”. Conforme o português evoluía como língua com o passar dos séculos, sob diversas influências, a “soidade” virou “saudade”, palavra que tornou uma espécie de símbolo de Portugal por ser quase exclusiva de seu idioma – são poucas, afinal, as línguas que conseguem traduzi-la literalmente, apesar de ela descrever um sentimento absolutamente normal e, pode-se dizer, universal.

Popularizada como um tipo de canção de marinheiros, a saudade tornou-se uma das palavras mais citadas nos versos amorosos em língua portuguesa, assumindo todo tipo de significado poético: é enxergar o rosto de alguém mesmo com os olhos fechados; é sentir seu abraço e sua respiração mesmo a um mar de distância; é pensar em tudo que ainda se quer viver com alguém, ou que poder-se-ia ter vivido. Para os lusófonos, a saudade está em todo lugar –

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

até mesmo na botânica, onde as “saudades” tornaram-se uma espécie de planta, tal qual os “suspiros”.

Aliás, “saúde” ou “saudades”? Dúvida curiosa, que até hoje a linguística não soube responder. Há os que preferem empregar a forma singular, e os que preferem a forma plural. E no fim das contas, essa questão pouco importa. Pois quando se trata de saúde(s), o que realmente importa não é como a escrevemos: é parar para pensar sobre como podemos administrá-la, transformando o que deveria ser dor e mágoa em algo saudável e benéfico, algo que nos faça seguir em frente, mesmo que olhando para trás.

Deborah de Goes Messias

Memórias que florescem junto da primavera

Os carros passam depressa na avenida. Os pássaros cantam distantes da movimentação da cidade. A vida acontece, entre pessoas que correm para chegar ao trabalho, mães que preparam seus filhos para a escola, o padeiro que prepara o pão fresquinho que se sente o cheiro desde a esquina. Todos seguem a rotina, os dias, e ela sente saudade.

Recorda-se dos momentos antes do luto, quando ainda podia ouvir as histórias de sua avó, aprender novos formatos de crochê e tricô, cantarolar antigas canções junto de sua vó enquanto preparavam a torta de morango que passou de geração para geração. Tudo a faz lembrar, do jeito doce de sua avó, desde o sorriso de uma criança, a serenidade na voz de uma pessoa de mais idade. Quando olha pela janela, e avista as árvores, os pássaros criando seus ninhos, a primavera fazendo florescer as mais belas, coloridas e diversas flores, se lembra do quanto sua vó apreciava a natureza e fazia de tudo para conservar cada uma das plantas que possuía em seu quintal.

Os dias são mais difíceis e pesados, desde a perda de sua pessoa favorita no mundo. Às vezes o sentido da vida se perde em sua mente e a dor de não poder abraçar, contar seus maiores segredos para quem mais conseguia ouvir e compreender suas aflições, cobre seu coração de tristeza e revela lágrimas em seus olhos. Parece difícil e injusto uma realidade em que não exista mais aqueles olhos delicados, aquele sorriso gentil, aquela mente brilhante e repleta de histórias para contar.

A perda e o luto machucam, assustam, se estendem para a rotina, e apresentam a dificuldade em se concen-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

trar no trabalho, a falta de vontade em socializar, o medo de perder outras pessoas que tanto ama. Ela não consegue entender, por que e como lidar com a morte, é sempre um mistério e talvez, levando em consideração o pouco que se conhece na sociedade sobre o assunto, o pouco que a religião, a filosofia e a ciência conseguem explicar de fato, para cada um de nós também, se mantém um enigma. O que ela tem certeza, é que dói, machuca, abala.

Não consegue definir, nem mesmo sabe se essa dor vai passar, se de fato vai aprender a lidar, se toda vez que escutar o nome ou ouvir a música favorita de sua vó, não vai surgir uma lágrima em seus olhos e o choro contido em sua voz. Não pode afirmar que vai superar, seguir em frente sem sentir a saudade, a vontade de voltar no tempo para reviver cada um daqueles abraços apertados. Não tem como definir como serão os próximos dias, meses, anos sem alguém que tanto amava, mas espera gravar cada uma das memórias, e levar consigo, cada um dos aprendizados que teve com aquela mulher inteligente, forte e encantadora. Hoje ela chora, sente saudade e talvez, ainda se sinta assim amanhã, e depois, mas tem a certeza que em seu coração sempre vai carregar a avó, o carinho, o amor.

Marina Barrichello Marone

O presente da saudade

Não estou aqui para escrever um texto medíocre, sobre como a infância me traz saudades. Já escrevi repetitivas crônicas sobre isso, e já li outras tantas sobre. Estou particularmente cansada desse narrador saudosista, que lacrima por um período em que as coisas eram mais simples... Que sente falta dos papagaios dando cambalhotas no céu, da ausência de preocupações formais, da completa virgindade em relação a tudo, não só ao sexo. Estou exausta de ler sobre a saudade de ser criança, e imagino que você também... então, sobre o que escreverei? Grande desafio, haja vista que eu só tenho 19 anos. Ou seja: não vivi o suficiente para sentir falta do que agora vivo, tampouco quero escrever sobre a saudade que tenho da meninice. Assim, proponho uma sensação revolucionária: a saudade do presente.

Talvez você olhe para essa ideia e a tenha como estúpida. Como pode alguém ter saudade do que vive o tempo todo? É aí, amigo leitor, que está o pulo do gato: nós não costumamos viver o presente o tempo todo. Sonhamos, sonâmbulos, ora com os problemas do passado, ora com as ansiedades do futuro, nunca acordados no momento em que estamos. Sendo assim, sinto saudades do presente de estar presente. Percebi esse peculiar sentimento enquanto fumava, com um amigo, numa mesa de boteco próximo à Luz, em São Paulo. Assim que o assunto escasseou e a bebida afogou nossas palavras na boca, ficamos mutuamente em silêncio. Um silêncio simpático, gostosinho, não constrangedor. Enfim, um silêncio. Uma ausência de dizer que me permitiu observá-lo pela primeira vez, como uma recém-nascida. Observar que seu cabelo macio, curto nas la-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

terais, ameaçava ondular na franja, ao passo que os olhos, da cor de pistache torrado, contemplavam algum ponto fixo distante... Que os pelos do bigode, como um beijo de amor, acariciavam seu lábio superior, enquanto o braço era acarinhado pela fumaça do cigarro que ardia entre os dedos. Assim que me percebeu ali, devorando-o pelas retinas, sua boca sorriu timidamente, formando uma covinha graciosa que eu costumo dizer que é a “minha cova”, onde morro de amores. Assim, bebi sua imagem gota a gota, como um bebê ante um seio materno, e saí daquele fantástico mergulho de realidade. Voltamos a delirar sobre o passado e o futuro, regados a fumo e álcool, e apesar da conversa ter sido boa eu ainda sinto saudade daqueles segundos em que o contemplei tão absorta, tão conectada, tão presente...

Mas não é só disso que sinto saudade: sinto falta de dançar sem saber o próximo passo, em sintonia com a fluidez rítmica e o melaço do timbre. Falta de tomar um café realmente sentindo o gosto amargo e deitar no chão para ouvir os estalos do piso de madeira. De sentir a grama lambendo a sola do pé e respirar o ar como se fosse a primeira (ou a última) vez. De mergulhar em um bom livro e rir de algo até as bochechas arderem em uma explosão de fogo emotivo. De esbagoar cada fragmento da realidade como quem debulha os grãos de uma espiga e sentir o mundo em cada Luz, silêncio, pelo de bigode, cova, gota, dança, café, estalo, grama, página, riso, crônica... E estar tão presente neste presente ao ponto de, uma hora, ter saudade de ter saudade.

Marlon Souza Faria

A história da minha vida

Veza ou outra no silêncio madrugada, nos momentos de insônia, eu acabo pensando na minha infância e adolescência, de como aquele tempo era diferente e eu era feliz sem saber. Não é sempre que eu acabo tendo esse tipo de pensamento, mas veza ou outra, na calada da noite, ele surge de forma imprevisível.

Apesar de preferir como sou atualmente, em termos de condição financeira e personalidade, aquela época tinha um charme e um encanto que não se encontra presente na minha atual fase da vida. É como se tivesse um toque de mágica, algo especial naquele tempo. Apesar de viver muito melhor hoje, talvez, não sinto o encanto que as coisas tinham antes.

Confesso que as vezes bate até um certo sentimento de tristeza, mas não de cair aos prantos por causa que sou triste, muito pelo contrário. É como se fosse uma nostalgia misturada com um sentimento de “caraca, o tempo passou rápido”. Quando pisquei, tornei-me adulto.

Às vezes abro a gaveta do guarda-roupas e vejo lá, fotos de pessoas que eu já nem sei mais onde estão. Gente que se foi e tempo que não volta mais. Vejo fotos da família, de um tempo onde todos eram mais unidos, todos nós almoçávamos juntos no domingo e mesmo nas dificuldades, morriamos de rir dos problemas. Fico lembrando de como eu e meu primo éramos unidos ao ponto de sermos quase irmãos... hoje em dia já nem vejo mais ele. A família que antes era unida... agora está distante. Todos foram morar em outras cidades e estão longes.

Recentemente passei pelo bairro onde cresci. Ele esta-

Viaggiando Da Leitura

PIRACICABA - SP

va diferente. A casa da minha avó ainda continua lá, porém vazia. A escola também continua lá, porém já é outra escola. Tudo mudou totalmente, e aquele lugar de antes só ficou na minha memória e nas fotos que eu guardo na gaveta do guarda roupas.

Temos que aprender a dar valor as coisas mais simples, pois nunca sabemos como será o dia de amanhã. Devemos aproveitar o momento, porque ele é uma dádiva... por isso ele se chama presente.

A lição que eu tiro vendo essas fotos quase todas as noites, é que por mais que as pessoas vão e o lugar mude, na nossa memória, tudo fica imortalizado.

Angelica Cardoso Ribeiro

Orion

Eu sempre me perguntei o porquê de você olhar tanto aquele céu vazio.

“Ele não está vazio. As estrelas, planetas, meteoros, galáxias e nebulosas estão nele, ainda que não possamos ver daqui. Seria bom se um dia o céu caísse em mim, assim poderia vê-lo em sua perfeição.”

Para mim você sempre foi muito mais livre que qualquer outra pessoa. Era como se tivesse asas para voar pelo céu prometido, mesmo que não pudesse sair de sua cadeira de rodas. Mas você se foi e a única coisa que deixou foi um sonho resplandecendo no céu. E agora o sonho que deixou para trás se tornou o meu também.

Eu caminho pela estrada molhada, subindo até chegar ao topo do rochedo onde posso ver o céu e o mar se tornarem um. Um meteoro risca o horizonte colorido de azul e rosa das nebulosas presentes ali. Cada estrelinha era como açúcar que adoçava o cosmo numa linda paisagem. Estendendo meu braço em direção a ela. “Se assim como essa estrela o céu também pudesse cair, que cenário eu estaria vendo agora? Se o céu caísse em mim eu finalmente poderia me tornar o próprio céu, assim ele me amaria com todo o seu coração.”

Reconheço as Oriónidas caírem por mais um ano. Tudo o que fiz para achar este lugar foi por você. Eu só queria que você estivesse aqui do meu lado. Queria te ter em meus braços uma última vez, nem que fosse por mais um instante apenas. Queria poder te dizer que sinto muito por não salvá-lo a tempo. Mas mais que qualquer coisa, eu fui feliz por ter te conhecido. E do fundo do meu coração, só

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

queria te dizer obrigada.

Faço meu último desejo à noite sem fim.

“Se for possível renascer, espero que você ainda seja você mesmo. Eu irei te procurar e segurá-lo forte, para nunca mais nos separarmos.”

As estrelas agora caem dos meus olhos. Em breve o céu cairá também. Me aproximo do precipício. Meu corpo vai de encontro ao falso céu enquanto vejo o verdadeiro rapidamente ficar mais e mais distante de mim.

Amanda Kristensen de Camargo

Uto-pia

Argos, movido por um motor desconhecido aos Homens: a fidelidade, esperou Ulisses por anos. O cão estava velho, fraco e cansado quando seu dono retornou a Ítaca. Assim que o reconheceu – aliás o único a reconhecê-lo – Argos só pôde abanar a cauda antes de se entregar ao descanso; e como cansa esperar! Ulisses, ao ver a partida eterna do cão amigo, escondeu uma lágrima de toda a cidade: ninguém poderia saber sobre seu desejo de reestabelecer sua vida.

Esperei João Pedro por anos. Esperei que viesse o desejo de restabelecer nossas vidas; esperei...

Tempos após sua partida, eu, que sempre fui Argos, passei a ser capaz – até a primeira terça-feira do último mês do ano – de esperar somente certezas: os dias e as noites. João Pedro me ensinou tanto do ‘humano’, que esperas outras eram sonho.

Eis que me apareceu Uto, um sabiá-laranjeira que pia-va em minha sacada às 5h. Filhote quase sem penas e meio adoentado foi acolhido.

Cresceu bonito e passou a alargar tanto minhas primeiras horas madrugadoras, com seus pios que dão cor alaranjada às manhãs, que passei a pensá-las incertas: sem Uto as manhãs seriam breu; como as noites sem João passaram a ter luz demais.

Já que estava ‘moço’, Uto precisava voar e assim foi feito.

Será que em algum momento pensei em podar as asas de João?

Ainda era dezembro quando vi Uto na macieira do vi-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

zinho: ele tinha o mesmo desenho em formato de trevo (ou sorte) – de quando filhote – no centro do peito. Reconhecemo-nos.

Uto continua cantando para mim e vem bem perto, pousando os pezinhos sensíveis na sacada onde foi achado.

Achamentos salvam.

Não achei mais J. E embora tenha batido ainda ontem à minha porta, não o reconheço mais. Não se restabelecem os idos.

Enquanto Uto-pia, renasce em mim com as manhãs uma fidelidade de penas, que parece ainda querer esperar asas francas na multidão de Joãos e Ulisses.

Ana Huang

Mudança

Após o casório, a filha abraçou a mãe e o pai numa simples despedida em frente ao novo apartamento. A mudança foi ligeira e no mesmo dia, com apenas duas malas contendo os objetos essenciais para passar o primeiro mês.

O novo casal mal deu um passo à portaria que a mãe os convidou para almoçar em casa no domingo, o que foi alegremente aceito. E ainda antes de fechar as portas a mãe tagarelava sobre ferver a água antes de beber, se acobertar ao dormir e até passou uma receita de um chá que fazia bem para saúde. Até domingo! Eu te ligo! Despedia-se ela com ar de preocupada. O pai já estava longe, do outro lado da esquina gesticulando sem paciência para ir embora, afinal se veriam no dia seguinte.

O almoço no domingo virou visita fixa na agenda, não era problema, pois moravam a algumas quadras de distância. E a filha aproveitava a visita para levar aos poucos os pertences que ficaram. A mãe sempre alegre conversava os assuntos de rotina e o pai acendia um cigarro após o almoço, como de costume.

A nova vida da recém-esposa ficou silenciosa, longe dos pais sentiu uma solidão desacostumada. Quando precisava de um agito, tinha os domingos para voltar à casa do barulho, panelas e talheres colidindo como banda, gatos miando e a avó murmurando seus anos de ouro aos quatro ventos. Mas a sensação ainda era estranha, estava casada, mas por que se sentia separada?

Pelos olhos do pai, a casa foi ficando cada vez mais vazia, os cadernos e livros iam desaparecendo da estante aos poucos. A antiga cama da filha agora era da vó. Houve um

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

dia em que ele tentou chamá-la para jantar, esquecido de que já não vivia mais lá. No outro, acordou atrasado e procurou a filha para dar a bronca de não o ter acordado. Tudo que viu foi o silêncio. Seu orgulho não estava mais em casa, estava feliz que sua menina casou, é claro, mas sentia um estranho nó na barriga.

Era para estar acostumado com a ausência da filha, aconteceu a mesma coisa durante os anos de faculdade. Foram seis longos anos preparando o seu feijão especial para ela sobreviver nos estudos. Distraído nessas memórias engraçadas, a filha parou à entrada do seu serviço para visita. Num salto levantou-se, foi correndo para a cozinha trazer-lhe um embrulho com um lanche que guardou para depois. Ofereceu à sua menina dos anos de faculdade, ignorante de que ela já estava atrasada para o trabalho.

Não tardou de as visitas ao serviço do pai ficarem mais frequentes, principalmente porque a mãe lhe pedia para imprimir documentos e deixar lá toda semana. Numa era um “oi” e “tchau” às pressas, em outras dava para conversar um pouco e atualizar a vida um do outro. A vida estava o de sempre, repetia o pai todas as vezes. Ele era um tanto solitário e quieto, mas desde que se casou, a filha teve a impressão de que o pai estava com... Algum sentimento do qual não recordava como dizia naquele momento.

Um dia, em outra rápida visita, o pai deu um abraço repentino e breve. Era raro na cultura dos pais dela expressarem afeto com abraços, eram normalmente elogios ou tapinhas nas costas. Vai, está atrasada para o trabalho, não é? A gente se vê no domingo. Ele se despediu sem querer atrapalhar. Nenhuma outra palavra foi dita depois.

E então, como um estalo na memória, a filha se lembrou do sentimento: Saudade.

Crônica - Acima de 30 anos

Tiago dos Santos de Souza Hatayama

Severino

Quero me gastar nessas últimas palavras.

Sei que ninguém sai de casa imaginando que está em seu último dia de vida. Existem exceções, claro, mas até onde eu sei, ninguém para e diz, É hoje que eu saio dessa pra melhor! Nem fica tentando adivinhar as condições em que irá, literalmente, cair morto. A morte é um tabu, mas eu sempre entendi que pensar nela é, por extensão, pensar na vida. Sigo lamentando o fato de que morrer significa deixar de fazer um monte de coisas boas, e diante disso, já percebo em mim uma certa saudade da vida – até daquilo que hoje não me faz nenhuma falta.

Tenho consciência de que, com relação à morte, eu sempre tive umas ideias meio doidas. Nunca pensei no quando, mas já pensei no como e onde. Odiaria morrer num hospital, ou em um desastre de avião ou então numa avenida qualquer. Morrer dormindo? Nem pensar. Sempre quis morrer diante de uma paisagem que me fosse íntima, um lugar que eu conhecesse como a palma da minha mão. Acalentei por muito tempo – é loucura, eu sei – a ideia de um dia – o fatídico dia – poder arregalar os olhos e exclamar, Quem diria que seria aqui! Desejo morrer em paz, em um lugar repleto de boas lembranças. Não queria que fosse minha casa – tenho pavor de pequenos espaços, além disso, as paredes estão descascando. Não e não. Quero que meu último lampejo de consciência se estendesse em uma visão bonita, como um plano sequencial que fosse do capim até o céu. Confesso que, de todos os lugares do mundo, eu quero morrer aqui, na rua Severino.

Expirar nessa ruazinha – a nossa ruazinha, aos pés do

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

morro do Castelo – seria a rima perfeita. O último laço de um ciclo que se fecharia de forma ajustada. O rondó na sinfonia da minha vida. O arremate genial para uma vida prosaica. Diante dessa confissão vocês podem perguntar, Mas porquê, justo aqui?

Foi na Severino que eu morei, por décadas, na velha casa verde, aquela ali, a de número 18. Aqui nessa rua eu fui do céu ao inferno jogando amarelinha. Dei meus primeiros petelecos em bola de gude. Andei de rolimã, caí de bicicleta. Tomei muito banho de chuva, chutando água, arrastando a mão nos portões dos vizinhos. Foi aqui que eu fiz meu primeiro gol. Quantos pique esconde, quantas fogueiras, quantas missas na igreja da esquina, quantos anos, quantas histórias, quantas vidas... Risadas, raios e trovões. Dezenas de assovios, inúmeros já pra casa, menino! Foi aqui, nessa rua de paralelepípedos escuros, repleta de árvores, cujos cabelos se enrolavam nos fios de energia, que eu soltei minha primeira pipa, cortando os dedos com a linha cheia de cerol fino. Sim, eu sei, eram outros tempos. Meus tempos cheios de memórias que eu pretendo reter para sempre, aqui e no além. Tá vendo aquele pé de manga? Foi lá de cima que o Ricardinho – um menino com cabelo cor de fogo e que não parava quieto –, depois de sentir uma lagarta queimando o pé, se jogou. Sorte dele que havia um monte de areia, produto de uma reforma que o seu Manuel nunca concluiu, e que serviu de rede para aquele salto estabanado. Foi na Severino que eu ouvi, pela primeira vez, Cartola, João Gilberto, Roberto e Erasmo, Caetano – todos saídos da vitrola do seu Paulo. Aqui eu dei meu primeiro beijo. Salada mista. Joyce. A moreninha da casa branca e rosa. A menina que partiu meu coração. Chorei de amor, a ponto de sujar meu uniforme da escola. Era e época em que eu não me importava em desabar na frente dos outros...

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Bem diferente de hoje...

Eu nunca me casei. Sozinho segui rio acima, mas a madeira que do barco que me carrega vem daqui. Ia, mas vinha sempre beber das águas que correm aqui. Hoje, remoo lembranças, recordando mistérios. Lamento os livros a serem lidos, as comidas que não foram provadas, as toneladas de perguntas a serem feitas... Vitórias, derrotas, pesadelos, sonhos... Mas a vida é isso, não é? Lembranças de lugares que a gente transita. Resquícios dos cheiros,

das vidas que compartilhamos, ora devagar, ora às pressas. Projetos, planos, preocupações... tudo servindo de bússola, camuflando o rio do tempo, disfarçando o som do relógio que corre, sem parar.

Hoje percebo que a vida escorre pelos dedos feito farelo. O mesmo que vovó Zezé tirava do balde e deixava cair para alimentar as galinhas que esmerilhavam nosso quintal. Lembrar de tudo isso me faz perceber que a saudade é um rio que corre para trás, e cuja força quebra qualquer remo que tente cortar seu fluxo. Sob o som do tic tac desse imenso relógio as águas se agitaram, e eu mergulhei. Fui até o fundo, chicoteado pela correnteza, me afogando no tempo, engolindo memórias, pernas e mãos sendo sacudidas. Perdi meu barco. Agora, sou apenas eu e o rio.

Dizem que na morte a vida passa diante dos olhos. Não sei se é verdade, só sei que hoje, enquanto falo com vocês, percebo que saudade é aquilo que a gente carrega nos bolsos que ficam dentro da cabeça. Elas que mudam a forma do tempo, fazendo rio virar chuva, caindo devagar quase parando, goteira que deixa na boca aquele gostinho de quero mais. Sei que naveguei sob bons ventos. Não posso reclamar. Saudade dá e passa, mas aqui estou eu, com a mão no peito, olhando o mundo, saboreando as pessoas ao redor, sabendo que estou onde sempre quis.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Severino, esse é meu lugar.

Bom, a prosa está boa, mas tá na hora. Sou galo velho, cansado de comer os farelos da vida. Já dei minha última olhada nas casas, nos portões e nas calçadas. Espero – e espero mesmo – que lá em cima, no Paraíso, tenha um pé de manga para subir, e uma calçada para sentar, enquanto uma, duas, três, mil vidas inteiras escorrem diante dos meus olhos. Quero rever a velha casa e suspirar. Quero a chuva batendo no rosto. Quero sentir a água correr macia pelos paralelepípedos. Desejo morrer enquanto sinto o cheiro do mundo invadindo o céu. Quero, para todo sempre, celebrar a saudade, essa força singela, rio feito de memórias, água da vida, inícios com meios e afins. Quero fluir pra dentro do tempo, na minha querida rua Severino... até que... enfim... o fim.

Nalu Saad Pires

Onde a saudade vive

Ao terminar a curva, Hermínio reduziu a velocidade, conferiu 14h59 no relógio no painel, esticou a vista uns 60 metros adiante e viu a sombrinha azul turquesa com grandes bolas brancas. Conferiu o retrovisor, deu a seta, embicou o ônibus na faixa e parou, com a porta em frente à mulher no ponto.

“Shiiiiiiii” – suspiraram os freios.

A mulher sacudiu e fechou a sombrinha e a enfiou dentro da sacola de feira. Com a mão direita, segurou, enquanto equilibrava na outra mão um vaso de beijos brancos.

– Bom dia, dona Julieta!

– Dia! Que bom que voltou! Como foram as férias?

– Uma alegria ver a senhora também! Tudo ótimo.

Aproveitei para fazer umas reformas lá em casa.

“Rimmmmm” – a porta chiou ao se fechar.

– Precisam untar essa coisa – resmungou a passageira.

Hermínio sorriu. Nada tinha mudado. Há cinco anos, às quintas, às 15 horas, Dona Julieta embarca em seu ônibus com um vaso de beijos brancos e recomenda lubrificar as portas, como se entendesse de ônibus.

Ela nunca falta, nunca atrasa, sempre carrega a bolsa de feira, os beijos e a sombrinha, faça chuva, sol ou esteja nublado. Viaja assentada nas primeiras fileiras, com o olhar perdido e as contas de um rosário a deslizar entre os dedos. Desembarca no ponto final, em frente à Praça da Primavera, senta no mesmo banco. Quando o pipoqueiro e o vendedor de algodão doce chega, ela compra um de cada e caminha bairro adentro. Retorna a tempo da viagem de 18 horas, mais feliz, parece...

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Hermínio – e todo mundo – nutria aquela curiosidade de saber para onde ia e o que fazia, mas ninguém tinha aquela coragem de perguntar. Uma só vez, ele se arriscou a perguntar. Ela respondeu: “Na saudade”.

Hermínio não entendeu, mas como dona Julieta não deu mais espaço para conversar, ficou nisso mesmo. Um dia o motorista cismou de descobrir. Até trocou de horário com o Eufrásio para poder seguir a passageira. O próprio Hermínio estava achando isso tudo muito feio, mas deu de ombros e foi atrás, esgueirando-se entre carros, árvores, arbustos e lixeiras. A adrenalina fazia o coração bater na boca e ele não sabia bem se sentia um detetive ou um criminoso. Dez minutos depois, o motorista sentiu-se o pior dos invasores ao avistar dona Julieta de pé, diante do pórtico de concreto emoldurando a sequência de sepulturas. Escrito no alto “Cemitério da Saudade”.

Dona Julieta atravessou os portões de ferro batido preto, para três metros depois, assentar no meio-fio da rua que separa as quadras de catacumbas. Depositou o vasinho de beijos brancos ao lado de dezenas de outros. De repente, ela se virou e flagrou Hermínio do outro lado da rua. O motorista empalideceu, cogitou se esconder mas a única saída digna foi se aproximar e inventar uma desculpa.

– Olá, Dona Julieta! Eu vim ver o preço de sepulturas...

– Por quê? Você está morrendo?

– Nunca se sabe...

Se não fosse redundante, sepulcral é a melhor definição para o silêncio que separou o diálogo.

– Então é aqui a sua saudade?

Dona Julieta deixou escapar um sorriso no canto esquerdo dos lábios, que Hermínio arriscaria até a chamar de irônico.

– Nãooo! Aqui só há catacumbas e restos mortais. Ex-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

ceto as flores, as árvores, a grama, os pássaros e os visitantes. Todo o resto está morto e a saudade nunca aceitaria viver em um local sem vida.

Confuso, Hermínio coçou a cabeça e devolveu um olhar cheio de perguntas a Dona Julieta, que sorriu de volta, agora um riso largo emendado com uma gargalhada.

– Mas uma vez a senhora me disse que ia todas as quintas visitar a saudade...

Ela segurou a gargalhada para deixar o motorista confortável, sentou de volta ao meio-fio e deu tapinhas no chão para que ele também se sentasse.

– Vem cá que vou lhe contar uma história. Há vinte anos eu vim pela primeira vez no Cemitério da Saudade trazer alguns vasos de beijos brancos que eu mesma cultivo e, quando eu ia embarcar no ônibus, me desequilibrei. Só não cai porque um motorista gentil como você me segurou. Os beijinhos não tiveram a mesma sorte, espatifaram-se no assoalho do ônibus, terra para todo lado, raízes à mostra, uma tristeza. João me ajudou a recolher tudo e guardar nessa mesma sacola. Contei a ele que dois meses antes tinha ganhado um vasinho de beijos brancos do meu ex-noivo, o Fernando. Junto, ele mandou um bilhete terminando tudo. Foi por causa de uma mulher mais jovem, sabe como é? E como eu tinha acabado de me aposentar, eu decidi transformar aquele vasinho tão cheio de dor em amor. Fiz várias mudas e levava para o cemitério quando cai no ônibus. Eu não tenho parentes enterrados aqui, mas se os tivesse adoraria que seu local de descanso fosse ornado com beijos brancos.

Enquanto ela falava, seus olhos ganharam brilho inexplicável. Continuou:

– Naquele dia, eu e o João conversamos na Praça da Primavera, comemos pipoca e algodão doce. Retornei para

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

casa no mesmo ônibus e combinamos de na outra quinta-feira levarmos novos beijos brancos ao cemitério. Toda semana conversávamos e ríamos muito. O João até mudou o horário de trabalho dele para me acompanhar. Passeávamos por aqui lendo as plaquinhas com os nomes das pessoas e calculando quais idades tinham quando morreram. Imaginávamos histórias para cada uma. Namoramos, casamos e continuamos vindo com nossos beijos... Um dia, o João deitou a cabeça no meu ombro, lá no banco da praça, fechou os olhos e não abriu mais.

Enquanto ouvia, com os olhos marejados, Hermínio catava na memória trechos das viagens que dona Julieta fez com ele nos últimos cinco anos. Às vezes, ela até sorria com ternura como se olhasse para alguém.

– A saudade que eu visito, Hermínio, está naquele ônibus, no trajeto inteirinho, na pracinha, no gosto da pipoca e do algodão doce e nesse cantinho aqui, onde eu e meu amor nos sentávamos. A única saudade que vale a pena visitar é a que vive em nós na forma de boas lembranças.eras plataformas de embarque. O último aviso antes do ônibus partir é ressoado nos alto-falantes do saguão. E então, chega o momento em que nasce a saudade: o jovem se volta, brevemente, para os detalhes de sua estimada mãe. É verdade que estamos na era das videochamadas e de inúmeros artifícios tecnológicos que tentam suplantam tamanho sentimento. No entanto, o toque e a presença física não são dispensáveis nas relações humanas. Os dois se abraçam naquele abraço em que se torce para o árbitro conceder um generoso acréscimo ao tempo regulamentar. A separação dos corpos, as palavras de despedidas e de carinho e o caminho até o assento são regados com as lágrimas de despedida – e que também regam o broto da saudade. Os primeiros momentos de uma recém-saudade são ambíguos: ainda

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

da janela do ônibus, o contato visual entre quem vai e quem fica é possível; mas de tão distante, já não se pode mais aferir uma expressão facial ou mesmo escutar uma palavra ou qualquer outra coisa senão o motor do veículo somado ao ruído dos demais passageiros. O ônibus parte.

De todas as saudades existentes, a saudade que nasce e termina cotidianamente nos terminais de embarque e desembarque é simultânea, sem que uma espere pela outra. Pois isso é a saudade, não se deixa mais esperar – seja para acabar ou para iniciar.

Crônica - Acima de 30 anos

Richardson Jorge Dias da Silva

A casa

A casa foi vendida!

Faltava pouco mais de 2 horas para a virada do natal quando minha mãe mandou essa mensagem pelo whatsapp, a frase era simples, curta, direta e animadora. Fizemos um brinde com um vinho barato e ruim, eu e minha esposa não compartilhamos com os outros convidados o motivo da nossa comemoração. Começar o ano com um dinheiro extra é um dos deleites da vida adulta, mas a minha animação durou exatamente até a meia noite, quando o relógio marcou o primeiro segundo do dia 25 e os fogos começaram a iluminar o céu e romper o silêncio da rua, eu comecei a chorar lembrando da casa.

A casa era simplesmente o lugar onde vivi minha infância, adolescência e boa parte da minha juventude, ela fora testemunha e cúmplice da intimidade da família Campos, uma família pequena e discreta. Não lembro exatamente o primeiro dia em que chegamos na casa, só lembro que no começo ela era muito pequena, e todos da família dormiam juntos no único quarto que havia. Com o passar dos anos a casa foi aumentando, parecia que ela estava sempre em obras, inclusive foi de um pedreiro que trabalhou um tempo nessas obras que ganhei o primeiro livro da minha vida, ele me deu o Machado de Assis que ele sempre lia no seu intervalo do almoço. Ainda recordo da última vez que ouvi o som da risada do meu pai ecoando pela casa, depois disso virei o “coitado ele é órfão de pai!”. Sempre jantávamos juntos e depois assistíamos todas as telenovelas da noite, os sábados eram os dias de faxinas, sempre movidas ao som de Raul Seixas. Tínhamos permissão para brincar na rua

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

com as outras crianças, porém quando acabava a novela das 22 horas e minha mãe colocava a cabeça na janela, era hora de voltar para casa. Na adolescência nossa casa era a única do bairro que tinha vídeo cassete, conseqüentemente ela virou nosso QG de cinema em casa, fitas alugadas na locadora, pipoca, suco artificial de pacote e vários adolescentes barulhentos. Na juventude a casa virou o antro da nossa galera, era o único lugar onde podíamos fazer nossas festas, marcar os nossos encontros e organizar nossas baunças musicais que chamávamos de ensaios da banda. O tempo, como um rio, continuava seguindo em frente, veio meu primeiro sobrinho, irmã casando, outra irmã saindo de casa e por último eu indo dividir um apartamento com a irmã mais nova. A casa foi ficando cada vez mais vazia, só a nossa mãe ainda morava lá, até que a nossa avó ficou muito doente e a mãe precisou se mudar para cuidar da velhinha. O vazio, a escuridão e o silêncio tomaram conta da casa, eram as últimas linhas da história da família Campos escritas naquele sagrado lar.

Lembranças não cabem dentro de um caminhão, então fizemos uma última foto de família na porta da casa para quando a saudades apertar o coração. Afinal, sabemos que a vida é uma eterna viagem de volta para casa.

Christina Aparecida Negro Silva

Emma

Debruçada no parapeito da janela da velha casa, ela olhava ao longe...olhos miúdos, pesados pela idade, porém brilhantes, pois voltava seu olhar para outro tempo, outro espaço, para dentro de sua vida de outrora, rica memória.

Via-se menina, de avental xadrez, carregando o ovo quente no bolso do acessório para a mamma grávida do irmãozinho que nasceria brasileiro. Via-se rindo... uma largueza de dentes bonitos a encantar o cozinheiro que, escondido, entregava o alimento durante a travessia do navio da Itália para o Brasil.

Ao piscar de olhos, via-se mocinha, enamoratta de Victório, primo amore, com quem teve 12 filhos e muitos netos. Via a netinha, da filha mais nova, sentada em seu colo na cadeira de balanço, embevecida com suas histórias.

Quantas saudades! Saída ainda menina de sua terra natal, apreensiva em um país de língua e costumes diferentes dos seus, apesar do aconchego dos pais e irmãos, descobriu-se uma mulher forte, decidida a lutar contra as vicissitudes com maestria. E quantos percalços enfrentou no início do século XX, que nós, hoje, nem fazemos ideia! Sem energia elétrica, passava a ferro em brasa a única camisa que seu marido tinha. Lavava-a à noite e de manhãzinha, já limpa e passada, ele a podia vestir para o trabalho. Criou seus filhos, ajudando seu marido na lida com tijolos de barro. Sim, ela também carregava a matéria prima para construir seu sonho, sua vida, seu país.

Enfrentou a Revolução Constitucionalista de 32, abrindo os soldados paulistas na disputa contra os mineiros, pois morava quase na divisa entre os dois estados. Agra-

decia a Deus por não haver visto nenhum derramamento de sangue por ali, apesar da tensão do conflito. Os bonitos moços de farda, segundo uma das filhas, só se hospedaram na grande casa, desfrutando da mesa farta e gostosa. Nessa época, a situação financeira estava mais estável com a fábrica de cerâmica produzindo para uma crescente população tambauense.

Aos 60 anos, perdeu uma das vistas para o glaucoma, o azul do olhar como o mar mediterrâneo foi substituído por uma prótese de porcelana, tão perfeita que enganava até os filhos que sabiam desse procedimento cirúrgico. A imagem de Santa Luzia, carregando os olhos no pratinho, era sua relíquia.

Tanta vida deixou às gerações que a procederam. Muitas histórias de família, de risos alegres nos almoços festivos, de superação em situações difíceis, também de momentos de dor e perdas de entes queridos, da música de todos de sua família. Marido maestro ensinou a Arte aos filhos, netos e formou uma bela banda na cidade; a todos que queriam aprender música, tinha prazer em ensinar de graça. Tocava violino nos incipientes cinemas de então, enquanto era necessário esfriar a tela de projeção. A eterna saudade do companheiro que, dizia ela, vinha cobri-la todas as noites de frio por longos anos, mesmo depois de morto.

Quando lhe perguntavam se gostaria de voltar para rever seu país, respondia com um categórico – No...o Brasil é mio país.

Recordar da minha nonna me traz muitas saudades e também deixa meu coração cheio de gratidão por ter me permitido dar continuidade ao seu legado de amor por minha pátria, por gostar de música, de contar histórias, de comida italiana e ter muito respeito e reconhecimento pe-

los imigrantes (de todas as nacionalidades) que fizeram o Brasil.

Emily Vieira Antonetti Brocco

Universo particular

A saudade habita meu corpo desde que nasci. Não me entenda mal. Vivo do presente, que corre intenso e fugaz nas minhas veias, e tenho uma vontade enorme de abraçar o futuro, incerto e mágico. A questão é que a saudade é o cobertor da alma que me aquece de lembranças a todo instante. Sinto que ela me acompanha, mesmo que às escondidas, por onde eu vou. É a amiga invisível que todos temos e nem sempre sabemos que ela existe.

Saudade surge de muitos lugares, inclusive do amor. Recordo o aconchego da família, desde os meus primeiros dias, com eterno carinho. Também a tenho gravada em mim em olhares, sorrisos, risadas, lágrimas, abraços e adeus – não necessariamente nesta ordem. Ao colocar meu coração à prova, já na vida adulta, finalmente entendi que a saudade pode residir no improvável, no dito e não dito, nos sonhos e nas fantasias, reais e imaginárias.

Muitos dizem que a saudade está relacionada às primeiras ou últimas vezes na vida. Eu discordo. Saudade não descarta o meio. Ela está naquilo que ocorre quando estamos distraídos. Esconde-se na rotina, no tudo e no nada, bem como na confiança de não saber que o que importa é aquele preciso instante – que passa, às vezes marca para sempre. Saudade exige a coragem de não se prender ao passado e nem torná-la rival ou inimiga.

Sendo bem sincera, demorei a aceitar que a saudade não era apenas uma palavra. Ainda assim, como palavra, o medo de pronunciá-la em voz alta me paralisava. Era como se uma sentença fosse declarada e jamais pudesse ser detida, o que – por sua vez – acabaria me expondo demais

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

às interpretações alheias. Só que a saudade é presente de saber que não adormecemos e ainda somos capazes de se importar, seja por algo ou alguém.

Saudade é um universo particular. Tem sabor de jabuticaba, cheiro de hidratante, frescor do contato com outra pele, cabelos grisalhos e coloridos, som de carta ditada, rabinho balançando, significado oculto nas entrelinhas de mensagens trocadas, olhares desviados, silêncios profundos e diversas ousadias. É palavra cantada, declamada e registrada há séculos. Hoje a saudade que habita em mim saúda a saudade que habita em você.

MELHORES TEXTOS

Poesia - Entre 18 e 30 anos

Taíza Vitória Cequinel

Menininha

Hoje, ao encarar minha própria imagem no espelho
Sinto saudade da menina que, um dia, eu fui.
Se pudesse voltar, daria a ela algum conselho?
Acho que não. Apenas vivendo a alma evolui.

Eu já não sou mais aquela pequena criança
Que via os problemas como coisas distantes.
Mas, apesar de toda evolução e mudança,
Meus olhos ainda têm o mesmo brilho de antes.

Sorrio ao ver que minha essência permaneceu.
E, ao final dessa carta de amor ao passado,
Dedico essas palavras a minha antiga eu:

Menininha, eu te amo. Eu sempre te amei.
Você me lembra de quem eu realmente sou.
Você faz parte da mulher que me tornei.

Pâmela Beatriz Guimarães da Silva

O Que é? O que é?

O que é Saudade?
É uma grande vontade
Daquilo que um dia teve reciprocidade
Lembrança de momento de cumplicidade.

Saudade tem nome e sobrenome
Ao pensamento em certo momento consome
Traz lágrima ao olhar tirando até a fome
Provando que seu coração ainda o ame.

Fotos, mensagens, memórias
Eternizam para sempre pessoas
Que esteve lado a lado no pior e nas melhoras
Gratidão a saudade que coloca as reminiscências.

Quer no tempo, quer no lugar, ou no espaço
Certas coisas dão sentimentos nostálgicos, embaraço
Necessidade do perfume, sorriso, som da voz e abraço
Vazio na casa, na mente, no coração faz um estardalhaço.

Um viva a vida de todos daqueles que saudade causam
Que o bem sem medida nos trouxeram
Que para a nossa evolução contribuíram
Seu legado e missão sempre nos guiam.

Poesia - Acima de 30 anos

Cristina da Silva

Saudades de Joaquina

Ah! Joaquina.

E são tantas as lembranças para a gente recordar.
O sentar naquela porta era sagrado te encontrar.
Trazendo consigo sua bacia de arroz para catar.
Ao redor de suas comadres, gargalhadas de alegria.
Entretidas na conversa o sol se punha e nem se via.
Foram tardes agradáveis com a sua companhia.

Mulher de muita fibra com seus medos e receios.
Que sonhara independência e conquistara esse anseio.
Alegria igual a essa nunca vi naquele rosto.
A alegria escancarada que jorrava do seu peito.
Era o tempo de conheita de um futuro esperançoso.

Mas um dia é alegria, o outro é noite traiçoeira.
A vida tem dessas coisas vez por outra dá rasteira.
Não dava para acreditar, parecia brincadeira.
Era o início da tempestade, tenebrosa e sorrateira.
Que afetara a sua vida de tal forma, tal maneira.
Que sua chama se apagara tão precose e passageira.

Que bom que existe o tempo que nos dá a oportunidade.
De passar por esses momentos com muita maturidade.
Nós perdemos Joaquina, sem perder a capacidade.
De acreditar no Deus da vida que lhe deu a eternidade.
Só quem te amou será capaz de sentir tanta saudade.

Geraldo Trombin

Infindável rio

Saudade tenho de quem já partiu
– tal passarinho que ganhou o céu –
e dos meus olhos de uma vez sumiu,
deixando um rastro de tristeza e fel.

Sei que a saudade meu peito invadiu,
e que ali dentro fez grande escarcéu.
De que valeu já que ninguém ouviu,
se nessa vida vivo sempre ao léu?

Meu sentimento virou macaréu,
virando de ponta-cabeça o mundo,
levando o coração ao desvario.

Vitória dela, tiro o meu chapéu!
E, nessa saudade, mergulho fundo:
nasce em meus olhos infindável rio!

Wiliam Ricardo de Freitas

Saudade sem fim

Saudades...

De jardins perfumados, de pomares lotados, de lugares encantados, de coisas que nunca vi.

Saudades...

De diversos sabores, de todos os amores, da infância que nunca esqueci.

Saudades...

De velhos olhares, de novos ares, de um mundo em que vivi.

Saudades...

Dos enfeites com laços, dos verdadeiros abraços, dos afagos em que adormeci.

Saudades...

Das palavras com crase, das grandes frases, dos textos que escrevi.

Saudades...

Das distorcidas alegrias, das enfeitadas alegorias, das fantasias que vesti.

Saudades...

Das lágrimas derramadas, das tristezas encaradas, de tudo que perdi.

Saudades...

De diversas pessoas, de coisas boas, de vezes em que apenas, agradeci.

Saudades...

Das acertadas parcerias, das loucas correrias, do que me fez sorrir.

Saudades...

Do que encontrei, de tudo que não verei, enfim, do que ainda não conheci.

Claudio Antonio Chirelli

Saudade

Quanta saudade que eu tenho
Das rezas do meu sertão
O Santo era o Batista
Meu avô era João

O terreiro limpo e varrido
Com vassoura e vassourão
Imagens no altar florido
C'as florzinha de São João

O Vô e a Vó no terreiro
As pessoas com o terço na mão
vinha inté o fogueteiro
Ergue o mastro de São João

Casa alegre e barroteada
Do telhado o desvão
A noite bela e estrelada
Povo esperando a procissão

A meia noite procissão saia
Todos rezando com velas acesas nas mãos
Para lavar a imagem do Santo Batista
Nas águas límpidas do ribeirão

O tempo passou depressa
Mas devoção inda me resta
Tapera véia no relento
Passaredo fazendo Festa

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Quanta saudade que eu tenho
Das rezas do meu sertão
O Santo era o Batista
ABENÇÃO meu vô João.

Edileuza Bezerra de Lima Longo

Saudade

Saudade...
dos meus anos
que a vida vai levando
da minha pele que antes era macia
hoje as rugas me anunciam
que conheço mais que outrora,
mas nisso não vejo glória.

Saudade...
Do vigor nos esportes que praticava
da velocidade nas traquinagens vadias
junto aos amigos da rua
hoje as pernas entorpecidas
mostram-me que a distância é curta,
mas a realidade crua.

Saudade...
dos amigos que deixei
por diferentes recantos
lugares por onde andei
e a saudade me mostra
que se amigos eu conquistei
eu vivi, eu tive planos!

Saudade...
de uma mão que se estende
e aperta a minha com medo
de um estrondo da chuva
hoje ela cai como um torpedo
em minha solidão de viúva.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Ah, que bem-vinda saudade...
Pois, só saudade se sente
quem ainda vive intensamente
e não colecionou enganos
mas, isso não me consola
e cada vez mais me assola
a saudade dos meus anos...

Iteuane Faccinni Casagrande

O que é saudade?

Saudade é uma palavra bonita para colocar na poesia
Mas ela vem carregada de nostalgia
A memória não esquece de ninguém
A verdade é que a saudade dói também.

Saudades daquilo que já fui um dia
Sinto falta do que no passado havia
Às vezes a sensação é de revolta
Saudade é um tempo que não volta.

Seguimos vivendo no presente
Mas a saudade não desgruda da gente
Há momentos que ela corrói a alma
É um choro constante e nada que acalma.

Saudade é como um livro da nossa história
Ela conta em sentimentos a nossa trajetória
A fase da vida que não volta mais
O afeto vivido que o tempo não desfaz.

Saudades é o que carrego no coração
É o que ficou como recordação
Assim como uma foto emoldurada
Saudade é uma lacuna eternizada.

Rodrigo Domit

Reminiscências

Passei a vida
guardando relíquias
coleccionando reminiscências
– em uma caixa de sapato

eram vestígios preciosos
condensados em essência
uma trilha sinuosa
– de migalhas do passado

e eu percorria este caminho
de tempos em tempos
um por um, com todo esmero
– para mantê-los arejados

mas, ao fim, infelizmente
no crepúsculo da memória
os rostos tornaram-se disformes
irreconhecíveis

retratos fadados
de saudades indistintas

Pablo Cermeño Mendonça Kaschner

Estatuto do pré-homem

(para Thiago de Mello e Manuel Bandeira)

Fica decretado
neste estatuto do menino
que a partir deste instante
nenhuma palavra
será nada além de brinquedo
Que toda vogal estará consoante
com o que nasceu para ser:
nada mais que errante
nada menos do que imagino.

Se o sapo não lava o pé porque não qué
Faço eu com meus eus o que quisé
Se me chamam saloio, não ligo
Ligo o f e faço rimas com consoantes de apoio.

Decreta-se que nada será obrigado
nem falar “gratidão” em vez de “obrigado”
Que nada é proibido – inclusive repetir palavras
e rimas
e dividir sintaxes como se lhe aprouver
comme il faut
Tudo é permitido, sô!
Brincar com geringonças e rinocerontes
mané-gostosos e mamulengos malucos

Fica proibida a palavra seriedade,
a qual será suprimida dos mandatários
e do pântano enganoso de suas bocas.

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

A partir deste instante,
a brincadeira será a ordem e o progresso
– e o amor que tiraram da bandeira

Instituído fica a obrigação
de jogar com as palavras
inadvertidamente
E na divertida mente
de língua moleque
malemolente
fazer siricoticos
e salamaleques.

A morada da liberdade será sempre o coração da criança
Ninguém mais sentirá saudades
Todos serão felizes para sempre.

Crônica - Entre 18 e 30 anos

Laís Ferreira de Oliveira

Memórias e Saudade

Eu imaginava minha tia como uma fada. Alguém que realmente conhecia magia. Tinha uma casa simples, com xícaras de porcelanas floridas, um rádio vermelho antigo que pegava apenas uma estação e uma cadeira velha. Toda vez que era posta para fora da casa era certo que choveria, dizia ela. E realmente chovia! Tudo era muito mágico para mim.

O quintal tinha as mais lindas flores. Tão encantado quanto “O Jardim Secreto” de Frances Hodgson. Com cores vivas e cheiros surpreendentes. Se precisasse encontrar minha tia, era só adentrar na cozinha. Já de imediato se via uma mulher de um metro e meio, cabelos encaracolados que brilhavam como a luz do Sol e um avental florido que fazia tanto parte dela como o encantado jardim.

Geralmente, ela ficava revirando panelas, fazendo tudo borbulhar e fumar, preparava bolos e receitas secretas que eram só dela. Lembro-me bem de como preparava o leite. Esquentava numa caneca de alumínio. Mesmo que ela não tirasse os olhos dele por nenhum momento, no final o leite, traiçoeiro e veloz, aproveitava um instante de distração e tratava de borbulhar tanto que esparramava no fogão que tinha acabado de ser limpo.

A saudade se define pelas memórias que restam comigo hoje. Dos bolos, receitas secretas, leites derramados e flores do jardim. Lembranças que carregarei para sempre em meu âmago. Saudade boa que acompanhadas de lembranças puras, trazem um misto de sensações. O sabor doce de um bolo quentinho, o perfume das flores e a paz do jardim. Que se esparramam dentro do meu peito rapida-



Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

mente, como o leite derramado, até quando eu me distraio.
É simples, doce e magistral. Como a minha tia!

Klausney Muniz Sampaio

O lugar da Saudade

Nas minhas travessias de cronista por esta cidade, tenho adquirido evidências irrefutáveis de que a Saudade é um imposto alto que todo mundo é obrigado a pagar. Do lado de cá, vejo o espelho das águas da chuva refletindo os prédios, as pessoas, os bichos e automóveis. Todos de cabeça para baixo, circulando no ponteiro implacável do tempo. Assim como eles e você, Caro leitor, sou um colecionador inveterado de Saudades e, se for discorrer sobre todas elas nestas linhas, este texto vai morrer de overdose. Eis uma verdade: a Saudade também já cometeu muitos crimes.

A verdade é que eu, você e os outros (e aqui incluo os que até então desconhecem o tempero agri-doce da existência), já nascemos com a Saudade de ficar no silêncio escuro, com Saudade do que não pudemos ser e de quando a consciência sequer cogitava nos ativar. Quando aprendemos a não ficar só na onomatopeia e a colocar a palavra e a oração na boca para dançar, também é normal sentir falta de quando a letra era só um farelo de fonema que a gente não sabia mastigar; sinto Saudade especialmente de quando achava que a terra batida seria o assoalho do quintal lá de casa para sempre. Não lembro quando derrubaram o ipê-amarelo dos meus avós, nem a despedida da Ópera de passarinhos para Só-Deus-sabe-Onde. Se as raízes das árvores abraçassem o céu ao invés do chão, talvez o castigo divino fosse instantâneo e mais eficaz.

Nestes dias nublados, os suspiros ficam mais abundantes, porque a Saudade também chove na cabeça e no coração da humanidade. Moro perto de um aeroporto, logo depois da floricultura e do cemitério, mas a Saudade não

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

precisa só de viagem, de romance e de morte para acordar. Um sujeito chamado Banksy, artista de rua britânico, já disse que a gente morre duas vezes; mas acredito que não é possível mensurar quantas são as Saudades que deixamos na vida e depois dela. Beethoven deixou uma Saudade equivalente a quantas notas musicais? E Portinari, será que foi engolido pela Mãe Terra só para voltar a Brodowski, à infância que foge do velho-homem-menino enquanto a tinta da vida se esvai da paisagem? Algum matemático corajoso já tentou calculá-la?

A Saudade é digna de um manifesto que enumere todos os seus tipos e categorias, no singular e no plural, assim como os efeitos colaterais. Nesse paradoxo, entre o choro e o riso, vamos abastecendo os nossos frascos de cristal, ora por causa de uma lembrança alegre, ora por causa de um deus ancestral. No fim das contas, o lugar da Saudade é esse Rio transparente e sombrio cuja correnteza deságua em nós, um bando de Destinos endividados e pendurados de cabeça para baixo.

David Ehrlich

Saudade, Substantivo Singular

O que é saudade? É amor? Falta? Perda? Pensando bem, saudade é um conjunto de todos esses sentimentos misturados, a nos atingirem fortes e sem controle algum. Saudade é tudo que nos deixa com aquele gostinho de nostalgia, aquele pesar e mágoa por nos vermos privados de algo: pode ser um lugar distante demais para voltarmos facilmente, um amigo ou parente do qual só restam as boas lembranças, ou até aqueles momentos simples de felicidade que vivemos no passado e gostaríamos de reviver.

A palavra “saudade” possui origens antigas, e percorreu um longo caminho até se tornar o que é hoje: surgiu inicialmente como o termo latino “solitatem”, que significa solidão, e que na Idade Média transformou-se na palavra galego-portuguesa “soidade”. Conforme o português evoluía como língua com o passar dos séculos, sob diversas influências, a “soidade” virou “saudade”, palavra que tornou-se uma espécie de símbolo de Portugal por ser quase exclusiva de seu idioma – são poucas, afinal, as línguas que conseguem traduzi-la literalmente, apesar de ela descrever um sentimento absolutamente normal e, pode-se dizer, universal.

Popularizada como um tipo de canção de marinheiros, a saudade tornou-se uma das palavras mais citadas nos versos amorosos em língua portuguesa, assumindo todo tipo de significado poético: é enxergar o rosto de alguém mesmo com os olhos fechados; é sentir seu abraço e sua respiração mesmo a um mar de distância; é pensar em tudo que ainda se quer viver com alguém, ou que poder-se-ia ter vivido. Para os lusófonos, a saudade está em todo lugar –

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

até mesmo na botânica, onde as “saudades” tornaram-se uma espécie de planta, tal qual os “suspiros”.

Aliás, “saude” ou “saudades”? Dúvida curiosa, que até hoje a linguística não soube responder. Há os que preferem empregar a forma singular, e os que preferem a forma plural. E no fim das contas, essa questão pouco importa. Pois quando se trata de saude(s), o que realmente importa não é como a escrevemos: é parar para pensar sobre como podemos administrá-la, transformando o que deveria ser dor e mágoa em algo saudável e benéfico, algo que nos faça seguir em frente, mesmo que olhando para trás.

Deborah de Goes Messias

Memórias que florescem junto da primavera

Os carros passam depressa na avenida. Os pássaros cantam distantes da movimentação da cidade. A vida acontece, entre pessoas que correm para chegar ao trabalho, mães que preparam seus filhos para a escola, o padeiro que prepara o pão fresquinho que se sente o cheiro desde a esquina. Todos seguem a rotina, os dias, e ela sente saudade.

Se recorda dos momentos antes do luto, quando ainda podia ouvir as histórias de sua avó, aprender novos formatos de crochê e tricô, cantarolar antigas canções junto de sua vó enquanto preparavam a torta de morango que passou de geração para geração. Tudo a faz lembrar, do jeito doce de sua avó, desde o sorriso de uma criança, a serenidade na voz de uma pessoa de mais idade. Quando olha pela janela, e avista as árvores, os pássaros criando seus ninhos, a primavera fazendo florescer as mais belas, coloridas e diversas flores, se lembra do quanto sua vó apreciava a natureza e fazia de tudo para conservar cada uma das plantas que possuía em seu quintal.

Os dias são mais difíceis e pesados, desde a perda de sua pessoa favorita no mundo. Às vezes o sentido da vida se perde em sua mente e a dor de não poder abraçar, contar seus maiores segredos para quem mais conseguia ouvir e compreender suas aflições, cobre seu coração de tristeza e revela lágrimas em seus olhos. Parece difícil e injusto uma realidade em que não exista mais aqueles olhos delicados, aquele sorriso gentil, aquela mente brilhante e repleta de histórias para contar.

A perda e o luto machucam, assustam, se estendem para a rotina, e apresentam a dificuldade em se concen-

trar no trabalho, a falta de vontade em socializar, o medo de perder outras pessoas que tanto ama. Ela não consegue entender, por que e como lidar com a morte, é sempre um mistério e talvez, levando em consideração o pouco que se conhece na sociedade sobre o assunto, o pouco que a religião, a filosofia e a ciência conseguem explicar de fato, para cada um de nós também, se mantém um enigma. O que ela tem certeza, é que dói, machuca, abala.

Não consegue definir, nem mesmo sabe se essa dor vai passar, se de fato vai aprender a lidar, se toda vez que escutar o nome ou ouvir a música favorita de sua vó, não vai surgir uma lágrima em seus olhos e o choro contido em sua voz. Não pode afirmar que vai superar, seguir em frente sem sentir a saudade, a vontade de voltar no tempo para reviver cada um daqueles abraços apertados. Não tem como definir como serão os próximos dias, meses, anos sem alguém que tanto amava, mas espera gravar cada uma das memórias, e levar consigo, cada um dos aprendizados que teve com aquela mulher inteligente, forte e encantadora. Hoje ela chora, sente saudade e talvez, ainda se sinta assim amanhã, e depois, mas tem a certeza que em seu coração sempre vai carregar a avó, o carinho, o amor.

Marina Barrichello Marone

O presente da saudade

Não estou aqui para escrever um texto medíocre, sobre como a infância me traz saudades. Já escrevi repetitivas crônicas sobre isso, e já li outras tantas sobre. Estou particularmente cansada desse narrador saudosista, que lacrima por um período em que as coisas eram mais simples... Que sente falta dos papagaios dando cambalhotas no céu, da ausência de preocupações formais, da completa virgindade em relação a tudo, não só ao sexo. Estou exausta de ler sobre a saudade de ser criança, e imagino que você também... Então, sobre o que escreverei? Grande desafio, haja vista que eu só tenho 19 anos. Ou seja: não vivi o suficiente para sentir falta do que agora vivo, tampouco quero escrever sobre a saudade que tenho da meninice. Assim, proponho uma sensação revolucionária: a saudade do presente.

Talvez você olhe para essa ideia e a tenha como estúpida. Como pode alguém ter saudade do que vive o tempo todo? É aí, amigo leitor, que está o pulo do gato: nós não costumamos viver o presente o tempo todo. Sonhamos, sonâmbulos, ora com os problemas do passado, ora com as ansiedades do futuro, nunca acordados no momento em que estamos. Sendo assim, sinto saudades do presente de estar presente. Percebi esse peculiar sentimento enquanto fumava, com um amigo, numa mesa de boteco próximo à Luz, em São Paulo. Assim que o assunto escasseou e a bebida afogou nossas palavras na boca, ficamos mutuamente em silêncio. Um silêncio simpático, gostosinho, não constrangedor. Enfim, um silêncio. Uma ausência de dizer que me permitiu observá-lo pela primeira vez, como uma recém-nascida. Observar que seu cabelo macio, curto nas la-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

terais, ameaçava ondular na franja, ao passo que os olhos, da cor de pistache torrado, contemplavam algum ponto fixo distante... Que os pelos do bigode, como um beijo de amor, acariciavam seu lábio superior, enquanto o braço era acarinhado pela fumaça do cigarro que ardia entre os dedos. Assim que me percebeu ali, devorando-o pelas retinas, sua boca sorriu timidamente, formando uma covinha graciosa que eu costumo dizer que é a “minha cova”, onde morro de amores. Assim, bebi sua imagem gota a gota, como um bebê ante um seio materno, e saí daquele fantástico mergulho de realidade. Voltamos a delirar sobre o passado e o futuro, regados a fumo e álcool, e apesar da conversa ter sido boa eu ainda sinto saudade daqueles segundos em que o contemplei tão absorta, tão conectada, tão presente...

Mas não é só disso que sinto saudade: sinto falta de dançar sem saber o próximo passo, em sintonia com a fluidez rítmica e o melaço do timbre. Falta de tomar um café realmente sentindo o gosto amargo e deitar no chão para ouvir os estalos do piso de madeira. De sentir a grama lambendo a sola do pé e respirar o ar como se fosse a primeira (ou a última) vez. De mergulhar em um bom livro e rir de algo até as bochechas arderem em uma explosão de fogo emotivo. De esbagoar cada fragmento da realidade como quem debulha os grãos de uma espiga e sentir o mundo em cada Luz, silêncio, pelo de bigode, cova, gota, dança, café, estalo, grama, página, riso, crônica... E estar tão presente neste presente ao ponto de, uma hora, ter saudade de ter saudade.

Marlon Souza Faria

A história da minha vida

Veza ou outra no silêncio madrugada, nos momentos de insônia, eu acabo pensando na minha infância e adolescência, de como aquele tempo era diferente e eu era feliz sem saber. Não é sempre que eu acabo tendo esse tipo de pensamento, mas veza ou outra, na calada da noite, ele surge de forma imprevisível.

Apesar de preferir como sou atualmente, em termos de condição financeira e personalidade, aquela época tinha um charme e um encanto que não se encontra presente na minha atual fase da vida. É como se tivesse um toque de mágica, algo especial naquele tempo. Apesar de viver muito melhor hoje, talvez, não sinto o encanto que as coisas tinham antes.

Confesso que as vezes bate até um certo sentimento de tristeza, mas não de cair aos prantos por causa que sou triste, muito pelo contrário. É como se fosse uma nostalgia misturada com um sentimento de “caraca, o tempo passou rápido”. Quando pisquei, tornei-me adulto.

Às vezes abro a gaveta do guarda-roupas e vejo lá, fotos de pessoas que eu já nem sei mais onde estão. Gente que se foi e tempo que não volta mais. Vejo fotos da família, de um tempo onde todos eram mais unidos, todos nós almoçávamos juntos no domingo e mesmo nas dificuldades, morriamos de rir dos problemas. Fico lembrando de como eu e meu primo éramos unidos ao ponto de sermos quase irmãos... hoje em dia já nem vejo mais ele. A família que antes era unida... agora está distante. Todos foram morar em outras cidades e estão longes.

Recentemente passei pelo bairro onde cresci. Ele esta-

Viaggiando Da Leitura

PIRACICABA - SP

va diferente. A casa da minha avó ainda continua lá, porém vazia. A escola também continua lá, porém já é outra escola. Tudo mudou totalmente, e aquele lugar de antes só ficou na minha memória e nas fotos que eu guardo na gaveta do guarda roupas.

Temos que aprender a dar valor as coisas mais simples, pois nunca sabemos como será o dia de amanhã. Devemos aproveitar o momento, porque ele é uma dádiva... por isso ele se chama presente.

A lição que eu tiro vendo essas fotos quase todas as noites, é que por mais que as pessoas vão e o lugar mude, na nossa memória, tudo fica imortalizado.

Angelica Cardoso Ribeiro

Orion

Eu sempre me perguntei o porquê de você olhar tanto aquele céu vazio.

“Ele não está vazio. As estrelas, planetas, meteoros, galaxias e nebulosas estão nele, ainda que não possamos ver daqui. Seria bom se um dia o céu caísse em mim, assim poderia vê-lo em sua perfeição.”

Para mim você sempre foi muito mais livre que qualquer outra pessoa. Era como se tivesse asas para voar pelo céu prometido, mesmo que não pudesse sair de sua cadeira de rodas. Mas você se foi e a única coisa que deixou foi um sonho resplandecendo no céu. E agora o sonho que deixou para trás se tornou o meu também.

Eu caminho pela estrada molhada, subindo até chegar ao topo do rochedo onde posso ver o céu e o mar se tornarem um. Um meteoro risca o horizonte colorido de azul e rosa das nebulosas presentes ali. Cada estrelinha era como açúcar que adoçava o cosmo numa linda paisagem. Estendendo meu braço em direção a ela. “Se assim como essa estrela o céu também pudesse cair, que cenário eu estaria vendo agora? Se o céu caísse em mim eu finalmente poderia me tornar o próprio céu, assim ele me amaria com todo o seu coração.”

Reconheço as Orionidas caírem por mais um ano. Tudo o que fiz para achar este lugar foi por você. Eu só queria que você estivesse aqui do meu lado. Queria te ter em meus braços uma última vez, nem que fosse por mais um instante apenas. Queria poder te dizer que sinto muito por não salvá-lo a tempo. Mas mais que qualquer coisa, eu fui feliz por ter te conhecido. E do fundo do meu coração, só

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

queria te dizer obrigada.

Faço meu último desejo à noite sem fim.

“Se for possível renascer, espero que você ainda seja você mesmo. Eu irei te procurar e segurá-lo forte, para nunca mais nos separarmos.”

As estrelas agora caem dos meus olhos. Em breve o céu cairá também. Me aproximo do precipício. Meu corpo vai de encontro ao falso céu enquanto vejo o verdadeiro rapidamente ficar mais e mais distante de mim.

Amanda Kristensen de Camargo

Uto-pia

Argos, movido por um motor desconhecido aos Homens: a fidelidade, esperou Ulisses por anos. O cão estava velho, fraco e cansado quando seu dono retornou a Ítaca. Assim que o reconheceu – aliás o único a reconhecê-lo – Argos só pôde abanar a cauda antes de se entregar ao descanso; e como cansa esperar! Ulisses, ao ver a partida eterna do cão amigo, escondeu uma lágrima de toda a cidade: ninguém poderia saber sobre seu desejo de reestabelecer sua vida.

Esperei João Pedro por anos. Esperei que viesse o desejo de restabelecer nossas vidas; esperei...

Tempos após sua partida, eu, que sempre fui Argos, passei a ser capaz – até a primeira terça-feira do último mês do ano – de esperar somente certezas: os dias e as noites. João Pedro me ensinou tanto do ‘humano’, que esperas outras eram sonho.

Eis que me apareceu Uto, um sabiá-laranjeira que pia-va em minha sacada às 5h. Filhote quase sem penas e meio adoentado foi acolhido.

Cresceu bonito e passou a alargar tanto minhas primeiras horas madrugadeiras, com seus pios que dão cor alaranjada às manhãs, que passei a pensá-las incertas: sem Uto as manhãs seriam breu; como as noites sem João passaram a ter luz demais.

Já que estava ‘moço’, Uto precisava voar e assim foi feito.

Será que em algum momento pensei em podar as asas de João?

Ainda era dezembro quando vi Uto na macieira do vi-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

zinho: ele tinha o mesmo desenho em formato de trevo (ou sorte) – de quando filhote – no centro do peito. Reconhecemo-nos.

Uto continua cantando para mim e vem bem perto, pousando os pezinhos sensíveis na sacada onde foi achado.

Achamentos salvam.

Não achei mais J. E embora tenha batido ainda ontem à minha porta, não o reconheço mais. Não se restabelecem os idos.

Enquanto Uto-pia, renasce em mim com as manhãs uma fidelidade de penas, que parece ainda querer esperar asas francas na multidão de Joãos e Ulisses.

Ana Huang

Mudança

Após o casório, a filha abraçou a mãe e o pai numa simples despedida em frente ao novo apartamento. A mudança foi ligeira e no mesmo dia, com apenas duas malas contendo os objetos essenciais para passar o primeiro mês.

O novo casal mal deu um passo à portaria que a mãe os convidou para almoçar em casa no domingo, o que foi alegremente aceito. E ainda antes de fechar as portas a mãe tagarelava sobre ferver a água antes de beber, se acobertar ao dormir e até passou uma receita de um chá que fazia bem para saúde. Até domingo! Eu te ligo! Despedia-se ela com ar de preocupada. O pai já estava longe, do outro lado da esquina gesticulando sem paciência para ir embora, afinal se veriam no dia seguinte.

O almoço no domingo virou visita fixa na agenda, não era problema, pois moravam a algumas quadras de distância. E a filha aproveitava a visita para levar aos poucos os pertences que ficaram. A mãe sempre alegre conversava os assuntos de rotina e o pai acendia um cigarro após o almoço, como de costume.

A nova vida da recém-esposa ficou silenciosa, longe dos pais sentiu uma solidão desacostumada. Quando precisava de um agito, tinha os domingos para voltar à casa do barulho, panelas e talheres colidindo como banda, gatos miando e a avó murmurando seus anos de ouro aos quatro ventos. Mas a sensação ainda era estranha, estava casada, mas por que se sentia separada?

Pelos olhos do pai, a casa foi ficando cada vez mais vazia, os cadernos e livros iam desaparecendo da estante aos poucos. A antiga cama da filha agora era da vó. Houve um

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

dia em que ele tentou chamá-la para jantar, esquecido de que já não vivia mais lá. No outro, acordou atrasado e procurou a filha para dar a bronca de não o ter acordado. Tudo que viu foi o silêncio. Seu orgulho não estava mais em casa, estava feliz que sua menina casou, é claro, mas sentia um estranho nó na barriga.

Era para estar acostumado com a ausência da filha, aconteceu a mesma coisa durante os anos de faculdade. Foram seis longos anos preparando o seu feijão especial para ela sobreviver nos estudos. Distraído nessas memórias engraçadas, a filha parou à entrada do seu serviço para visita. Num salto levantou-se, foi correndo para a cozinha trazer-lhe um embrulho com um lanche que guardou para depois. Ofereceu à sua menina dos anos de faculdade, ignorante de que ela já estava atrasada para o trabalho.

Não tardou de as visitas ao serviço do pai ficarem mais frequentes, principalmente porque a mãe lhe pedia para imprimir documentos e deixar lá toda semana. Numas era um “oi” e “tchau” às pressas, em outras dava para conversar um pouco e atualizar a vida um do outro. A vida estava o de sempre, repetia o pai todas as vezes. Ele era um tanto solitário e quieto, mas desde que se casou, a filha teve a impressão de que o pai estava com... Algum sentimento do qual não recordava como dizia naquele momento.

Um dia, em outra rápida visita, o pai deu um abraço repentino e breve. Era raro na cultura dos pais dela expressarem afeto com abraços, eram normalmente elogios ou tapinhas nas costas. Vai, está atrasada para o trabalho, não é? A gente se vê no domingo. Ele se despediu sem querer atrapalhar. Nenhuma outra palavra foi dita depois.

E então, como um estalo na memória, a filha se lembrou do sentimento: Saudade.

Crônica - Acima de 30 anos

Tiago dos Santos de Souza Hatayama

Severino

Quero me gastar nessas últimas palavras.

Sei que ninguém sai de casa imaginando que está em seu último dia de vida. Existem exceções, claro, mas até onde eu sei, ninguém para e diz, É hoje que eu saio dessa pra melhor! Nem fica tentando adivinhar as condições em que irá, literalmente, cair morto. A morte é um tabu, mas eu sempre entendi que pensar nela é, por extensão, pensar na vida. Sigo lamentando o fato de que morrer significa deixar de fazer um monte de coisas boas, e diante disso, já percebo em mim uma certa saudade da vida – até daquilo que hoje não me faz nenhuma falta.

Tenho consciência de que, com relação à morte, eu sempre tive umas ideias meio doidas. Nunca pensei no quando, mas já pensei no como e onde. Odiaria morrer num hospital, ou em um desastre de avião ou então numa avenida qualquer. Morrer dormindo? Nem pensar. Sempre quis morrer diante de uma paisagem que me fosse íntima, um lugar que eu conhecesse como a palma da minha mão. Acalentei por muito tempo – é loucura, eu sei – a ideia de um dia – o fatídico dia – poder arregalar os olhos e exclamar, Quem diria que seria aqui! Desejo morrer em paz, em um lugar repleto de boas lembranças. Não queria que fosse minha casa – tenho pavor de pequenos espaços, além disso, as paredes estão descascando. Não e não. Quero que meu último lampejo de consciência se estendesse em uma visão bonita, como um plano sequencial que fosse do capim até o céu. Confesso que, de todos os lugares do mundo, eu quero morrer aqui, na rua Severino.

Expirar nessa ruazinha – a nossa ruazinha, aos pés do

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

morro do Castelo – seria a rima perfeita. O último laço de um ciclo que se fecharia de forma ajustada. O rondó na sinfonia da minha vida. O arremate genial para uma vida prosaica. Diante dessa confissão vocês podem perguntar, Mas porquê, justo aqui?

Foi na Severino que eu morei, por décadas, na velha casa verde, aquela ali, a de número 18. Aqui nessa rua eu fui do céu ao inferno jogando amarelinha. Dei meus primeiros petelecos em bola de gude. Andei de rolimã, caí de bicicleta. Tomei muito banho de chuva, chutando água, arrastando a mão nos portões dos vizinhos. Foi aqui que eu fiz meu primeiro gol. Quantos pique esconde, quantas fogueiras, quantas missas na igreja da esquina, quantos anos, quantas histórias, quantas vidas... Risadas, raios e trovões. Dezenas de assovios, inúmeros já pra casa, menino! Foi aqui, nessa rua de paralelepípedos escuros, repleta de árvores, cujos cabelos se enrolavam nos fios de energia, que eu soltei minha primeira pipa, cortando os dedos com a linha cheia de cerol fino. Sim, eu sei, eram outros tempos. Meus tempos cheios de memórias que eu pretendo reter para sempre, aqui e no além. Tá vendo aquele pé de manga? Foi lá de cima que o Ricardinho – um menino com cabelo cor de fogo e que não parava quieto –, depois de sentir uma lagarta queimando o pé, se jogou. Sorte dele que havia um monte de areia, produto de uma reforma que o seu Manuel nunca concluiu, e que serviu de rede para aquele salto estabanado. Foi na Severino que eu ouvi, pela primeira vez, Cartola, João Gilberto, Roberto e Erasmo, Caetano – todos saídos da vitrola do seu Paulo. Aqui eu dei meu primeiro beijo. Salada mista. Joyce. A moreninha da casa branca e rosa. A menina que partiu meu coração. Chorei de amor, a ponto de sujar meu uniforme da escola. Era e época em que eu não me importava em desabar na frente dos outros...

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Bem diferente de hoje...

Eu nunca me casei. Sozinho segui rio acima, mas a madeira que do barco que me carrega vem daqui. Ia, mas vinha sempre beber das águas que correm aqui. Hoje, remoo lembranças, recordando mistérios. Lamento os livros a serem lidos, as comidas que não foram provadas, as toneladas de perguntas a serem feitas... Vitórias, derrotas, pesadelos, sonhos... Mas a vida é isso, não é? Lembranças de lugares que a gente transita. Resquícios dos cheiros,

das vidas que compartilhamos, ora devagar, ora às pressas. Projetos, planos, preocupações... tudo servindo de bússola, camuflando o rio do tempo, disfarçando o som do relógio que corre, sem parar.

Hoje percebo que a vida escorre pelos dedos feito farelo. O mesmo que vovó Zezé tirava do balde e deixava cair para alimentar as galinhas que esmerilhavam nosso quintal. Lembrar de tudo isso me faz perceber que a saudade é um rio que corre para trás, e cuja força quebra qualquer remo que tente cortar seu fluxo. Sob o som do tic tac desse imenso relógio as águas se agitaram, e eu mergulhei. Fui até o fundo, chicoteado pela correnteza, me afogando no tempo, engolindo memórias, pernas e mãos sendo sacudidas. Perdi meu barco. Agora, sou apenas eu e o rio.

Dizem que na morte a vida passa diante dos olhos. Não sei se é verdade, só sei que hoje, enquanto falo com vocês, percebo que saudade é aquilo que a gente carrega nos bolsos que ficam dentro da cabeça. Elas que mudam a forma do tempo, fazendo rio virar chuva, caindo devagar quase parando, goteira que deixa na boca aquele gostinho de quero mais. Sei que naveguei sob bons ventos. Não posso reclamar. Saudade dá e passa, mas aqui estou eu, com a mão no peito, olhando o mundo, saboreando as pessoas ao redor, sabendo que estou onde sempre quis.

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Severino, esse é meu lugar.

Bom, a prosa está boa, mas tá na hora. Sou galo velho, cansado de comer os farelos da vida. Já dei minha última olhada nas casas, nos portões e nas calçadas. Espero – e espero mesmo – que lá em cima, no Paraíso, tenha um pé de manga para subir, e uma calçada para sentar, enquanto uma, duas, três, mil vidas inteiras escorrem diante dos meus olhos. Quero rever a velha casa e suspirar. Quero a chuva batendo no rosto. Quero sentir a água correr

macia pelos paralelepípedos. Desejo morrer enquanto sinto o cheiro do mundo invadindo o céu. Quero, para todo sempre, celebrar a saudade, essa força singela, rio feito de memórias, água da vida, inícios com meios e afins. Quero fluir pra dentro do tempo, na minha querida rua Severino... até que... enfim... o fim.

Nalu Saad Pires

Onde a saudade vive

Ao terminar a curva, Hermínio reduziu a velocidade, conferiu 14h59 no relógio no painel, esticou a vista uns 60 metros adiante e viu a sombrinha azul turquesa com grandes bolas brancas. Conferiu o retrovisor, deu a seta, embicou o ônibus na faixa e parou, com a porta em frente à mulher no ponto.

“Shiiiiiiii” – suspiraram os freios.

A mulher sacudiu e fechou a sombrinha e a enfiou dentro da sacola de feira. Com a mão direita, segurou, enquanto equilibrava na outra mão um vaso de beijos brancos.

– Bom dia, dona Julieta!

– Dia! Que bom que voltou! Como foram as férias?

– Uma alegria ver a senhora também! Tudo ótimo.

Aproveitei para fazer umas reformas lá em casa.

“Rimmmmm” – a porta chiou ao se fechar.

– Precisam untar essa coisa – resmungou a passageira.

Hermínio sorriu. Nada tinha mudado. Há cinco anos, às quintas, às 15 horas, Dona Julieta embarca em seu ônibus com um vaso de beijos brancos e recomenda lubrificar as portas, como se entendesse de ônibus.

Ela nunca falta, nunca atrasa, sempre carrega a bolsa de feira, os beijos e a sombrinha, faça chuva, sol ou esteja nublado. Viaja assentada nas primeiras fileiras, com o olhar perdido e as contas de um rosário a deslizar entre os dedos. Desembarca no ponto final, em frente à Praça da Primavera, senta no mesmo banco. Quando o pipoqueiro e o vendedor de algodão doce chega, ela compra um de cada e caminha bairro adentro. Retorna a tempo da viagem de 18 horas, mais feliz, parece...

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Hermínio – e todo mundo – nutria aquela curiosidade de saber para onde ia e o que fazia, mas ninguém tinha aquela coragem de perguntar. Uma só vez, ele se arriscou a perguntar. Ela respondeu: “Na saudade”.

Hermínio não entendeu, mas como dona Julieta não deu mais espaço para conversar, ficou nisso mesmo. Um dia o motorista cismou de descobrir. Até trocou de horário com o Eufrásio para poder seguir a passageira. O próprio Hermínio estava achando isso tudo muito feio, mas deu de ombros e foi atrás, esgueirando-se entre carros, árvores, arbustos e lixeiras. A adrenalina fazia o coração bater na boca e ele não sabia bem se sentia um detetive ou um criminoso. Dez minutos depois, o motorista sentiu-se o pior dos invasores ao avistar dona Julieta de pé, diante do pórtico de concreto emoldurando a sequência de sepulturas. Escrito no alto “Cemitério da Saudade”.

Dona Julieta atravessou os portões de ferro batido preto, para três metros depois, assentar no meio-fio da rua que separa as quadras de catacumbas. Depositou o vasinho de beijos brancos ao lado de dezenas de outros. De repente, ela se virou e flagrou Hermínio do outro lado da rua. O motorista empalideceu, cogitou se esconder mas a única saída digna foi se aproximar e inventar uma desculpa.

– Olá, Dona Julieta! Eu vim ver o preço de sepulturas...

– Por quê? Você está morrendo?

– Nunca se sabe...

Se não fosse redundante, sepulcral é a melhor definição para o silêncio que separou o diálogo.

– Então é aqui a sua saudade?

Dona Julieta deixou escapar um sorriso no canto esquerdo dos lábios, que Hermínio arriscaria até a chamar de irônico.

– Nãooo! Aqui só há catacumbas e restos mortais. Ex-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

ceto as flores, as árvores, a grama, os pássaros e os visitantes. Todo o resto está morto e a saudade nunca aceitaria viver em um local sem vida.

Confuso, Hermínio coçou a cabeça e devolveu um olhar cheio de perguntas a Dona Julieta, que sorriu de volta, agora um riso largo emendado com uma gargalhada.

– Mas uma vez a senhora me disse que ia todas as quintas visitar a saudade...

Ela segurou a gargalhada para deixar o motorista confortável, sentou de volta ao meio-fio e deu tapinhas no chão para que ele também se sentasse.

– Vem cá que vou lhe contar uma história. Há vinte anos eu vim pela primeira vez no Cemitério da Saudade trazer alguns vasos de beijos brancos que eu mesma cultivo e, quando eu ia embarcar no ônibus, me desequilibrei. Só não cai porque um motorista gentil como você me segurou. Os beijinhos não tiveram a mesma sorte, espatifaram-se no assoalho do ônibus, terra para todo lado, raízes à mostra, uma tristeza. João me ajudou a recolher tudo e guardar nessa mesma sacola. Contei a ele que dois meses antes tinha ganhado um vasinho de beijos brancos do meu ex-noivo, o Fernando. Junto, ele mandou um bilhete terminando tudo. Foi por causa de uma mulher mais jovem, sabe como é? E como eu tinha acabado de me aposentar, eu decidi transformar aquele vasinho tão cheio de dor em amor. Fiz várias mudas e levava para o cemitério quando cai no ônibus. Eu não tenho parentes enterrados aqui, mas se os tivesse adoraria que seu local de descanso fosse ornado com beijos brancos.

Enquanto ela falava, seus olhos ganharam brilho inexplicável. Continuou:

– Naquele dia, eu e o João conversamos na Praça da Primavera, comemos pipoca e algodão doce. Retornei para

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

casa no mesmo ônibus e combinamos de na outra quinta-feira levarmos novos beijos brancos ao cemitério. Toda semana conversávamos e ríamos muito. O João até mudou o horário de trabalho dele para me acompanhar. Passeávamos por aqui lendo as plaquinhas com os nomes das pessoas e calculando quais idades tinham quando morreram. Imaginávamos histórias para cada uma. Namoramos, casamos e continuamos vindo com nossos beijos... Um dia, o João deitou a cabeça no meu ombro, lá no banco da praça, fechou os olhos e não abriu mais.

Enquanto ouvia, com os olhos marejados, Hermínio catava na memória trechos das viagens que dona Julieta fez com ele nos últimos cinco anos. Às vezes, ela até sorria com ternura como se olhasse para alguém.

– A saudade que eu visito, Hermínio, está naquele ônibus, no trajeto inteirinho, na pracinha, no gosto da pipoca e do algodão doce e nesse cantinho aqui, onde eu e meu amor nos sentávamos. A única saudade que vale a pena visitar é a que vive em nós na forma de boas lembranças.

Branca Lescher

Estrada de Santos

Volto à minha primeira infância.

Estou em Santos, no primeiro andar do Edifício Sobre as Ondas, no início dos anos 70.

Ouçõ, na vitrola vermelha colocada no parapeito da janela, Paulo Sergio, o garoto da Jovem Guarda, gritando forte uma canção triste.

Meus irmãos se espremem comigo na janela e somos felizes imaginando as pessoas ouvindo conosco nossa música. Passamos as férias com duas empregadas que cuidam de nós e da trilha musical.

Nossos pais só nos encontram aos finais de semana, quando descem. Para eles, existe outro apartamento no nono andar. O casal no alto, os filhos no primeiro andar. Não entendemos, nem estranhamos. Na memória, a explicação era a de que não cabíamos todos em um só.

Nossa mãe estava sempre sentada com as pernas pra cima. Tinha rios tatuados nas pernas, veias vermelhas, azuis, verdes, mas usava saias curtas e, mesmo com rios, eu gostava das suas pernas. Nosso pai, com uma barriga que crescia junto com o seu apetite, descia conosco em busca de aperitivos antes do almoço.

Guardo ainda o cheiro do asfalto queimado. Tenho saudade da minha frente única laranja de lastex. Sinto o gosto das porções de manjuba, de linguiça e de camarão frito.

A queijadinha e o milho cozido eram o lanche da tarde.

Voltávamos pra São Paulo gorduchos e corados. Gostava de me ver no espelho, duas bochechas vermelhas com olhos verdes. Ainda combino verde com rosa ou vermelho,

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

pela lembrança boa.

Não usávamos protetor solar e era lindo descascar. No máximo, a gente passava água de magnésio quando a pele ardia à noite, depois de um dia de sol.

Aprendi o que era música ali, com a Francinete e a Rosália, as moças que olhavam por nós, também com o Paulo Sergio e o Roberto Carlos.

Ainda hoje, milhares de anos depois, sei as canções de cor e ainda canto com eles.

“Ah, eu vim aqui, amor, só pra me despedir...”

E as últimas palavras desse nosso amor, você vai ter que ouvir.”

Marcelo Pereira da Silva

A filha de Nair

O que nos ajuda a reviver a sensação da presença? Os cheiros não se preservam nas roupas, pormais que tentemos fechar os olhos e inspirar profundamente. As fotos são estáticas, preservandouma fração de momento que, muitas vezes, não se pode identificar; sorrisos não contam, por si, ashistórias. Vídeos detalham os fatos e trazem os sons, mas não interagem; são maus interlocutores, que falam e cantam, mas não ouvem. Como, então, lidar com essa velha amiga, que nos recorda, numa via de uma diferente dor, feita de doce e amargo, aqueles ou aquilo que um dia não precisávamos nos esforçar para lembrar que tínhamos? Pois é. Coisas da saudade.

Rosana tinha consciência dessas coisas... e medo de esquecer. Procurava se recordar da falecida mãe, que a deixou naquela fase em que a criança cansa de correr pelo quintal e, abruptamente, cresce, para correr por outros motivos menos lúdicos. Não conseguira se despedir, sabendo, poruma tia querida, que Nair descansara, trocando sua cama de dor por uma eternidade de felicidade. Claro que chorou! Claro que viveu, junto com seu pai, todos os processos do luto, todo o período de reconstrução, todo o esforço de aceitação e de visão turva de sua ausência nos seus cantos favoritos da casa. Numa demonstração de cuidado mútuo, Rosana e seu pai não tocavam no assunto um com o outro, com a atenção de não sangrar feridas com cascas definitivamente finas. A maioria das roupas de Nair fora doada aos mais necessitados, seus objetos pessoais divididos entre membros queridos da família... Exceto aquela toalha de bordado: “AMO VOCÊ, RÔ.”

Nove anos se passaram desde então, e a voz de Nair ficava cada vez mais fraca na mente de Rosana. A voz de uma mulher tímida, que não gostava de ser filmada, poucas vezes fotografada. Seu cheiro, embora sendo de um perfume conhecido, não possuía o mesmo odor em outras peles. Sua comida não poderia ser reproduzida, por mais que se combinassem todos os ingredientes e temperos. O que fazer? Uma ideia. Infelizmente, além de suas possibilidades.

Todas as noites, uma tentativa descomunal de lembrar do que podia. Um olhar atento aos detalhes do bordado, uma prece de agradecimento por sua vida. Um desejo de adormecer ...e sonhar. Sonhar com Nair. Todas as manhãs, uma decepção. Sonhos aleatórios, bons, maus, engraçados, assustadores. Mas nenhum que atendesse suas expectativas.

Os dias gastam os desejos não realizados, como é de se saber. E, quando tudo parecia convergir para mais uma noite de sonhos banais, Rosana entrou em sua casa do passado, com uma sacola de brioques nas mãos. Brioques? “Será?” Sentiu o cheiro. “Nossa, o mesmo cheiro dos brioques da padaria da esquina, aquela que fechou...” Como nos faltam o discernimento nos sonhos, continuou sua trajetória, abrindo a porta da sala. Sentados, seu pai e, em seu canto preferido do sofá, Nair.

Um sonho de cotidiano. Uma experiência em que se ignoram os fatos futuros. Nair chamou-a para sentar-se ao seu lado. Rosana nada mais possuía nas mãos. E os pães? Sonhos... Reclinou sua cabeça no colo materno. Sentiu seu cheiro e seu toque. Levantaram-se e foram almoçar, falando de pessoas conhecidas, mas esquecidas, e desconhecidas. Ouviu Nair rindo, como só fazia quando estavam somente os três. Comeu um bocado de seu frango cozido e encheu um copo de suco de acerola. De repente, estavam na

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

janela, vendo aquele famoso pôr do sol, que Nair sempre atribuíacom seu. À noite, um beijo e as bênçãos de sempre. Antes de dormir, uma última frase:

– Seja uma boa menina! – um barulho de sinos. Hora de acordar. Um coração que bateu mais forte, extravasando um choro não de tristeza, mas de saudade... Sim! A amiga saudade.

Tempos depois, Rosana estava voltando de seu trabalho em um ônibus. Na altura da Rua BoaMorte, uma senhora entrou, demonstrando certa dificuldade ao passar pela catraca. Apressadamente, a filha de Nair levantou de seu assento e a ajudou, oferecendo, logo em seguida, seu lugar. Uma vez acomodada, agradeceu pela gentileza e ariscou assuntos, o que foracorrespondido. Próxima de sua descida, Rosana puxou o sinal e se despediu. E, na última possibilidade comunicativa daqueles dois seres que talvez nunca mais se encontrariam novamente – e, de fato, nunca mais se encontraram – a senhora emendou, numa sinceridade direta:

– Você é uma boa menina.

Rosana sorriu. E desceu. Sim. Ela era uma boa menina.

Edweine Loureiro da Silva

Cine Chaplin

O prédio ainda estava lá. Mas, no lugar do cartaz de algum filme, a parede estava pintada com os dizeres: “Assembleia de Deus”, frase esta que, apesar de sagrada, causou-me grande melancolia, pois, naquele instante, lembrei-me das tardes de sábado, hoje distantes, quando adentrávamos, meu irmão e eu, o Cine Chaplin, localizado no centro de Manaus – geralmente após esperar horas em uma fila que, dependendo do sucesso hollywoodiano, tomava conta de toda Avenida Joaquim Nabuco, uma das maiores da cidade. Foi assim com “Titanic”, “Ghost”, somente para citar alguns dos filmes que o Cine Chaplin exibiu.

Inaugurado em 1980, com o filme “Bye, Bye Brasil”, de Cacá Diegues (sessão esta antecedida por um curta de Chaplin, como era de se imaginar), o pequeno cinema fez tanto sucesso entre a população que possibilitou o surgimento de cinco outras salas no centro da cidade – Oscarito, Grande Otelo, Carmem Miranda, Cantinflas e Renato Aragão –, todas de propriedade do empresário e cinéfilo Joaquim Marinho, a quem tive o prazer de entrevistar para um trabalho escolar na década de oitenta. Amigo de minha mãe, Sr. Marinho, certa vez, recebeu-nos gentilmente em sua casa para ajudar-me com um trabalho escolar a respeito de cinema. E, enquanto ia lhe fazendo as perguntas, eu observava, fascinado, os muitos cartazes de clássicos nas paredes: “Ben-Hur”, “E o vento levou”, “O Poderoso Chefião”, somente para citar alguns. Sr. Marinho, por sua vez, percebendo o meu entusiasmo, premiou-me com uma aula de cinema... além de uma pintura com Carlitos estampado, tesouro que guardei com muito carinho por toda a minha

adolescência.

Anos mais tarde, em 2015, durante uma de minhas visitas a Manaus (moro no exterior desde 2001), revi o Sr. Marinho, à distância, em uma livraria no centro da cidade. Estava então em uma cadeira de rodas. Perdera, havia anos, as salas de cinema que possuía, engolidas pelos modernos multiplexes dos shopping centers. Não me aproximei na ocasião para falar-lhe, porém, e isso por dois motivos: primeiramente porque temia que ele não me reconhecesse; e, segundo, porque, de modo egoísta, preferi preservar na memória a imagem daquele homem que, conhecedor de cinema, fizera a alegria de um pequeno cinéfilo naquela visita da década de oitenta.

O ano em que revi Sr. Marinho, aliás, foi também o de minha última visita a minha cidade natal. Não sei, portanto, se, no lugar do Cine Chaplin, ainda há a igreja, ou mesmo se o prédio ainda se mantém em pé. Tudo o que sei é que, das muitas saudades que povoam o meu coração, a salinha Chaplin e o Sr. Marinho possuem um lugar especial. Um lugar eternizado pelo sorriso de um menino nas tardes de sábado em Manaus.

Maria do Rosário Rodrigues da Cruz Nazareth

Nas rotas da saudade

Todo os dias ela é minha fiel companheira, quando acordo às cinco da manhã, ela já está ali a me esperar, serena, incansável e às vezes atrevida me aguardando para o trabalho. No ponto do ônibus, percebo nos olhares que outros também a conhecem, uns a aceitam de bom grado, outros maldizem o dia que ela chegou.

E, de repente, estamos todos no mesmo barco sobre rodas, circulando pela cidade, e fico ali estudando cada rosto ou fisionomia, tentando decifrar qual foi o momento que ela chegou para cada um. E então percebo que ela não escolhe idade, raça, sexo ou classe social.

Seja pela infância que se foi, quando se lembra da casa da avó com o cheiro de broa quentinha e café fresco; ou pelo amor que foi embora; ou pela mesa farta do natal quando a família se reunia; ou ainda pela perda de um ente querido, ela sempre está ali, às vezes quietinha, silenciosa, outras vezes barulhenta com prantos que insistem em cair.

Por algum tempo eu a rejeitei, quem ela pensa que é? Chegou sem ser convidada e se instalou junto a mim. Com o passar do tempo, fui aceitando a intrusa, aprendi a lidar com ela, e percebi que depende de mim a intensidade e a importância que a dou.

Às vezes, penso que estou imune a ela, mas, de repente, passando a playlist, sem querer toca Engenheiros do Haváí... Era um garoto que como eu... e vem as lembranças dos “Tempos idos”, dos colegas de escola que pulavam e giravam as camisas no ar em euforia, quando a única preo-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

cupação era se divertir e tirar notas boas no colegial, e ela vem com força total rasgando o peito, judiando da gente.

E assim somos despejados da condução, cada um em sua estação do tempo, com sua companheira mais fiel e inseparável... e vamos seguindo os dias nas rotas da saudade.

Eduardo Soares Jorge

Saudade

Senti vontade de ter uma saudade nova. Isenta de temores, receios, anseios, arranhões e cicatrizes. Saudade sem fenda ou abismo. Saudade não rasa ou que não arrasa comigo.

Saudade sem complexidade ou superficialidade. Saudade sem becos, ruas, subúrbios, subterrâneos ou subterfúgios. Seria uma saudade saudável, sem escusas, recusas, sem garras, grades, sem escadas ou escudos. Saudade desarmada e desalmada, caso a alma em questão cultivasse amargura.

Seria uma saudade sem ordem ou armadura. Saudade sem normas, sem aviso, sem leis, sem regras a obedecer, sem decretos, sem pactos secretos, sem réplicas, sem réplicas.

Não seria saudade bandida, pois bandidos precisam, antes de qualquer coisa, nascer. Como eu disse no início, seria uma saudade nova. Recém nascida, estaria adormecida no berçário das paixões avassaladoras que ainda não tive.

Só que o tempo dessa saudade não seria feito nosso tempo. Uma noite de desejos indômitos por alguém que desconheço equivale a dez anos de saudade. Veja você, uma noite por dez anos. Dizem que os cabelos brancos nascem sob o olhar da lua. Não duvido. Saudade antiga faz envelhecer. Enquanto não cresce, saudade nova tem o dom de nos rejuvenescer.

Devido ao pulsar descompassado, meu coração foi atraído pela tal ideia da saudade nova. Saudade sedutora, dona de um perfume que ainda não senti. Dona de um

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

pescoço que ainda não beijei e arrepiei. Dona de seios que se delíciam enquanto me delício ao perfazê-los com minha língua.

Bate, saudade virgem. Bate dentro de mim. Valse-me. Baile sobre meu peito, incendeie os músculos, risque minha derme. Aqueça minh'alma. Faça aquilo que nenhuma saudade fez: fique. Saudade que vai vira esquecimento.

Seja saudade nova e permanente.

“Sentindo o frio
Em minha alma
Te convidei prá dançar
A tua voz me acalmava
São dois prá lá
Dois prá cá...”

Nilza Menezes dos Santos

Festejos; saudades...

Tarde nublada de domingo; revejo vídeos, fotografias na rede social. E mergulho numa saudadezinha morna...

Eu ia com vovó Dita buscar, nas hortas, verduras frescas para o almoço comunitário. Taioba, peixinho, quiabo. Batata-doce, inhame, feijão de corda. Lá pelas onze, a turma vinha, chegando dos mutirões. Combinava-se a preparação dos festejos – as congadas.

Seo Divino trazia o tacho. Nós, meninas, e os moleques, primeiros a encher as canecas do doce mais gostoso da lembrança. Nós, os donos do quintal nas brincanças. Cachorros rolando na terra, pé de fruta pra subir, pássaros cantando na mata. A aventura pura de viver, no pequeno vasto mundo do quilombo Terra.

Dias de festejo, madrugadinha vinham chegando, de longes, os ônibus, trazendo os participantes. Vestimentas, instrumentos, fitas vistosas enfeitando, foguetes. O Rosário. “Eu vou, eu vou! Eu vou, já vou pra lá...”

Capitão no comando, saudação à rainha anciã com manto de flor. E sai o cortejo, à frente, os mestres. Todos em procissão, os pés ligeiros marcando as gungas. Nós, pequenos, no aprendizado, no ritmo. O povo se ajuntando pra ver, acompanhar.

Depois, a confraternização do almoço na casa festeira. Ao final, agradecimentos, danças e cantos de despedida.

“Oi, min’hora já chegou, eu não posso demorar!”

Adeus, adeus, eu vou m’imbora ...”

Voltávamos para casa, levando certezas: que para cada mal do mundo, há um ror de bondades que o céu manda; que a vida é generosa de belezas! Belezas singelas, como



Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

os festejos; como a chuva caindo sobre as hortas, sobre as matas, neste nosso grande quilombo chamado Terra...

Aldemir de Oliveira Morais

Saudades de alguém

A tal da saudade é um sentimento mundial, mas para quem vem de família mineira, esse sentimento vem “ado-brado”, como eles mesmo dizem.

Tudo para os mineiros é sinônimo de saudade. Tudo faz lembrar de alguém, de algum lugar ou de algum momento. É o pé de ipê que havia no quintal da vovó, o ferro à brasa, o fogão à lenha, o “córgo”, a chuva, a carne de porco na lata, o rádio de mesa...

Eu era pequeno, mas recordo da vendinha do meu avô Eduardo, que ficava aberto até tarde da noite sob a luz do lampião. De dia ele vendia mantimentos e a noite lambicada. Lá tinha de tudo um pouco: sacas de farinha e feijão, fumo de corda enrolado em cima de um tamborete, querosene, carne seca, pilhas, panos, agulhas e daí vai... Sempre tinham três ou quatro “cumpades” escorados no balcão a noite, contando causos ou acompanhando meu avô cantar “chico mineiro” ou “menino da porteira”. Eu ficava imaginando as histórias das músicas e observando as sombras se mexendo como se fossem almas nos cantos do salão, causadas pelas velas e pelo lampião. Até o barulho do grilo não sai da minha lembrança. Às vezes meu avô ria tanto que faltava perder o fôlego, mas às vezes falava de forma triste e pesarosa, principalmente ao lembrar de algum conhecido que já se foi.

De manhã, quando abria a vendinha, a primeira coisa que ele fazia era ligar o rádio de mesa para ouvir Zé Bétio e músicas caipiras. A melodia das músicas se misturava com o cheiro peculiar do ambiente, trazendo uma enxurrada de sensações marcantes.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Se tinha uma coisa que ele não deixava passar batido era eu chegar e não pedir a bênção. Ele fechava o rosto fingendo estar bravo, estendia a mão com a palma virada para cima e esperava. Só depois que eu pedia a bênção, ele abria um sorriso.

Por causa do meu avô e de sua mineirice, cresci apaixonado pelo som da viola, pela família, pelos campos e pelas coisas simples da vida. E, ao recordar essas memórias, sinto ecoar na minha mente a letra daquela música caipira que diz: “A dor da saudade, quem é que não tem. Olhando o passado, quem é que não sente saudades de alguém.”

Luiz Eduardo de Carvalho

Saudade da Infância

eras plataformas de embarque. O último aviso antes do ônibus partir é ressoado nos alto-falantes do saguão. E então, chega o momento em que nasce a saudade: o jovem se volta, brevemente, para os detalhes de sua estimada mãe. É verdade que estamos na era das videochamadas e de inúmeros artifícios tecnológicos que tentam suplantar tamanho sentimento. No entanto, o toque e a presença física não são dispensáveis nas relações humanas. Os dois se abraçam naquele abraço em que se torce para o árbitro conceder um generoso acréscimo ao tempo regulamentar. A separação dos corpos, as palavras de despedidas e de carinho e o caminho até o assento são regados com as lágrimas de despedida – e que também regam o broto da saudade. Os primeiros momentos de uma recém-saudade são ambíguos: ainda da janela do ônibus, o contato visual entre quem vai e quem fica é possível; mas de tão distante, já não se pode mais aferir uma expressão facial ou mesmo escutar uma palavra ou qualquer outra coisa senão o motor do veículo somado ao ruído dos demais passageiros. O ônibus parte.

De todas as saudades existentes, a saudade que nasce e termina cotidianamente nos terminais de embarque e desembarque é simultânea, sem que uma espere pela outra. Pois isso é a saudade, não se deixa mais esperar – seja para acabar ou para iniciar.

Crônica - Acima de 30 anos

Richardson Jorge Dias da Silva

A casa

A casa foi vendida!

Faltava pouco mais de 2 horas para a virada do natal quando minha mãe mandou essa mensagem pelo whatsapp, a frase era simples, curta, direta e animadora. Fizemos um brinde com um vinho barato e ruim, eu e minha esposa não compartilhamos com os outros convidados o motivo da nossa comemoração. Começar o ano com um dinheiro extra é um dos deleites da vida adulta, mas a minha animação durou exatamente até a meia noite, quando o relógio marcou o primeiro segundo do dia 25 e os fogos começaram a iluminar o céu e romper o silêncio da rua, eu comecei a chorar lembrando da casa.

A casa era simplesmente o lugar onde vivi minha infância, adolescência e boa parte da minha juventude, ela fora testemunha e cúmplice da intimidade da família Campos, uma família pequena e discreta. Não lembro exatamente o primeiro dia em que chegamos na casa, só lembro que no começo ela era muito pequena, e todos da família dormiam juntos no único quarto que havia. Com o passar dos anos a casa foi aumentando, parecia que ela estava sempre em obras, inclusive foi de um pedreiro que trabalhou um tempo nessas obras que ganhei o primeiro livro da minha vida, ele me deu o Machado de Assis que ele sempre lia no seu intervalo do almoço. Ainda recordo da última vez que ouvi o som da risada do meu pai ecoando pela casa, depois disso virei o “coitado ele é órfão de pai!”. Sempre jantávamos juntos e depois assistíamos todas as telenovelas da noite, os sábados eram os dias de faxinas, sempre movidas ao som de Raul Seixas. Tínhamos permissão para brincar na rua

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

com as outras crianças, porém quando acabava a novela das 22 horas e minha mãe colocava a cabeça na janela, era hora de voltar para casa. Na adolescência nossa casa era a única do bairro que tinha vídeo cassete, conseqüentemente ela virou nosso QG de cinema em casa, fitas alugadas na locadora, pipoca, suco artificial de pacote e vários adolescentes barulhentos. Na juventude a casa virou o antro da nossa galera, era o único lugar onde podíamos fazer nossas festas, marcar os nossos encontros e organizar nossas baunças musicais que chamávamos de ensaios da banda. O tempo, como um rio, continuava seguindo em frente, veio meu primeiro sobrinho, irmã casando, outra irmã saindo de casa e por último eu indo dividir um apartamento com a irmã mais nova. A casa foi ficando cada vez mais vazia, só a nossa mãe ainda morava lá, até que a nossa avó ficou muito doente e a mãe precisou se mudar para cuidar da velhinha. O vazio, a escuridão e o silêncio tomaram conta da casa, eram as últimas linhas da história da família Campos escritas naquele sagrado lar.

Lembranças não cabem dentro de um caminhão, então fizemos uma última foto de família na porta da casa para quando a saudades apertar o coração. Afinal, sabemos que a vida é uma eterna viagem de volta para casa.

Christina Aparecida Negro Silva

Emma

Debruçada no parapeito da janela da velha casa, ela olhava ao longe...olhos miúdos, pesados pela idade, porém brilhantes, pois voltava seu olhar para outro tempo, outro espaço, para dentro de sua vida de outrora, rica memória.

Via-se menina, de avental xadrez, carregando o ovo quente no bolso do acessório para a mamma grávida do irmãozinho que nasceria brasileiro. Via-se rindo... uma largueza de dentes bonitos a encantar o cozinheiro que, escondido, entregava o alimento durante a travessia do navio da Itália para o Brasil.

Ao piscar de olhos, via-se mocinha, enamoratta de Victório, primo amore, com quem teve 12 filhos e muitos netos. Via a netinha, da filha mais nova, sentada em seu colo na cadeira de balanço, embevecida com suas histórias.

Quantas saudades! Saída ainda menina de sua terra natal, apreensiva em um país de língua e costumes diferentes dos seus, apesar do aconchego dos pais e irmãos, descobriu-se uma mulher forte, decidida a lutar contra as vicissitudes com maestria. E quantos percalços enfrentou no início do século XX, que nós, hoje, nem fazemos ideia! Sem energia elétrica, passava a ferro em brasa a única camisa que seu marido tinha. Lavava-a à noite e de manhãzinha, já limpa e passada, ele a podia vestir para o trabalho. Criou seus filhos, ajudando seu marido na lida com tijolos de barro. Sim, ela também carregava a matéria prima para construir seu sonho, sua vida, seu país.

Enfrentou a Revolução Constitucionalista de 32, abrindo os soldados paulistas na disputa contra os mineiros, pois morava quase na divisa entre os dois estados. Agra-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

decia a Deus por não haver visto nenhum derramamento de sangue por ali, apesar da tensão do conflito. Os bonitos moços de farda, segundo uma das filhas, só se hospedaram na grande casa, desfrutando da mesa farta e gostosa. Nessa época, a situação financeira estava mais estável com a fábrica de cerâmica produzindo para uma crescente população tambauense.

Aos 60 anos, perdeu uma das vistas para o glaucoma, o azul do olhar como o mar mediterrâneo foi substituído por uma prótese de porcelana, tão perfeita que enganava até os filhos que sabiam desse procedimento cirúrgico. A imagem de Santa Luzia, carregando os olhos no pratinho, era sua relíquia.

Tanta vida deixou às gerações que a procederam. Muitas histórias de família, de risos alegres nos almoços festivos, de superação em situações difíceis, também de momentos de dor e perdas de entes queridos, da música de todos de sua família. Marido maestro ensinou a Arte aos filhos, netos e formou uma bela banda na cidade; a todos que queriam aprender música, tinha prazer em ensinar de graça. Tocava violino nos incipientes cinemas de então, enquanto era necessário esfriar a tela de projeção. A eterna saudade do companheiro que, dizia ela, vinha cobri-la todas as noites de frio por longos anos, mesmo depois de morto.

Quando lhe perguntavam se gostaria de voltar para rever seu país, respondia com um categórico – No...o Brasil é mio país.

Recordar da minha nonna me traz muitas saudades e também deixa meu coração cheio de gratidão por ter me permitido dar continuidade ao seu legado de amor por minha pátria, por gostar de música, de contar histórias, de comida italiana e ter muito respeito e reconhecimento pe-

los imigrantes (de todas as nacionalidades) que fizeram o Brasil.

Emily Vieira Antonetti Brocco

Universo particular

A saudade habita meu corpo desde que nasci. Não me entenda mal. Vivo do presente, que corre intenso e fugaz nas minhas veias, e tenho uma vontade enorme de abraçar o futuro, incerto e mágico. A questão é que a saudade é o cobertor da alma que me aquece de lembranças a todo instante. Sinto que ela me acompanha, mesmo que às escondidas, por onde eu vou. É a amiga invisível que todos temos e nem sempre sabemos que ela existe.

Saudade surge de muitos lugares, inclusive do amor. Recordo o aconchego da família, desde os meus primeiros dias, com eterno carinho. Também a tenho gravada em mim em olhares, sorrisos, risadas, lágrimas, abraços e adeus – não necessariamente nesta ordem. Ao colocar meu coração à prova, já na vida adulta, finalmente entendi que a saudade pode residir no improvável, no dito e não dito, nos sonhos e nas fantasias, reais e imaginárias.

Muitos dizem que a saudade está relacionada às primeiras ou últimas vezes na vida. Eu discordo. Saudade não descarta o meio. Ela está naquilo que ocorre quando estamos distraídos. Esconde-se na rotina, no tudo e no nada, bem como na confiança de não saber que o que importa é aquele preciso instante – que passa, às vezes marca para sempre. Saudade exige a coragem de não se prender ao passado e nem torná-la rival ou inimiga.

Sendo bem sincera, demorei a aceitar que a saudade não era apenas uma palavra. Ainda assim, como palavra, o medo de pronunciá-la em voz alta me paralisava. Era como se uma sentença fosse declarada e jamais pudesse ser detida, o que – por sua vez – acabaria me expondo demais

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

às interpretações alheias. Só que a saudade é presente de saber que não adormecemos e ainda somos capazes de se importar, seja por algo ou alguém.

Saudade é um universo particular. Tem sabor de jabuticaba, cheiro de hidratante, frescor do contato com outra pele, cabelos grisalhos e coloridos, som de carta ditada, rabinho balançando, significado oculto nas entrelinhas de mensagens trocadas, olhares desviados, silêncios profundos e diversas ousadias. É palavra cantada, declamada e registrada há séculos. Hoje a saudade que habita em mim saúda a saudade que habita em você.

MELHORES TEXTOS

Poesia - Entre 18 e 30 anos

Taíza Vitória Cequinell

Menininha

Hoje, ao encarar minha própria imagem no espelho
Sinto saudade da menina que, um dia, eu fui.
Se pudesse voltar, daria a ela algum conselho?
Acho que não. Apenas vivendo a alma evolui.

Eu já não sou mais aquela pequena criança
Que via os problemas como coisas distantes.
Mas, apesar de toda evolução e mudança,
Meus olhos ainda têm o mesmo brilho de antes.

Sorrio ao ver que minha essência permaneceu.
E, ao final dessa carta de amor ao passado,
Dedico essas palavras a minha antiga eu:

Menininha, eu te amo. Eu sempre te amei.
Você me lembra de quem eu realmente sou.
Você faz parte da mulher que me tornei.

Pâmela Beatriz Guimarães da Silva

O Que é? O que é?

O que é Saudade?
É uma grande vontade
Daquilo que um dia teve reciprocidade
Lembrança de momento de cumplicidade.

Saudade tem nome e sobrenome
Ao pensamento em certo momento consome
Traz lágrima ao olhar tirando até a fome
Provando que seu coração ainda o ame.

Fotos, mensagens, memórias
Eternizam para sempre pessoas
Que esteve lado a lado no pior e nas melhoras
Gratidão a saudade que coloca as reminiscências.

Quer no tempo, quer no lugar, ou no espaço
Certas coisas dão sentimentos nostálgicos, embaraço
Necessidade do perfume, sorriso, som da voz e abraço
Vazio na casa, na mente, no coração faz um estardalhaço.

Um viva a vida de todos daqueles que saudade causam
Que o bem sem medida nos trouxeram
Que para a nossa evolução contribuíram
Seu legado e missão sempre nos guiam.

Poesia - Acima de 30 anos

Cristina da Silva

Saudades de Joaquina

Ah! Joaquina.

E são tantas as lembranças para a gente recordar.
O sentar naquela porta era sagrado te encontrar.
Trazendo consigo sua bacia de arroz para catar.
Ao redor de suas comadres, gargalhadas de alegria.
Entretidas na conversa o sol se punha e nem se via.
Foram tardes agradáveis com a sua companhia.

Mulher de muita fibra com seus medos e receios.
Que sonhara independência e conquistara esse anseio.
Alegria igual a essa nunca vi naquele rosto.
A alegria escancarada que jorrava do seu peito.
Era o tempo de conheita de um futuro esperançoso.

Mas um dia é alegria, o outro é noite traiçoeira.
A vida tem dessas coisas vez por outra dá rasteira.
Não dava para acreditar, parecia brincadeira.
Era o início da tempestade, tenebrosa e sorrateira.
Que afetara a sua vida de tal forma, tal maneira.
Que sua chama se apagara tão precose e passageira.

Que bom que existe o tempo que nos dá a oportunidade.
De passar por esses momentos com muita maturidade.
Nós perdemos Joaquina, sem perder a capacidade.
De acreditar no Deus da vida que lhe deu a eternidade.
Só quem te amou será capaz de sentir tanta saudade.

Geraldo Trombin

Infindável rio

Saudade tenho de quem já partiu
– tal passarinho que ganhou o céu –
e dos meus olhos de uma vez sumiu,
deixando um rastro de tristeza e fel.

Sei que a saudade meu peito invadiu,
e que ali dentro fez grande escarcéu.
De que valeu já que ninguém ouviu,
se nessa vida vivo sempre ao léu?

Meu sentimento virou macaréu,
virando de ponta-cabeça o mundo,
levando o coração ao desvario.

Vitória dela, tiro o meu chapéu!
E, nessa saudade, mergulho fundo:
nasce em meus olhos infindável rio!

Wiliam Ricardo de Freitas

Saudade sem fim

Saudades...

De jardins perfumados, de pomares lotados, de lugares encantados, de coisas que nunca vi.

Saudades...

De diversos sabores, de todos os amores, da infância que nunca esqueci.

Saudades...

De velhos olhares, de novos ares, de um mundo em que vivi.

Saudades...

Dos enfeites com laços, dos verdadeiros abraços, dos afagos em que adormeci.

Saudades...

Das palavras com crase, das grandes frases, dos textos que escrevi.

Saudades...

Das distorcidas alegrias, das enfeitadas alegorias, das fantasias que vesti.

Saudades...

Das lágrimas derramadas, das tristezas encaradas, de tudo que perdi.

Saudades...

De diversas pessoas, de coisas boas, de vezes em que apenas, agradeci.

Saudades...

Das acertadas parcerias, das loucas correrias, do que me fez sorrir.

Saudades...

Do que encontrei, de tudo que não verei, enfim, do que ainda não conheci.

Claudio Antonio Chirelli

Saudade

Quanta saudade que eu tenho
Das rezas do meu sertão
O Santo era o Batista
Meu avô era João

O terreiro limpo e varrido
Com vassoura e vassourão
Imagens no altar florido
C'as florzinha de São João

O Vô e a Vó no terreiro
As pessoas com o terço na mão
vinha inté o fogueteiro
Ergue o mastro de São João

Casa alegre e barroteada
Do telhado o desvão
A noite bela e estrelada
Povo esperando a procissão

A meia noite procissão saia
Todos rezando com velas acesas nas mãos
Para lavar a imagem do Santo Batista
Nas águas límpidas do ribeirão

O tempo passou depressa
Mas devoção inda me resta
Tapera véia no relento
Passaredo fazendo Festa

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Quanta saudade que eu tenho
Das rezas do meu sertão
O Santo era o Batista
ABENÇÃO meu vô João.

Edileuza Bezerra de Lima Longo

Saudade

Saudade...
dos meus anos
que a vida vai levando
da minha pele que antes era macia
hoje as rugas me anunciam
que conheço mais que outrora,
mas nisso não vejo glória.

Saudade...
Do vigor nos esportes que praticava
da velocidade nas traquinagens vadias
junto aos amigos da rua
hoje as pernas entorpecidas
mostram-me que a distância é curta,
mas a realidade crua.

Saudade...
dos amigos que deixei
por diferentes recantos
lugares por onde andei
e a saudade me mostra
que se amigos eu conquistei
eu vivi, eu tive planos!

Saudade...
de uma mão que se estende
e aperta a minha com medo
de um estrondo da chuva
hoje ela cai como um torpedo
em minha solidão de viúva.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Ah, que bem-vinda saudade...
Pois, só saudade se sente
quem ainda vive intensamente
e não colecionou enganos
mas, isso não me consola
e cada vez mais me assola
a saudade dos meus anos...

Iteuane Faccinni Casagrande

O que é saudade?

Saudade é uma palavra bonita para colocar na poesia
Mas ela vem carregada de nostalgia
A memória não esquece de ninguém
A verdade é que a saudade dói também.

Saudades daquilo que já fui um dia
Sinto falta do que no passado havia
Às vezes a sensação é de revolta
Saudade é um tempo que não volta.

Seguimos vivendo no presente
Mas a saudade não desgruda da gente
Há momentos que ela corrói a alma
É um choro constante e nada que acalma.

Saudade é como um livro da nossa história
Ela conta em sentimentos a nossa trajetória
A fase da vida que não volta mais
O afeto vivido que o tempo não desfaz.

Saudades é o que carrego no coração
É o que ficou como recordação
Assim como uma foto emoldurada
Saudade é uma lacuna eternizada.

Rodrigo Domit

Reminiscências

Passei a vida
guardando relíquias
coleccionando reminiscências
– em uma caixa de sapato

eram vestígios preciosos
condensados em essência
uma trilha sinuosa
– de migalhas do passado

e eu percorria este caminho
de tempos em tempos
um por um, com todo esmero
– para mantê-los arejados

mas, ao fim, infelizmente
no crepúsculo da memória
os rostos tornaram-se disformes
irreconhecíveis

retratos fadados
de saudades indistintas

Pablo Cermeño Mendonça Kaschner

Estatuto do pré-homem

(para Thiago de Mello e Manuel Bandeira)

Fica decretado
neste estatuto do menino
que a partir deste instante
nenhuma palavra
será nada além de brinquedo
Que toda vogal estará consoante
com o que nasceu para ser:
nada mais que errante
nada menos do que imagino.

Se o sapo não lava o pé porque não qué
Faço eu com meus eus o que quisé
Se me chamam saloio, não ligo
Ligo o f e faço rimas com consoantes de apoio.

Decreta-se que nada será obrigado
nem falar “gratidão” em vez de “obrigado”
Que nada é proibido – inclusive repetir palavras
e rimas
e dividir sintaxes como se lhe aprouver
comme il faut
Tudo é permitido, sô!
Brincar com geringonças e rinocerontes
mané-gostosos e mamulengos malucos

Fica proibida a palavra seriedade,
a qual será suprimida dos mandatários
e do pântano enganoso de suas bocas.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

A partir deste instante,
a brincadeira será a ordem e o progresso
– e o amor que tiraram da bandeira

Instituído fica a obrigação
de jogar com as palavras
inadvertidamente
E na divertida mente
de língua moleque
malemolente
fazer siricoticos
e salamaleques.

A morada da liberdade será sempre o coração da criança
Ninguém mais sentirá saudades
Todos serão felizes para sempre.

Crônica - Entre 18 e 30 anos

Laís Ferreira de Oliveira

Memórias e Saudade

Eu imaginava minha tia como uma fada. Alguém que realmente conhecia magia. Tinha uma casa simples, com xícaras de porcelanas floridas, um rádio vermelho antigo que pegava apenas uma estação e uma cadeira velha. Toda vez que era posta para fora da casa era certo que choveria, dizia ela. E realmente chovia! Tudo era muito mágico para mim.

O quintal tinha as mais lindas flores. Tão encantado quanto “O Jardim Secreto” de Frances Hodgson. Com cores vivas e cheiros surpreendentes. Se precisasse encontrar minha tia, era só adentrar na cozinha. Já de imediato se via uma mulher de um metro e meio, cabelos encaracolados que brilhavam como a luz do Sol e um avental florido que fazia tanto parte dela como o encantado jardim.

Geralmente, ela ficava revirando panelas, fazendo tudo borbulhar e fumar, preparava bolos e receitas secretas que eram só dela. Lembro-me bem de como preparava o leite. Esquentava numa caneca de alumínio. Mesmo que ela não tirasse os olhos dele por nenhum momento, no final o leite, traiçoeiro e veloz, aproveitava um instante de distração e tratava de borbulhar tanto que esparramava no fogão que tinha acabado de ser limpo.

A saudade se define pelas memórias que restam comigo hoje. Dos bolos, receitas secretas, leites derramados e flores do jardim. Lembranças que carregarei para sempre em meu âmago. Saudade boa que acompanhadas de lembranças puras, trazem um misto de sensações. O sabor doce de um bolo quentinho, o perfume das flores e a paz do jardim. Que se esparramam dentro do meu peito rapida-



Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

mente, como o leite derramado, até quando eu me distraio.
É simples, doce e magistral. Como a minha tia!

Klausney Muniz Sampaio

O lugar da Saudade

Nas minhas travessias de cronista por esta cidade, tenho adquirido evidências irrefutáveis de que a Saudade é um imposto alto que todo mundo é obrigado a pagar. Do lado de cá, vejo o espelho das águas da chuva refletindo os prédios, as pessoas, os bichos e automóveis. Todos de cabeça para baixo, circulando no ponteiro implacável do tempo. Assim como eles e você, Caro leitor, sou um colecionador inveterado de Saudades e, se for discorrer sobre todas elas nestas linhas, este texto vai morrer de overdose. Eis uma verdade: a Saudade também já cometeu muitos crimes.

A verdade é que eu, você e os outros (e aqui incluo os que até então desconhecem o tempero agridoce da existência), já nascemos com a Saudade de ficar no silêncio escuro, com Saudade do que não pudemos ser e de quando a consciência sequer cogitava nos ativar. Quando aprendemos a não ficar só na onomatopeia e a colocar a palavra e a oração na boca para dançar, também é normal sentir falta de quando a letra era só um farelo de fonema que a gente não sabia mastigar; sinto Saudade especialmente de quando achava que a terra batida seria o assoalho do quintal lá de casa para sempre. Não lembro quando derrubaram o ipê-amarelo dos meus avós, nem a despedida da Ópera de passarinhos para Só-Deus-sabe-Onde. Se as raízes das árvores abraçassem o céu ao invés do chão, talvez o castigo divino fosse instantâneo e mais eficaz.

Nestes dias nublados, os suspiros ficam mais abundantes, porque a Saudade também chove na cabeça e no coração da humanidade. Moro perto de um aeroporto, logo depois da floricultura e do cemitério, mas a Saudade não

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

precisa só de viagem, de romance e de morte para acordar. Um sujeito chamado Banksy, artista de rua britânico, já disse que a gente morre duas vezes; mas acredito que não é possível mensurar quantas são as Saudades que deixamos na vida e depois dela. Beethoven deixou uma Saudade equivalente a quantas notas musicais? E Portinari, será que foi engolido pela Mãe Terra só para voltar a Brodowski, à infância que foge do velho-homem-menino enquanto a tinta da vida se esvai da paisagem? Algum matemático corajoso já tentou calculá-la?

A Saudade é digna de um manifesto que enumere todos os seus tipos e categorias, no singular e no plural, assim como os efeitos colaterais. Nesse paradoxo, entre o choro e o riso, vamos abastecendo os nossos frascos de cristal, ora por causa de uma lembrança alegre, ora por causa de um deus ancestral. No fim das contas, o lugar da Saudade é esse Rio transparente e sombrio cuja correnteza deságua em nós, um bando de Destinos endividados e pendurados de cabeça para baixo.

David Ehrlich

Saudade, Substantivo Singular

O que é saudade? É amor? Falta? Perda? Pensando bem, saudade é um conjunto de todos esses sentimentos misturados, a nos atingirem fortes e sem controle algum. Saudade é tudo que nos deixa com aquele gostinho de nostalgia, aquele pesar e mágoa por nos vermos privados de algo: pode ser um lugar distante demais para voltarmos facilmente, um amigo ou parente do qual só restam as boas lembranças, ou até aqueles momentos simples de felicidade que vivemos no passado e gostaríamos de reviver.

A palavra “saudade” possui origens antigas, e percorreu um longo caminho até se tornar o que é hoje: surgiu inicialmente como o termo latino “solitatem”, que significa solidão, e que na Idade Média transformou-se na palavra galego-portuguesa “soidade”. Conforme o português evoluía como língua com o passar dos séculos, sob diversas influências, a “soidade” virou “saudade”, palavra que tornou-se uma espécie de símbolo de Portugal por ser quase exclusiva de seu idioma – são poucas, afinal, as línguas que conseguem traduzi-la literalmente, apesar de ela descrever um sentimento absolutamente normal e, pode-se dizer, universal.

Popularizada como um tipo de canção de marinheiros, a saudade tornou-se uma das palavras mais citadas nos versos amorosos em língua portuguesa, assumindo todo tipo de significado poético: é enxergar o rosto de alguém mesmo com os olhos fechados; é sentir seu abraço e sua respiração mesmo a um mar de distância; é pensar em tudo que ainda se quer viver com alguém, ou que poder-se-ia ter vivido. Para os lusófonos, a saudade está em todo lugar –

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

até mesmo na botânica, onde as “saudades” tornaram-se uma espécie de planta, tal qual os “suspiros”.

Aliás, “saudades” ou “saudades”? Dúvida curiosa, que até hoje a linguística não soube responder. Há os que preferem empregar a forma singular, e os que preferem a forma plural. E no fim das contas, essa questão pouco importa. Pois quando se trata de saudade(s), o que realmente importa não é como a escrevemos: é parar para pensar sobre como podemos administrá-la, transformando o que deveria ser dor e mágoa em algo saudável e benéfico, algo que nos faça seguir em frente, mesmo que olhando para trás.

Deborah de Goes Messias

Memórias que florescem junto da primavera

Os carros passam depressa na avenida. Os pássaros cantam distantes da movimentação da cidade. A vida acontece, entre pessoas que correm para chegar ao trabalho, mães que preparam seus filhos para a escola, o padeiro que prepara o pão fresquinho que se sente o cheiro desde a esquina. Todos seguem a rotina, os dias, e ela sente saudade.

Se recorda dos momentos antes do luto, quando ainda podia ouvir as histórias de sua avó, aprender novos formatos de crochê e tricô, cantarolar antigas canções junto de sua vó enquanto preparavam a torta de morango que passou de geração para geração. Tudo a faz lembrar, do jeito doce de sua avó, desde o sorriso de uma criança, a serenidade na voz de uma pessoa de mais idade. Quando olha pela janela, e avista as árvores, os pássaros criando seus ninhos, a primavera fazendo florescer as mais belas, coloridas e diversas flores, se lembra do quanto sua vó apreciava a natureza e fazia de tudo para conservar cada uma das plantas que possuía em seu quintal.

Os dias são mais difíceis e pesados, desde a perda de sua pessoa favorita no mundo. Às vezes o sentido da vida se perde em sua mente e a dor de não poder abraçar, contar seus maiores segredos para quem mais conseguia ouvir e compreender suas aflições, cobre seu coração de tristeza e revela lágrimas em seus olhos. Parece difícil e injusto uma realidade em que não exista mais aqueles olhos delicados, aquele sorriso gentil, aquela mente brilhante e repleta de histórias para contar.

A perda e o luto machucam, assustam, se estendem para a rotina, e apresentam a dificuldade em se concen-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

trar no trabalho, a falta de vontade em socializar, o medo de perder outras pessoas que tanto ama. Ela não consegue entender, por que e como lidar com a morte, é sempre um mistério e talvez, levando em consideração o pouco que se conhece na sociedade sobre o assunto, o pouco que a religião, a filosofia e a ciência conseguem explicar de fato, para cada um de nós também, se mantém um enigma. O que ela tem certeza, é que dói, machuca, abala.

Não consegue definir, nem mesmo sabe se essa dor vai passar, se de fato vai aprender a lidar, se toda vez que escutar o nome ou ouvir a música favorita de sua vó, não vai surgir uma lágrima em seus olhos e o choro contido em sua voz. Não pode afirmar que vai superar, seguir em frente sem sentir a saudade, a vontade de voltar no tempo para reviver cada um daqueles abraços apertados. Não tem como definir como serão os próximos dias, meses, anos sem alguém que tanto amava, mas espera gravar cada uma das memórias, e levar consigo, cada um dos aprendizados que teve com aquela mulher inteligente, forte e encantadora. Hoje ela chora, sente saudade e talvez, ainda se sinta assim amanhã, e depois, mas tem a certeza que em seu coração sempre vai carregar a avó, o carinho, o amor.

Marina Barrichello Marone

O presente da saudade

Não estou aqui para escrever um texto medíocre, sobre como a infância me traz saudades. Já escrevi repetitivas crônicas sobre isso, e já li outras tantas sobre. Estou particularmente cansada desse narrador saudosista, que lacrima por um período em que as coisas eram mais simples... Que sente falta dos papagaios dando cambalhotas no céu, da ausência de preocupações formais, da completa virgindade em relação a tudo, não só ao sexo. Estou exausta de ler sobre a saudade de ser criança, e imagino que você também... Então, sobre o que escreverei? Grande desafio, haja vista que eu só tenho 19 anos. Ou seja: não vivi o suficiente para sentir falta do que agora vivo, tampouco quero escrever sobre a saudade que tenho da meninice. Assim, proponho uma sensação revolucionária: a saudade do presente.

Talvez você olhe para essa ideia e a tenha como estúpida. Como pode alguém ter saudade do que vive o tempo todo? É aí, amigo leitor, que está o pulo do gato: nós não costumamos viver o presente o tempo todo. Sonhamos, sonâmbulos, ora com os problemas do passado, ora com as ansiedades do futuro, nunca acordados no momento em que estamos. Sendo assim, sinto saudades do presente de estar presente. Percebi esse peculiar sentimento enquanto fumava, com um amigo, numa mesa de boteco próximo à Luz, em São Paulo. Assim que o assunto escasseou e a bebida afogou nossas palavras na boca, ficamos mutuamente em silêncio. Um silêncio simpático, gostosinho, não constrangedor. Enfim, um silêncio. Uma ausência de dizer que me permitiu observá-lo pela primeira vez, como uma recém-nascida. Observar que seu cabelo macio, curto nas la-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

terais, ameaçava ondular na franja, ao passo que os olhos, da cor de pistache torrado, contemplavam algum ponto fixo distante... Que os pelos do bigode, como um beijo de amor, acariciavam seu lábio superior, enquanto o braço era acarinhado pela fumaça do cigarro que ardia entre os dedos. Assim que me percebeu ali, devorando-o pelas retinas, sua boca sorriu timidamente, formando uma covinha graciosa que eu costumo dizer que é a “minha cova”, onde morro de amores. Assim, bebi sua imagem gota a gota, como um bebê ante um seio materno, e saí daquele fantástico mergulho de realidade. Voltamos a delirar sobre o passado e o futuro, regados a fumo e álcool, e apesar da conversa ter sido boa eu ainda sinto saudade daqueles segundos em que o contemplei tão absorta, tão conectada, tão presente...

Mas não é só disso que sinto saudade: sinto falta de dançar sem saber o próximo passo, em sintonia com a fluidez rítmica e o melaço do timbre. Falta de tomar um café realmente sentindo o gosto amargo e deitar no chão para ouvir os estalos do piso de madeira. De sentir a grama lambendo a sola do pé e respirar o ar como se fosse a primeira (ou a última) vez. De mergulhar em um bom livro e rir de algo até as bochechas arderem em uma explosão de fogo emotivo. De esbagoar cada fragmento da realidade como quem debulha os grãos de uma espiga e sentir o mundo em cada Luz, silêncio, pelo de bigode, cova, gota, dança, café, estalo, grama, página, riso, crônica... E estar tão presente neste presente ao ponto de, uma hora, ter saudade de ter saudade.

Marlon Souza Faria

A história da minha vida

Veza ou outra no silêncio madrugada, nos momentos de insônia, eu acabo pensando na minha infância e adolescência, de como aquele tempo era diferente e eu era feliz sem saber. Não é sempre que eu acabo tendo esse tipo de pensamento, mas veza ou outra, na calada da noite, ele surge de forma imprevisível.

Apesar de preferir como sou atualmente, em termos de condição financeira e personalidade, aquela época tinha um charme e um encanto que não se encontra presente na minha atual fase da vida. É como se tivesse um toque de mágica, algo especial naquele tempo. Apesar de viver muito melhor hoje, talvez, não sinto o encanto que as coisas tinham antes.

Confesso que as vezes bate até um certo sentimento de tristeza, mas não de cair aos prantos por causa que sou triste, muito pelo contrário. É como se fosse uma nostalgia misturada com um sentimento de “caraca, o tempo passou rápido”. Quando pisquei, tornei-me adulto.

Às vezes abro a gaveta do guarda-roupas e vejo lá, fotos de pessoas que eu já nem sei mais onde estão. Gente que se foi e tempo que não volta mais. Vejo fotos da família, de um tempo onde todos eram mais unidos, todos nós almoçávamos juntos no domingo e mesmo nas dificuldades, morriamos de rir dos problemas. Fico lembrando de como eu e meu primo éramos unidos ao ponto de sermos quase irmãos... hoje em dia já nem vejo mais ele. A família que antes era unida... agora está distante. Todos foram morar em outras cidades e estão longes.

Recentemente passei pelo bairro onde cresci. Ele esta-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

va diferente. A casa da minha avó ainda continua lá, porém vazia. A escola também continua lá, porém já é outra escola. Tudo mudou totalmente, e aquele lugar de antes só ficou na minha memória e nas fotos que eu guardo na gaveta do guarda roupas.

Temos que aprender a dar valor as coisas mais simples, pois nunca sabemos como será o dia de amanhã. Devemos aproveitar o momento, porque ele é uma dádiva... por isso ele se chama presente.

A lição que eu tiro vendo essas fotos quase todas as noites, é que por mais que as pessoas vão e o lugar mude, na nossa memória, tudo fica imortalizado.

Angelica Cardoso Ribeiro

Orion

Eu sempre me perguntei o porquê de você olhar tanto aquele céu vazio.

“Ele não está vazio. As estrelas, planetas, meteoros, galaxias e nebulosas estão nele, ainda que não possamos ver daqui. Seria bom se um dia o céu caísse em mim, assim poderia vê-lo em sua perfeição.”

Para mim você sempre foi muito mais livre que qualquer outra pessoa. Era como se tivesse asas para voar pelo céu prometido, mesmo que não pudesse sair de sua cadeira de rodas. Mas você se foi e a única coisa que deixou foi um sonho resplandecendo no céu. E agora o sonho que deixou para trás se tornou o meu também.

Eu caminho pela estrada molhada, subindo ate chegar ao topo do rochedo onde posso ver o céu e o mar se tornarem um. Um meteoro risca o horizonte colorido de azul e rosa das nebulosas presentes ali. Cada estrelinha era como açúcar que adoçava o cosmo numa linda paisagem. Estendendo meu braço em direção a ela. “Se assim como essa estrela o céu também pudesse cair, que cenário eu estaria vendo agora? Se o céu caísse em mim eu finalmente poderia me tornar o próprio céu, assim ele me amaria com todo o seu coração.”

Reconheço as Orionidas caírem por mais um ano. Tudo o que fiz para achar este lugar foi por você. Eu só queria que você estivesse aqui do meu lado. Queria te ter em meus braços uma ultima vez, nem que fosse por mais um instante apenas. Queria poder te dizer que sinto muito por não salvá-lo a tempo. Mas mais que qualquer coisa, eu fui feliz por ter te conhecido. E do fundo do meu coração, só

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

queria te dizer obrigada.

Faço meu último desejo à noite sem fim.

“se for possível renascer, espero que você ainda seja você mesmo. Eu irei te procurar e segurá-lo forte, para nunca mais nos separarmos.”

As estrelas agora caem dos meus olhos. Em breve o céu cairá também. Me aproximo do precipício. Meu corpo vai de encontro ao falso céu enquanto vejo o verdadeiro rapidamente ficar mais e mais distante de mim.

Amanda Kristensen de Camargo

Uto-pia

Argos, movido por um motor desconhecido aos Homens: a fidelidade, esperou Ulisses por anos. O cão estava velho, fraco e cansado quando seu dono retornou a Ítaca. Assim que o reconheceu – aliás o único a reconhecê-lo – Argos só pôde abanar a cauda antes de se entregar ao descanso; e como cansa esperar! Ulisses, ao ver a partida eterna do cão amigo, escondeu uma lágrima de toda a cidade: ninguém poderia saber sobre seu desejo de reestabelecer sua vida.

Esperei João Pedro por anos. Esperei que viesse o desejo de restabelecer nossas vidas; esperei...

Tempos após sua partida, eu, que sempre fui Argos, passei a ser capaz – até a primeira terça-feira do último mês do ano – de esperar somente certezas: os dias e as noites. João Pedro me ensinou tanto do ‘humano’, que esperas outras eram sonho.

Eis que me apareceu Uto, um sabiá-laranjeira que pia-va em minha sacada às 5h. Filhote quase sem penas e meio adoentado foi acolhido.

Cresceu bonito e passou a alargar tanto minhas primeiras horas madrugadeiras, com seus pios que dão cor alaranjada às manhãs, que passei a pensá-las incertas: sem Uto as manhãs seriam breu; como as noites sem João passaram a ter luz demais.

Já que estava ‘moço’, Uto precisava voar e assim foi feito.

Será que em algum momento pensei em podar as asas de João?

Ainda era dezembro quando vi Uto na macieira do vi-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

zinho: ele tinha o mesmo desenho em formato de trevo (ou sorte) – de quando filhote – no centro do peito. Reconhecemo-nos.

Uto continua cantando para mim e vem bem perto, pousando os pezinhos sensíveis na sacada onde foi achado.

Achamentos salvam.

Não achei mais J. E embora tenha batido ainda ontem à minha porta, não o reconheço mais. Não se restabelecem os idos.

Enquanto Uto-pia, renasce em mim com as manhãs uma fidelidade de penas, que parece ainda querer esperar asas francas na multidão de Joãos e Ulisses.

Ana Huang

Mudança

Após o casório, a filha abraçou a mãe e o pai numa simples despedida em frente ao novo apartamento. A mudança foi ligeira e no mesmo dia, com apenas duas malas contendo os objetos essenciais para passar o primeiro mês.

O novo casal mal deu um passo à portaria que a mãe os convidou para almoçar em casa no domingo, o que foi alegremente aceito. E ainda antes de fechar as portas a mãe tagarelava sobre ferver a água antes de beber, se acobertar ao dormir e até passou uma receita de um chá que fazia bem para saúde. Até domingo! Eu te ligo! Despedia-se ela com ar de preocupada. O pai já estava longe, do outro lado da esquina gesticulando sem paciência para ir embora, afinal se veriam no dia seguinte.

O almoço no domingo virou visita fixa na agenda, não era problema, pois moravam a algumas quadras de distância. E a filha aproveitava a visita para levar aos poucos os pertences que ficaram. A mãe sempre alegre conversava os assuntos de rotina e o pai acendia um cigarro após o almoço, como de costume.

A nova vida da recém-esposa ficou silenciosa, longe dos pais sentiu uma solidão desacostumada. Quando precisava de um agito, tinha os domingos para voltar à casa do barulho, panelas e talheres colidindo como banda, gatos miando e a avó murmurando seus anos de ouro aos quatro ventos. Mas a sensação ainda era estranha, estava casada, mas por que se sentia separada?

Pelos olhos do pai, a casa foi ficando cada vez mais vazia, os cadernos e livros iam desaparecendo da estante aos poucos. A antiga cama da filha agora era da vó. Houve um

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

dia em que ele tentou chamá-la para jantar, esquecido de que já não vivia mais lá. No outro, acordou atrasado e procurou a filha para dar a bronca de não o ter acordado. Tudo que viu foi o silêncio. Seu orgulho não estava mais em casa, estava feliz que sua menina casou, é claro, mas sentia um estranho nó na barriga.

Era para estar acostumado com a ausência da filha, aconteceu a mesma coisa durante os anos de faculdade. Foram seis longos anos preparando o seu feijão especial para ela sobreviver nos estudos. Distraído nessas memórias engraçadas, a filha parou à entrada do seu serviço para visita. Num salto levantou-se, foi correndo para a cozinha trazer-lhe um embrulho com um lanche que guardou para depois. Ofereceu à sua menina dos anos de faculdade, ignorante de que ela já estava atrasada para o trabalho.

Não tardou de as visitas ao serviço do pai ficarem mais frequentes, principalmente porque a mãe lhe pedia para imprimir documentos e deixar lá toda semana. Numas era um “oi” e “tchau” às pressas, em outras dava para conversar um pouco e atualizar a vida um do outro. A vida estava o de sempre, repetia o pai todas as vezes. Ele era um tanto solitário e quieto, mas desde que se casou, a filha teve a impressão de que o pai estava com... Algum sentimento do qual não recordava como dizia naquele momento.

Um dia, em outra rápida visita, o pai deu um abraço repentino e breve. Era raro na cultura dos pais dela expressarem afeto com abraços, eram normalmente elogios ou tapinhas nas costas. Vai, está atrasada para o trabalho, não é? A gente se vê no domingo. Ele se despediu sem querer atrapalhar. Nenhuma outra palavra foi dita depois.

E então, como um estalo na memória, a filha se lembrou do sentimento: Saudade.

Crônica - Acima de 30 anos

Tiago dos Santos de Souza Hatayama

Severino

Quero me gastar nessas últimas palavras.

Sei que ninguém sai de casa imaginando que está em seu último dia de vida. Existem exceções, claro, mas até onde eu sei, ninguém para e diz, É hoje que eu saio dessa pra melhor! Nem fica tentando adivinhar as condições em que irá, literalmente, cair morto. A morte é um tabu, mas eu sempre entendi que pensar nela é, por extensão, pensar na vida. Sigo lamentando o fato de que morrer significa deixar de fazer um monte de coisas boas, e diante disso, já percebo em mim uma certa saudade da vida – até daquilo que hoje não me faz nenhuma falta.

Tenho consciência de que, com relação à morte, eu sempre tive umas ideias meio doidas. Nunca pensei no quando, mas já pensei no como e onde. Odiaria morrer num hospital, ou em um desastre de avião ou então numa avenida qualquer. Morrer dormindo? Nem pensar. Sempre quis morrer diante de uma paisagem que me fosse íntima, um lugar que eu conhecesse como a palma da minha mão. Acalentei por muito tempo – é loucura, eu sei – a ideia de um dia – o fatídico dia – poder arregalar os olhos e exclamar, Quem diria que seria aqui! Desejo morrer em paz, em um lugar repleto de boas lembranças. Não queria que fosse minha casa – tenho pavor de pequenos espaços, além disso, as paredes estão descascando. Não e não. Quero que meu último lampejo de consciência se estendesse em uma visão bonita, como um plano sequencial que fosse do capim até o céu. Confesso que, de todos os lugares do mundo, eu quero morrer aqui, na rua Severino.

Expirar nessa ruazinha – a nossa ruazinha, aos pés do

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

morro do Castelo – seria a rima perfeita. O último laço de um ciclo que se fecharia de forma ajustada. O rondó na sinfonia da minha vida. O arremate genial para uma vida prosaica. Diante dessa confissão vocês podem perguntar, Mas porquê, justo aqui?

Foi na Severino que eu morei, por décadas, na velha casa verde, aquela ali, a de número 18. Aqui nessa rua eu fui do céu ao inferno jogando amarelinha. Dei meus primeiros petelecos em bola de gude. Andei de rolimã, caí de bicicleta. Tomei muito banho de chuva, chutando água, arrastando a mão nos portões dos vizinhos. Foi aqui que eu fiz meu primeiro gol. Quantos pique esconde, quantas fogueiras, quantas missas na igreja da esquina, quantos anos, quantas histórias, quantas vidas... Risadas, raios e trovões. Dezenas de assovios, inúmeros já pra casa, menino! Foi aqui, nessa rua de paralelepípedos escuros, repleta de árvores, cujos cabelos se enrolavam nos fios de energia, que eu soltei minha primeira pipa, cortando os dedos com a linha cheia de cerol fino. Sim, eu sei, eram outros tempos. Meus tempos cheios de memórias que eu pretendo reter para sempre, aqui e no além. Tá vendo aquele pé de manga? Foi lá de cima que o Ricardinho – um menino com cabelo cor de fogo e que não parava quieto –, depois de sentir uma lagarta queimando o pé, se jogou. Sorte dele que havia um monte de areia, produto de uma reforma que o seu Manuel nunca concluiu, e que serviu de rede para aquele salto estabanado. Foi na Severino que eu ouvi, pela primeira vez, Cartola, João Gilberto, Roberto e Erasmo, Caetano – todos saídos da vitrola do seu Paulo. Aqui eu dei meu primeiro beijo. Salada mista. Joyce. A moreninha da casa branca e rosa. A menina que partiu meu coração. Chorei de amor, a ponto de sujar meu uniforme da escola. Era e época em que eu não me importava em desabar na frente dos outros...

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Bem diferente de hoje...

Eu nunca me casei. Sozinho segui rio acima, mas a madeira que do barco que me carrega vem daqui. Ia, mas vinha sempre beber das águas que correm aqui. Hoje, remoo lembranças, recordando mistérios. Lamento os livros a serem lidos, as comidas que não foram provadas, as toneladas de perguntas a serem feitas... Vitórias, derrotas, pesadelos, sonhos... Mas a vida é isso, não é? Lembranças de lugares que a gente transita. Resquícios dos cheiros,

das vidas que compartilhamos, ora devagar, ora às pressas. Projetos, planos, preocupações... tudo servindo de bússola, camuflando o rio do tempo, disfarçando o som do relógio que corre, sem parar.

Hoje percebo que a vida escorre pelos dedos feito farelo. O mesmo que vovó Zezé tirava do balde e deixava cair para alimentar as galinhas que esmerilhavam nosso quintal. Lembrar de tudo isso me faz perceber que a saudade é um rio que corre para trás, e cuja força quebra qualquer remo que tente cortar seu fluxo. Sob o som do tic tac desse imenso relógio as águas se agitaram, e eu mergulhei. Fui até o fundo, chicoteado pela correnteza, me afogando no tempo, engolindo memórias, pernas e mãos sendo sacudidas. Perdi meu barco. Agora, sou apenas eu e o rio.

Dizem que na morte a vida passa diante dos olhos. Não sei se é verdade, só sei que hoje, enquanto falo com vocês, percebo que saudade é aquilo que a gente carrega nos bolsos que ficam dentro da cabeça. Elas que mudam a forma do tempo, fazendo rio virar chuva, caindo devagar quase parando, goteira que deixa na boca aquele gostinho de quero mais. Sei que naveguei sob bons ventos. Não posso reclamar. Saudade dá e passa, mas aqui estou eu, com a mão no peito, olhando o mundo, saboreando as pessoas ao redor, sabendo que estou onde sempre quis.

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Severino, esse é meu lugar.

Bom, a prosa está boa, mas tá na hora. Sou galo velho, cansado de comer os farelos da vida. Já dei minha última olhada nas casas, nos portões e nas calçadas. Espero – e espero mesmo – que lá em cima, no Paraíso, tenha um pé de manga para subir, e uma calçada para sentar, enquanto uma, duas, três, mil vidas inteiras escorrem diante dos meus olhos. Quero rever a velha casa e suspirar. Quero a chuva batendo no rosto. Quero sentir a água correr

macia pelos paralelepípedos. Desejo morrer enquanto sinto o cheiro do mundo invadindo o céu. Quero, para todo sempre, celebrar a saudade, essa força singela, rio feito de memórias, água da vida, inícios com meios e afins. Quero fluir pra dentro do tempo, na minha querida rua Severino... até que... enfim... o fim.

Nalu Saad Pires

Onde a saudade vive

Ao terminar a curva, Hermínio reduziu a velocidade, conferiu 14h59 no relógio no painel, esticou a vista uns 60 metros adiante e viu a sombrinha azul turquesa com grandes bolas brancas. Conferiu o retrovisor, deu a seta, embicou o ônibus na faixa e parou, com a porta em frente à mulher no ponto.

“Shiiiiiiii” – suspiraram os freios.

A mulher sacudiu e fechou a sombrinha e a enfiou dentro da sacola de feira. Com a mão direita, segurou, enquanto equilibrava na outra mão um vaso de beijos brancos.

– Bom dia, dona Julieta!

– Dia! Que bom que voltou! Como foram as férias?

– Uma alegria ver a senhora também! Tudo ótimo.

Aproveitei para fazer umas reformas lá em casa.

“Rimmmmm” – a porta chiou ao se fechar.

– Precisam untar essa coisa – resmungou a passageira.

Hermínio sorriu. Nada tinha mudado. Há cinco anos, às quintas, às 15 horas, Dona Julieta embarca em seu ônibus com um vaso de beijos brancos e recomenda lubrificar as portas, como se entendesse de ônibus.

Ela nunca falta, nunca atrasa, sempre carrega a bolsa de feira, os beijos e a sombrinha, faça chuva, sol ou esteja nublado. Viaja assentada nas primeiras fileiras, com o olhar perdido e as contas de um rosário a deslizar entre os dedos. Desembarca no ponto final, em frente à Praça da Primavera, senta no mesmo banco. Quando o pipoqueiro e o vendedor de algodão doce chega, ela compra um de cada e caminha bairro adentro. Retorna a tempo da viagem de 18 horas, mais feliz, parece...

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Hermínio – e todo mundo – nutria aquela curiosidade de saber para onde ia e o que fazia, mas ninguém tinha aquela coragem de perguntar. Uma só vez, ele se arriscou a perguntar. Ela respondeu: “Na saudade”.

Hermínio não entendeu, mas como dona Julieta não deu mais espaço para conversar, ficou nisso mesmo. Um dia o motorista cismou de descobrir. Até trocou de horário com o Eufrásio para poder seguir a passageira. O próprio Hermínio estava achando isso tudo muito feio, mas deu de ombros e foi atrás, esgueirando-se entre carros, árvores, arbustos e lixeiras. A adrenalina fazia o coração bater na boca e ele não sabia bem se sentia um detetive ou um criminoso. Dez minutos depois, o motorista sentiu-se o pior dos invasores ao avistar dona Julieta de pé, diante do pórtico de concreto emoldurando a sequência de sepulturas. Escrito no alto “Cemitério da Saudade”.

Dona Julieta atravessou os portões de ferro batido preto, para três metros depois, assentar no meio-fio da rua que separa as quadras de catacumbas. Depositou o vasinho de beijos brancos ao lado de dezenas de outros. De repente, ela se virou e flagrou Hermínio do outro lado da rua. O motorista empalideceu, cogitou se esconder mas a única saída digna foi se aproximar e inventar uma desculpa.

– Olá, Dona Julieta! Eu vim ver o preço de sepulturas...

– Por quê? Você está morrendo?

– Nunca se sabe...

Se não fosse redundante, sepulcral é a melhor definição para o silêncio que separou o diálogo.

– Então é aqui a sua saudade?

Dona Julieta deixou escapar um sorriso no canto esquerdo dos lábios, que Hermínio arriscaria até a chamar de irônico.

– Nãooo! Aqui só há catacumbas e restos mortais. Ex-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

ceto as flores, as árvores, a grama, os pássaros e os visitantes. Todo o resto está morto e a saudade nunca aceitaria viver em um local sem vida.

Confuso, Hermínio coçou a cabeça e devolveu um olhar cheio de perguntas a Dona Julieta, que sorriu de volta, agora um riso largo emendado com uma gargalhada.

– Mas uma vez a senhora me disse que ia todas as quintas visitar a saudade...

Ela segurou a gargalhada para deixar o motorista confortável, sentou de volta ao meio-fio e deu tapinhas no chão para que ele também se sentasse.

– Vem cá que vou lhe contar uma história. Há vinte anos eu vim pela primeira vez no Cemitério da Saudade trazer alguns vasos de beijos brancos que eu mesma cultivo e, quando eu ia embarcar no ônibus, me desequilibrei. Só não cai porque um motorista gentil como você me segurou. Os beijinhos não tiveram a mesma sorte, espatifaram-se no assoalho do ônibus, terra para todo lado, raízes à mostra, uma tristeza. João me ajudou a recolher tudo e guardar nessa mesma sacola. Contei a ele que dois meses antes tinha ganhado um vasinho de beijos brancos do meu ex-noivo, o Fernando. Junto, ele mandou um bilhete terminando tudo. Foi por causa de uma mulher mais jovem, sabe como é? E como eu tinha acabado de me aposentar, eu decidi transformar aquele vasinho tão cheio de dor em amor. Fiz várias mudas e levava para o cemitério quando cai no ônibus. Eu não tenho parentes enterrados aqui, mas se os tivesse adoraria que seu local de descanso fosse ornado com beijos brancos.

Enquanto ela falava, seus olhos ganharam brilho inexplicável. Continuou:

– Naquele dia, eu e o João conversamos na Praça da Primavera, comemos pipoca e algodão doce. Retornei para

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

casa no mesmo ônibus e combinamos de na outra quinta-feira levarmos novos beijos brancos ao cemitério. Toda semana conversávamos e ríamos muito. O João até mudou o horário de trabalho dele para me acompanhar. Passeávamos por aqui lendo as plaquinhas com os nomes das pessoas e calculando quais idades tinham quando morreram. Imaginávamos histórias para cada uma. Namoramos, casamos e continuamos vindo com nossos beijos... Um dia, o João deitou a cabeça no meu ombro, lá no banco da praça, fechou os olhos e não abriu mais.

Enquanto ouvia, com os olhos marejados, Hermínio catava na memória trechos das viagens que dona Julieta fez com ele nos últimos cinco anos. Às vezes, ela até sorria com ternura como se olhasse para alguém.

– A saudade que eu visito, Hermínio, está naquele ônibus, no trajeto inteirinho, na pracinha, no gosto da pipoca e do algodão doce e nesse cantinho aqui, onde eu e meu amor nos sentávamos. A única saudade que vale a pena visitar é a que vive em nós na forma de boas lembranças.

Branca Lescher

Estrada de Santos

Volto à minha primeira infância.

Estou em Santos, no primeiro andar do Edifício Sobre as Ondas, no início dos anos 70.

Ouçõ, na vitrola vermelha colocada no parapeito da janela, Paulo Sergio, o garoto da Jovem Guarda, gritando forte uma canção triste.

Meus irmãos se espremem comigo na janela e somos felizes imaginando as pessoas ouvindo conosco nossa música. Passamos as férias com duas empregadas que cuidam de nós e da trilha musical.

Nossos pais só nos encontram aos finais de semana, quando descem. Para eles, existe outro apartamento no nono andar. O casal no alto, os filhos no primeiro andar. Não entendemos, nem estranhamos. Na memória, a explicação era a de que não cabíamos todos em um só.

Nossa mãe estava sempre sentada com as pernas pra cima. Tinha rios tatuados nas pernas, veias vermelhas, azuis, verdes, mas usava saias curtas e, mesmo com rios, eu gostava das suas pernas. Nosso pai, com uma barriga que crescia junto com o seu apetite, descia conosco em busca de aperitivos antes do almoço.

Guardo ainda o cheiro do asfalto queimado. Tenho saudade da minha frente única laranja de lastex. Sinto o gosto das porções de manjuba, de linguixa e de camarão frito.

A queijadinha e o milho cozido eram o lanche da tarde.

Voltávamos pra São Paulo gorduchos e corados. Gostava de me ver no espelho, duas bochechas vermelhas com olhos verdes. Ainda combino verde com rosa ou vermelho,

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

pela lembrança boa.

Não usávamos protetor solar e era lindo descascar. No máximo, a gente passava água de magnésio quando a pele ardia à noite, depois de um dia de sol.

Aprendi o que era música ali, com a Francinete e a Rosália, as moças que olhavam por nós, também com o Paulo Sergio e o Roberto Carlos.

Ainda hoje, milhares de anos depois, sei as canções de cor e ainda canto com eles.

“Ah, eu vim aqui, amor, só pra me despedir...”

E as últimas palavras desse nosso amor, você vai ter que ouvir.”

Marcelo Pereira da Silva

A filha de Nair

O que nos ajuda a reviver a sensação da presença? Os cheiros não se preservam nas roupas, pormais que tentemos fechar os olhos e inspirar profundamente. As fotos são estáticas, preservandouma fração de momento que, muitas vezes, não se pode identificar; sorrisos não contam, por si, ashistórias. Vídeos detalham os fatos e trazem os sons, mas não interagem; são maus interlocutores, que falam e cantam, mas não ouvem. Como, então, lidar com essa velha amiga, que nos recorda, numa via de uma diferente dor, feita de doce e amargo, aqueles ou aquilo que um dia não precisávamos nos esforçar para lembrar que tínhamos? Pois é. Coisas da saudade.

Rosana tinha consciência dessas coisas... e medo de esquecer. Procurava se recordar da falecida mãe, que a deixou naquela fase em que a criança cansa de correr pelo quintal e, abruptamente, cresce, para correr por outros motivos menos lúdicos. Não conseguiu se despedir, sabendo, poruma tia querida, que Nair descansara, trocando sua cama de dor por uma eternidade de felicidade. Claro que chorou! Claro que viveu, junto com seu pai, todos os processos do luto, todo o período de reconstrução, todo o esforço de aceitação e de visão turva de sua ausência nos seus cantos favoritos da casa. Numa demonstração de cuidado mútuo, Rosana e seu pai não tocavam no assunto um com o outro, com a atenção de não sangrar feridas com cascas definitivamente finas. A maioria das roupas de Nair fora doada aos mais necessitados, seus objetos pessoais divididos entre membros queridos da família... Exceto aquela toalha de bordado: “AMO VOCÊ, RÔ.”

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

Nove anos se passaram desde então, e a voz de Nair ficava cada vez mais fraca na mente de Rosana. A voz de uma mulher tímida, que não gostava de ser filmada, poucas vezes fotografada. Seu cheiro, embora sendo de um perfume conhecido, não possuía o mesmo odor em outras peles. Sua comida não poderia ser reproduzida, por mais que se combinassem todos os ingredientes e temperos. O que fazer? Uma ideia. Infelizmente, além de suas possibilidades.

Todas as noites, uma tentativa descomunal de lembrar do que podia. Um olhar atento aos detalhes do bordado, uma prece de agradecimento por sua vida. Um desejo de adormecer... e sonhar. Sonhar com Nair. Todas as manhãs, uma decepção. Sonhos aleatórios, bons, maus, engraçados, assustadores. Mas nenhum que atendesse suas expectativas.

Os dias gastam os desejos não realizados, como é de se saber. E, quando tudo parecia convergir para mais uma noite de sonhos banais, Rosana entrou em sua casa do passado, com uma sacola de brioques nas mãos. Brioques? “Será?” Sentiu o cheiro. “Nossa, o mesmo cheiro dos brioques da padaria da esquina, aquela que fechou...” Como nos faltam o discernimento nos sonhos, continuou sua trajetória, abrindo a porta da sala. Sentados, seu pai e, em seu canto preferido do sofá, Nair.

Um sonho de cotidiano. Uma experiência em que se ignoram os fatos futuros. Nair chamou-a para sentar-se ao seu lado. Rosana nada mais possuía nas mãos. E os pães? Sonhos... Reclinou sua cabeça no colo materno. Sentiu seu cheiro e seu toque. Levantaram-se e foram almoçar, falando de pessoas conhecidas, mas esquecidas, e desconhecidas. Ouviu Nair rindo, como só fazia quando estavam somente os três. Comeu um bocadinho de seu frango cozido e encheu um copo de suco de acerola. De repente, estavam na janela, vendo aquele famoso pôr do sol, que Nair sempre

atribuíacomoseu. À noite, um beijo e as bênçãos de sempre. Antes de dormir, uma última frase:

– Seja uma boa menina! – um barulho de sinos. Hora de acordar. Um coração que bateu mais forte, extravasando um choro não de tristeza, mas de saudade... Sim! A amiga saudade.

Tempos depois, Rosana estava voltando de seu trabalho em um ônibus. Na altura da Rua BoaMorte, uma senhora entrou, demonstrando certa dificuldade ao passar pela catraca. Apressadamente, a filha de Nair levantou de seu assento e a ajudou, oferecendo, logo em seguida, seu lugar. Uma vez acomodada, agradeceu pela gentileza e ariscou assuntos, o que foracorrespondido. Próxima de sua descida, Rosana puxou o sinal e se despediu. E, na última-possibilidade comunicativa daqueles dois seres que talvez nunca mais se encontrariam novamente – e, de fato, nunca mais se encontraram – a senhora emendou, numa sinceridade direta:

– Você é uma boa menina.

Rosana sorriu. E desceu. Sim. Ela era uma boa menina.

Edweine Loureiro da Silva

Cine Chaplin

O prédio ainda estava lá. Mas, no lugar do cartaz de algum filme, a parede estava pintada com os dizeres: “Assembleia de Deus”, frase esta que, apesar de sagrada, causou-me grande melancolia, pois, naquele instante, lembrei-me das tardes de sábado, hoje distantes, quando adentrávamos, meu irmão e eu, o Cine Chaplin, localizado no centro de Manaus – geralmente após esperar horas em uma fila que, dependendo do sucesso hollywoodiano, tomava conta de toda Avenida Joaquim Nabuco, uma das maiores da cidade. Foi assim com “Titanic”, “Ghost”, somente para citar alguns dos filmes que o Cine Chaplin exibiu.

Inaugurado em 1980, com o filme “Bye, Bye Brasil”, de Cacá Diegues (sessão esta antecedida por um curta de Chaplin, como era de se imaginar), o pequeno cinema fez tanto sucesso entre a população que possibilitou o surgimento de cinco outras salas no centro da cidade – Oscarito, Grande Otelo, Carmem Miranda, Cantinflas e Renato Aragão –, todas de propriedade do empresário e cinéfilo Joaquim Marinho, a quem tive o prazer de entrevistar para um trabalho escolar na década de oitenta. Amigo de minha mãe, Sr. Marinho, certa vez, recebeu-nos gentilmente em sua casa para ajudar-me com um trabalho escolar a respeito de cinema. E, enquanto ia lhe fazendo as perguntas, eu observava, fascinado, os muitos cartazes de clássicos nas paredes: “Ben-Hur”, “E o vento levou”, “O Poderoso Chefião”, somente para citar alguns. Sr. Marinho, por sua vez, percebendo o meu entusiasmo, premiou-me com uma aula de cinema... além de uma pintura com Carlitos estampado, tesouro que guardei com muito carinho por toda a minha

adolescência.

Anos mais tarde, em 2015, durante uma de minhas visitas a Manaus (moro no exterior desde 2001), revi o Sr. Marinho, à distância, em uma livraria no centro da cidade. Estava então em uma cadeira de rodas. Perdera, havia anos, as salas de cinema que possuía, engolidas pelos modernos multiplexes dos shopping centers. Não me aproximei na ocasião para falar-lhe, porém, e isso por dois motivos: primeiramente porque temia que ele não me reconhecesse; e, segundo, porque, de modo egoísta, preferi preservar na memória a imagem daquele homem que, conhecedor de cinema, fizera a alegria de um pequeno cinéfilo naquela visita da década de oitenta.

O ano em que revi Sr. Marinho, aliás, foi também o de minha última visita a minha cidade natal. Não sei, portanto, se, no lugar do Cine Chaplin, ainda há a igreja, ou mesmo se o prédio ainda se mantém em pé. Tudo o que sei é que, das muitas saudades que povoam o meu coração, a salinha Chaplin e o Sr. Marinho possuem um lugar especial. Um lugar eternizado pelo sorriso de um menino nas tardes de sábado em Manaus.

Maria do Rosário Rodrigues da Cruz Nazareth

Nas rotas da saudade

Todo os dias ela é minha fiel companheira, quando acordo às cinco da manhã, ela já está ali a me esperar, serena, incansável e às vezes atrevida me aguardando para o trabalho. No ponto do ônibus, percebo nos olhares que outros também a conhecem, uns a aceitam de bom grado, outros maldizem o dia que ela chegou.

E, de repente, estamos todos no mesmo barco sobre rodas, circulando pela cidade, e fico ali estudando cada rosto ou fisionomia, tentando decifrar qual foi o momento que ela chegou para cada um. E então percebo que ela não escolhe idade, raça, sexo ou classe social.

Seja pela infância que se foi, quando se lembra da casa da avó com o cheiro de broa quentinha e café fresco; ou pelo amor que foi embora; ou pela mesa farta do natal quando a família se reunia; ou ainda pela perda de um ente querido, ela sempre está ali, às vezes quietinha, silenciosa, outras vezes barulhenta com prantos que insistem em cair.

Por algum tempo eu a rejeitei, quem ela pensa que é? Chegou sem ser convidada e se instalou junto a mim. Com o passar do tempo, fui aceitando a intrusa, aprendi a lidar com ela, e percebi que depende de mim a intensidade e a importância que a dou.

Às vezes, penso que estou imune a ela, mas, de repente, passando a playlist, sem querer toca Engenheiros do Haváí... Era um garoto que como eu... e vem as lembranças dos “Tempos idos”, dos colegas de escola que pulavam e giravam as camisas no ar em euforia, quando a única preo-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

cupação era se divertir e tirar notas boas no colegial, e ela vem com força total rasgando o peito, judiando da gente.

E assim somos despejados da condução, cada um em sua estação do tempo, com sua companheira mais fiel e inseparável... e vamos seguindo os dias nas rotas da saudade.

Eduardo Soares Jorge

Saudade

Senti vontade de ter uma saudade nova. Isenta de temores, receios, anseios, arranhões e cicatrizes. Saudade sem fenda ou abismo. Saudade não rasa ou que não arrasa comigo.

Saudade sem complexidade ou superficialidade. Saudade sem becos, ruas, subúrbios, subterrâneos ou subterfúgios. Seria uma saudade saudável, sem escusas, recusas, sem garras, grades, sem escadas ou escudos. Saudade desarmada e desalmada, caso a alma em questão cultivasse amargura.

Seria uma saudade sem ordem ou armadura. Saudade sem normas, sem aviso, sem leis, sem regras a obedecer, sem decretos, sem pactos secretos, sem réplicas, sem réplicas.

Não seria saudade bandida, pois bandidos precisam, antes de qualquer coisa, nascer. Como eu disse no início, seria uma saudade nova. Recém nascida, estaria adormecida no berçário das paixões avassaladoras que ainda não tive.

Só que o tempo dessa saudade não seria feito nosso tempo. Uma noite de desejos indômitos por alguém que desconheço equivale a dez anos de saudade. Veja você, uma noite por dez anos. Dizem que os cabelos brancos nascem sob o olhar da lua. Não duvido. Saudade antiga faz envelhecer. Enquanto não cresce, saudade nova tem o dom de nos rejuvenescer.

Devido ao pulsar descompassado, meu coração foi atraído pela tal ideia da saudade nova. Saudade sedutora, dona de um perfume que ainda não senti. Dona de um

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

pescoço que ainda não beijei e arrepiei. Dona de seios que se delíam enquanto me delíio ao perfazê-los com minha língua.

Bate, saudade virgem. Bate dentro de mim. Valse-me. Baile sobre meu peito, incendeie os músculos, risque minha derme. Aqueça minh'alma. Faça aquilo que nenhuma saudade fez: fique. Saudade que vai vira esquecimento.

Seja saudade nova e permanente.

“Sentindo o frio
Em minha alma
Te convidei prá dançar
A tua voz me acalmava
São dois prá lá
Dois prá cá...”

Nilza Menezes dos Santos

Festejos; saudades...

Tarde nublada de domingo; revejo vídeos, fotografias na rede social. E mergulho numa saudadezinha morna...

Eu ia com vovó Dita buscar, nas hortas, verduras frescas para o almoço comunitário. Taioba, peixinho, quiabo. Batata-doce, inhame, feijão de corda. Lá pelas onze, a turma vinha, chegando dos mutirões. Combinava-se a preparação dos festejos – as congadas.

Seo Divino trazia o tacho. Nós, meninas, e os moleques, primeiros a encher as canecas do doce mais gostoso da lembrança. Nós, os donos do quintal nas brincanças. Cachorros rolando na terra, pé de fruta pra subir, pássaros cantando na mata. A aventura pura de viver, no pequeno vasto mundo do quilombo Terra.

Dias de festejo, madrugadinha vinham chegando, de longes, os ônibus, trazendo os participantes. Vestimentas, instrumentos, fitas vistosas enfeitando, foguetes. O Rosário. “Eu vou, eu vou! Eu vou, já vou pra lá...”

Capitão no comando, saudação à rainha anciã com manto de flor. E sai o cortejo, à frente, os mestres. Todos em procissão, os pés ligeiros marcando as gungas. Nós, pequenos, no aprendizado, no ritmo. O povo se ajuntando pra ver, acompanhar.

Depois, a confraternização do almoço na casa festeira. Ao final, agradecimentos, danças e cantos de despedida.

“Oi, min’hora já chegou, eu não posso demorar!”

Adeus, adeus, eu vou m’imbora...”

Voltávamos para casa, levando certezas: que para cada mal do mundo, há um ror de bondades que o céu manda; que a vida é generosa de belezas! Belezas singelas, como



Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

os festejos; como a chuva caindo sobre as hortas, sobre as matas, neste nosso grande quilombo chamado Terra...

Aldemir de Oliveira Morais

Saudades de alguém

A tal da saudade é um sentimento mundial, mas para quem vem de família mineira, esse sentimento vem “ado-brado”, como eles mesmo dizem.

Tudo para os mineiros é sinônimo de saudade. Tudo faz lembrar de alguém, de algum lugar ou de algum momento. É o pé de ipê que havia no quintal da vovó, o ferro à brasa, o fogão à lenha, o “córgo”, a chuva, a carne de porco na lata, o rádio de mesa...

Eu era pequeno, mas recordo da vendinha do meu avô Eduardo, que ficava aberto até tarde da noite sob a luz do lampião. De dia ele vendia mantimentos e a noite lambicada. Lá tinha de tudo um pouco: sacas de farinha e feijão, fumo de corda enrolado em cima de um tamborete, querosene, carne seca, pilhas, panos, agulhas e daí vai... Sempre tinham três ou quatro “cumpades” escorados no balcão a noite, contando causos ou acompanhando meu avô cantar “chico mineiro” ou “menino da porteira”. Eu ficava imaginando as histórias das músicas e observando as sombras se mexendo como se fossem almas nos cantos do salão, causadas pelas velas e pelo lampião. Até o barulho do grilo não sai da minha lembrança. Às vezes meu avô ria tanto que faltava perder o fôlego, mas às vezes falava de forma triste e pesarosa, principalmente ao lembrar de algum conhecido que já se foi.

De manhã, quando abria a vendinha, a primeira coisa que ele fazia era ligar o rádio de mesa para ouvir Zé Bétio e músicas caipiras. A melodia das músicas se misturava com o cheiro peculiar do ambiente, trazendo uma enxurrada de sensações marcantes.

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

Se tinha uma coisa que ele não deixava passar batido era eu chegar e não pedir a bênção. Ele fechava o rosto fingendo estar bravo, estendia a mão com a palma virada para cima e esperava. Só depois que eu pedia a bênção, ele abria um sorriso.

Por causa do meu avô e de sua mineirice, cresci apaixonado pelo som da viola, pela família, pelos campos e pelas coisas simples da vida. E, ao recordar essas memórias, sinto ecoar na minha mente a letra daquela música caipira que diz: “A dor da saudade, quem é que não tem. Olhando o passado, quem é que não sente saudades de alguém.”

Luiz Eduardo de Carvalho

Saudade da Infância

Há um indelével lugar habitado pela memória do que restou, uma história a ser contada para retornar ao espaço de antes. Tão perto, tão distante, feito de lembrança dos dias de criança... um espaço chamado infância.

Ali, habitam os pais que não existem mais, residem os avós queridos de semblantes esquecidos, moram tios e primos apartados do convívio esmorecido, encontra-se a esperança do que já não se alcança nos fatos do seu futuro, nosso presente frustrado.

É o berço de tantos planos, uns tantos não contemplados, cenário aonde sempre vamos em resgate dos mesmos projetos: sonhos de desejos abstratos, diante de obstáculos concretos que o inocente querer não via na via da esperada conquista que, como crianças pretensiosas, realizaríamos por decreto, mediante a compulsão do desejo, na pulsão do ensejo em que éramos pura ingenuidade, pretensão e imaturidade.

Um terreno para sementes da lavoura que sustentaria a vida contente para sempre, que o passar do tempo traria ao porvir de tantas certezas as quais, então mal sabíamos, dependiam de certas proezas que jamais alcançaríamos naqueles dias de demasiada inocência.

Ainda está lá um país para degredo da ilusão não alcançada e transformada em arremedo da transviada Estrada, que conduziria à quimera da realização sonhada, enquanto tudo era mera espera que o presente ainda aguarda na expectante crença que a delibera.

Muito depois dali, anos de muitos espaços adiante, vistos em retrospectiva, os anseios do infante permanecem

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

imaculados como algo a ser alcançado pela teimosia da fantasia, cuja realização queria como fato consumado.

Um reduto de resgates das velhas perspectivas deixadas sem arremates: as frustradas expectativas no aguardo destes dias em que as possibilidades reatem em uma trama de reinventados fios que atem a velha esperança enfim refeita nas reinventadas crenças da infância.

E quando visitamos esse lugar, não é o lugar que pretendemos reencontrar, mas nós mesmos que por lá um dia habitamos. Viajamos em busca do que já não há, certos de encontrar e, sem nada trazer ao retornar, lá também deixamos a certeza de que, naquele lugar em que a infância se concretizou, foi onde toda a nossa eterna busca principiou. E da viagem, por isso mesmo sempre inconclusa, resta apenas a saudade!

Karine de Fátima Ferreira

Quase saudade

Conheço um rapaz que diz que sente quase saudade de algumas pessoas e situações. Mas, peraí, quase saudade?

Isso não existe. Saudade é um sentimento tão particular, tão dolorido que nem aceita parcelamento, dói de uma vez, à vista.

Dói em momentos banais, como presenciar uma cena na fila de um banco, sentir um cheiro ou ouvir uma música especial.

Sinto saudades da infância e de achar que o mundo era mágico. Era tão bom ter um adulto preferido e se sentir ligado a alguém de forma tão simples, como assistir um desenho juntos ou brincar de observar os formatos das nuvens. Ou de assistir desenhos antes de me arrumar para ir à escola, de brincar de correr no recreio e de me sentir a mais inteligente porque somei, de cabeça, dois mais dois sozinha.

Sinto saudades monumentais da adolescência, por exemplo. Daquela pessoa que achava que a vida até os trinta anos era baseada em conquistas e que tudo iria dar certo. Que o caminho seria reto, sendo estudar, dormir e consumir frutas e legumes cinco vezes na semana a receita para o sucesso.

Época em que eu acreditava que a consequência do diploma era o trabalho dos sonhos, a remuneração e as férias na praia. Que ter irmãos era uma união leve, livre de conflitos, afinal, passamos a vida toda juntos, o que daria errado na vida adulta? Que o amor recíproco era fácil de alcançar e o resultado seria o casamento e os filhos sorrindo em volta da mesa logo pela manhã, como nos comerciais das

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

novelas. Que o envelhecimento dos pais não seria um fator de estresse e desalento. Que os amigos da escola são os amigos da vida toda.

Na adolescência, não tinha conhecimento do mundo caótico, faminto e injusto em que habitamos. Falar inglês seria a chave para alçar os maiores vôos profissionais. A ressaca não era tão duradoura. O sono não era abalado por contas no meu nome, que chegam mês a mês e cada vez mais altas. As roupas eram lavadas e passadas semana a semana e sempre tinha comida pronta quando a fome chegava.

Sinto saudades, agora adulta, da época em que eu acreditava verdadeiramente nos meus sonhos, e achava que o comprimento das minhas roupas, meus pensamentos e ideais de vida não seriam motivos para preconceitos, assédio e abusos por parte de alguns homens e da sociedade silenciosa que nos observa.

Saudades de responder: “Estou bem!” e ser verdade.

Saudades de mim, da criança que fui, da adolescente que fui e da mulher que achei que seria.

Saudades dos meus adultos preferidos.

Então, rapaz que conheço, depois de tudo externando, digo-lhe: quase saudade não existe, mas quase felicidade, infelizmente, sim.

Délio José Cordeiro Galvão

Gosto de saudade

Quando acordei naquela manhã, olhos remelentos entreabertos, vi pequenas manchas brancas espalhadas pelo chão de nosso quarto. Apressei-me em acordar minha irmã e meu irmão mais novos, que, assim como eu, correram para ver a trilha formada por aquelas marquinhas. De perto, vimos tratar-se de três pequenas manchas, que juntas compunham...

– As pegadas do coelhinho da quáscoa! – gritou minha irmã.

– Vamos seguir – eu disse, e os coloquei atrás de mim, em fila indiana.

Uma prerrogativa do irmão mais velho: dar ordens, ser obedecido e conduzir a trupe para fazer o que prestava ou, como na maior parte das vezes, ao que não prestava.

– Veja se não pisa nas pegadas dele, hein!

– Elas estão indo pra sala imão.

– Eu sei, já vi! Vamos devagar para não assustar o bichinho. Shhh, façam silêncio – dizer isso foi o mesmo que ordenar “gritem bem alto, seus pestinhas!”

– Mamãe, mamãe, o coelhinho da quáscoa esteve aqui!!! Olhe as pegadas dele.

Minha mãe e minha avó colocavam a mesa para o café da manhã. Bolo de milho, pão de queijo – cuja massa fora fabricada em casa –, e um bolo de formigueiro recém-saído do forno. Uma jarra com leite quente e um bule de café fumegante.

As duas fizeram caras de espanto, como se as pegadas fossem algo de outro mundo. Em seguida juntaram-se a nós naquela investigação, acerca das curiosas marcas espa-

Viajando Na Leitura

PIRACICABA - SP

lhadas pelo chão. Fingiam seguir minhas instruções e, com isso, deram mais veracidade àquela suposta invasão. Um pequeno roedor havia nos visitado, com certeza, na calada da noite em questão.

– Ele veio pela janela, viram só? – vovó alardeou, enquanto apontava para as pegadas que conduziam as folhas da janela entreabertas –, deve ter deixado os ovinhos escondidos e foi-se embora.

– Selá, mamãe? – meu irmão caçula perguntou olhando para ela, franzindo a testa e fechando os olhinhos.

– Claro – eu disse, antecipando-me à resposta dela – agora temos que procurar. Vamos, vamos procurar! – e o puxei pela mão.

A procura sempre rendia frutos, entre eles, o mais singelo, alegre e sincero sorriso estampado no rosto de cada um de nós, ao encontrar o seu troféu achocolatado, que fora deixado pelo coelhinho da “quáscoa”.

Poucas semanas depois, começaríamos uma nova tarefa: preparar os presentes para o Dia das Mães. Para ela e para a vovó! Esta última, a mais homenageada naquele dia, pois, afinal, “a vovó é mãe duas vezes”.

Os almoços para comemorar a data eram inesquecíveis. Só a vovó era capaz de cozinhar mais gostoso que nossa própria mãe. Para mim, ela escondia o jogo e ainda não havia ensinado tudo o que sabia para a filha dela. O bolo de fubá, assim como a torta de morangos...sem igual!

Quando fiz 22 anos, a nossa avó nos deixou. O Dia das Mães daquele ano foi de uma tristeza profunda. O almoço teve gosto de saudade. A cadeira dela na cabeceira da mesa estava vazia. A sobremesa fora sorvete da Kibon. Aquele com três sabores. Muito triste...

Aos 26 anos, me casei e passei a me responsabilizar pelos presentes da minha mãe e da minha sogra. Também co-

Viajando Da Leitura

PIRACICABA - SP

mecei a engordar! As homenagens começavam no café da manhã, na casa da sogra, e terminavam com o almoço, na casa de minha mãe. A reunião contava com presença dos meus irmãos, cunhados e, mais tarde, os filhos destes que vieram a se juntar aos meus. Haja rosa para prestar tantas homenagens!

Um dia, que eu espero que esteja bem distante, minha mãe também irá nos deixar. Minha esposa assumirá a posição de honra nessas datas, que continuarão a ser comemoradas na minha casa. Acredito que chegaremos a ser avós. E, sem perceber, em um certo ano, vamos assistir às nossas filhas usando os chumaços de algodão, embebidos em talco Jonhson, fazendo marcas no chão da casa e escondendo ovinhos para que os nossos netos possam procurar.

Os anos vão passar. Chegará o dia em que também eu não estarei mais aqui para homenagear estas maravilhosas mulheres de nossas vidas: mãe, avó, esposa, filhas e netas. Mas estou certo de que um coração amoroso de mãe ensinará à nova geração a fazer as misteriosas pegadas do coelhinho da páscoa. E a magia vai continuar...

Leda Coletti

Um preito à Saudade

Como foi bom ter a infância vivida no campo! Deu para entender melhor o nosso grande escritor piracicabano Thales Castanho de Andrade, quando escreveu o seu livro “Saudade”, pois esta chega com muita intensidade, principalmente quando relembramos fatos passados.

Saudade de tantas pessoas queridas que se foram! Também dos animais de estimação, das flores campestres na beira dos riachos, da escola, das viagens diárias na “jardineira”, da estrada de terra, do ribeirão, onde brincávamos nas suas águas mansas, em dias ensolarados!

Saudade da juventude, dos bailinhos na roça, das serenatas dos amigos, encontros amorosos no cinema ou nos jardins, vislumbrando um futuro radioso e feliz!

A saudade parece se intensificar no inverno da vida e vem o desejo de voltar a viver tudo de novo. Até dos sonhos, que não foram realizados, temos uma saudade. Então, bate uma tristeza...

Ainda bem que não é duradoura, porque um sentimento bom a substitui, nos fortalece e faz vislumbrar uma estrada que tem o nome de esperança. Ela transmite o entusiasmo e a motivação de uma criança, que se encanta com a natureza e com os homens. E esta comunhão com todos faz muito bem ao coração.

Então a alegria retorna e a vida se torna uma cantiga feliz.

Bruna Salgado Baldez

Doralice

Naquele dezesseis de maio, bem mais lhe teria cabido um minuto de riso em lugar do silêncio. Uma tarde de domingo com almoço, futebol e café lhe teria sido uma pintura mais fidedigna.

É que, por um instante, abafaram-se as gargalhadas. Os pratos ficaram vazios, a sobremesa estragada, a televisão desligada.

Até hoje tropeço na sua ausência. Espanta-me que seja memória em lugar de matéria.

“Bobagem”, ela diria.

E com razão: a memória é mais presente que passado, afirmam cientistas. As coisas findas é que ficam, disse Drummond.

Em mim, constato, ecoam suas risadas, seu excesso de generosidade e até a falta de vaidade.

Há mais de tangível que etéreo em noventa e três anos.

Comissão Julgadora

Angela Maria de Souza Palma
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto
Ivana Maria França de Negri

Organização

Academia Piracicabana de Letras
www.academiapiracicabana.com.br

Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
www.ihgp.org.br

Apoio

Rotary

Patrocinadores

www.pecege.com
www.objetivopiracicaba.com.br

**Diretoria da Academia Piracicabana de Letras
Triênio 2022-2025**

Presidente: Vitor Pires Vencovsky

Vice-Presidente: Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Primeira Secretária: Ivana Maria França de Negri

Segunda Secretária: Valdiza Maria Caprânico

Primeiro Tesoureiro: Edson Rontani Junior

Segundo Tesoureiro: Alexandre Sarkis Neder

Diretoria de acervo: Raquel Araújo Delvaje

Conselho Fiscal

Waldemar Romano

Cássio Camilo Almeida de Negri

Aracy Duarte Ferrari

Conselho Editorial

Evaldo Vicente

Edson Rontani Júnior

Ivana Maria França de Negri

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

**Diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Biênio 2022-2024**

Presidente: Edson Rontani Júnior

Vice-Presidente: Valdiza Maria Capranico

Primeira Secretária: Sylvana Zein

Segundo Secretário: Augusto Assis Cruz Neto

Primeiro Tesoureiro: Waldemar Romano

Segundo Tesoureiro: Claudinei Pollesel

Orador: Armando Alexandre dos Santos

Diretor de Acervo: Noedi Monteiro

Suplentes da Diretoria

1º André Manoel da Silva

2º Cynthia Regina da Rocha Silva

3º Aracy Duarte Ferrari

Conselho Fiscal

1º João Umberto Nassif

2º Leandro Antônio Pavan

3º Newman Ribeiro Simões

Suplentes do Conselho Fiscal

1º Antonio Carlos Angolini

2º Epaminondas Sansigolo de Barros Ferraz

3º Luiz Antônio Rolim

Comissão de Publicação

Angela Maria Furlan Nolasco

Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Carolina Martin

Vitor Pires Vencovsky

© 2023 — Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Academia Piracicabana de Letras

Viajando na Literatura

Todos os direitos desta edição reservados ao
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE PIRACICABA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS
www.ibgp.org.br
academiapiracicabana.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio — eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação — sem permissão, por escrito, dos editores.

Organização: Academia Piracicabana de Letras
Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba
Ilustração da capa e do miolo: Rodrigo Passarin
Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-65-981559-0-2 — 1ª Edição - 2023

Produzido no departamento editorial da
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA



a gráfica digital da **EDITORA DO CONHECIMENTO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Autores diversos

Viajando na Literatura / Autores diversos ; reatização: Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba / Academia Piracicabana de Letras - Limeira, SP: Primeira Leitura, 2023.

230 p.

ISBN: 978-65-981559-0-2

1. 2. 3. 4. I. Título II.

23-

CDD -

Índices para catálogo sistemático:

1.



APL
Academia
Piracicabana de
Letras



IHGP
Instituto Histórico e
Geográfico de
Piracicaba

SEMAC
SECRETARIA DA
AÇÃO CULTURAL



PREFEITURA DE
Piracicaba
TRABALHO SÉRIO

ISBN 978-6-5999988-0-1



9

786599

998881